

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH

**A REPRESENTAÇÃO DO QUOTIDIANO DAS CRIANÇAS
PELO DESENHO LIVRE**

Diana Lopes Sousa

Mestrado em Educação Pré-escolar
Relatório final realizado no âmbito da Área
Científica de Prática de Ensino Supervisionada

Orientador: Mestre Teresa Meireles

Lisboa, junho de 2015

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH

**A REPRESENTAÇÃO DO QUOTIDIANO DAS CRIANÇAS
PELO DESENHO LIVRE**

Diana Lopes Sousa

Mestrado em Educação Pré-escolar

Relatório final realizado no âmbito da Área
Científica de Prática de Ensino Supervisionada

Orientador: Mestre Teresa Meireles

Lisboa, junho de 2015

Epígrafe

*O desenho é "um jogo tranquilo que não exige
companheiro e ao qual se pode dedicar em casa tão
comodamente como ao ar livre."*

Luquet, 1969, p. 15

Dedicatória

Dedico este Relatório Final à minha
Bisavó Miquelina que durante esta fase nos
deixou.

Agradecimentos

Este relatório final, mais do que um trabalho individual, foi também conseguido com o apoio, colaboração e participação de várias pessoas neste longo processo. A todos eles, deixo aqui os meus agradecimentos.

Em primeiro lugar, à professora Teresa Meireles, por me auxiliar com todo o seu saber, pelos conselhos e pela paciência ao longo destes meses de trabalho conjunto.

Aos restantes professores que, não estando diretamente ligados a este relatório, me guiaram e transmitiram força para continuar.

À Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich que me acolheu durante o meu percurso académico, fazendo de mim uma melhor profissional de educação.

A todas as Instituições e Educadoras que me acolheram nas suas salas, mas em especial à Educadora Madalena Andrade, que me transmitiu os seus saberes e prescindiu do seu tempo educativo para me permitir implementar todas as ferramentas necessárias à realização deste relatório.

À instituição que me recebeu para a realização da minha prática pedagógica, e às crianças da sala 4 que, com a sua participação, tornaram possível a concretização deste estudo.

À professora Margarida, que tornou possível o meu sonho académico, desde o início da minha entrada na faculdade até ao final.

A ti, André, pelo carinho, amor, amizade e encorajamento para nunca desistir.

À minha família, em especial aos meus pais, pelo apoio incondicional desde a minha entrada para o mundo académico. Por me ouvirem e encaminharem através dos seus saberes.

A todos, um muito Obrigada!

Resumo

O trabalho que está na gênese do presente relatório, intitulado “A representação do cotidiano das crianças pelo desenho livre”, teve como principal objetivo tentar compreender, a partir do desenho infantil, quais as vivências significativas para um grupo de crianças com idades compreendidas entre os 4 e 5 anos. Deste modo tivemos como finalidade, entender/analisar se o desenho das crianças expressa as vivências significativas e se o contexto é determinante na elaboração dos mesmos. Este trabalho foi desenvolvido com a utilização de uma metodologia de cariz qualitativa e os dados foram recolhidos por meio da observação participante e de diálogos efetuados após a realização dos desenhos. Esta investigação permitiu concluir que o contexto escolar deve fomentar espaço para as criações livres da criança através da comunicação entre esta e o adulto, possibilitando um melhor conhecimento das situações vividas e sentimentos expressos, não só nas suas reproduções gráficas, a partir do jogo simbólico, bem como nos dados recolhidos a partir dos diálogos que, expressaram bastante as vivências emocionais e do quotidiano.

Palavras-chave: Desenho; Infância; Crianças; Jardim-de-infância; Ambiente educativo.

Abstract

The work at the origin of the present report, entitled “The representation of everyday life by children through free design”, had as its main objective trying to understand, by observations of infants’ drawings, which are the significant events experienced in a group of children of ages 4 to 5. The ultimate goal of this being to understand/analyze whether the child’s drawing reflects significant experiences and whether the elaboration of said drawings is determined by context. This project was developed by using a methodology of more qualitative nature in which data was collected by means of participant observation and dialogue carried out after the drawings had been completed. This investigation reached the conclusion that scholastic context should stimulate a child’s free creation through communication between said child and the adult, allowing for a better understanding of a child’s experiences and their expressed feelings, not only through graphic reproductions, by the manipulation of symbols, as well as data collected from dialogue which, sufficiently express the emotional and everyday experiences.

Keywords: Drawing; Childhood; Children; Kindergarten; Educational environment

Índice

Introdução.....	1
Capítulo I – Enquadramento teórico	5
1.1. A importância da comunicação na evolução da criança	5
1.1.1. Importância da socialização no desenvolvimento da comunicação	6
1.1.2. A linguagem como instrumento para a comunicação.....	7
a) Linguagem verbal e não-verbal.....	9
1.2. Expressão plástica como fator de mediação na comunicação	11
1.2.1. A relevância da componente artística na infância	11
1.2.2. Orientações Curriculares e Metas de Aprendizagem relacionadas com a Expressão Plástica	12
1.2.3. A Expressão Plástica no Jardim-de-Infância.....	15
1.2.4. Papel do educador como promotor da expressão artística em meio educativo ...	16
1.3. O desenho infantil e a sua evolução.....	18
1.4. O desenho livre como forma de expressão pessoal	24
1.4.1. O desenho livre como representação das vivências significativas	25
Capítulo II – Metodologia.....	29
2.1. Questões de investigação	29
2.2. Objetivos.....	30
2.3. Instrumentos de recolha de dados	32
2.4. Observação participante como instrumento de investigação	33
2.4.1. Observação participante	33
2.4.2. Descrição da observação participante	34
2.5. Descrição dos procedimentos	35
2.6. Amostra.....	36
2.6.1. Descrição da instituição	36
2.6.2. Descrição do grupo.....	38
Capítulo III – Análise e Discussão de Resultados	40
3.1. Descrição da amostra	41

3.2. Representações gráficas	45
3.2.1. Categorias.....	45
Conclusão	57
Referências bibliográficas.....	62
Anexos.....	64

Índice de Gráficos

Gráfico 1 - <i>Gráfico relativo às idades do grupo</i>	38
Gráfico 2 - <i>Gráfico que retrata o género das crianças.</i>	38
Gráfico 3 - <i>Gráfico que enumera os espaços e atividades das crianças.</i>	39
Gráfico 4 - <i>Desenhos agrupados por temas de acordo com as três sessões realizadas</i>	42

Índice de Tabelas

Tabela 1 - <i>Temas dos desenhos por criança e data</i>	41
Tabela 2 - <i>Apresentação das Categorias e Subcategorias de acordo com a sua existência nos desenhos</i>	45

Índice de Anexos

Anexo 1 – Representações gráficas do D.C. 1	65
Anexo A - Representação gráfica da 1ª fase.....	67
Anexo B - Representação gráfica da 2ª fase e respetivo diálogo	68
Anexo C - Representação gráfica da 3ª fase e respetivo diálogo	70
Anexo 2 - Representações gráficas do D.Q.....	72
Anexo A - Representação gráfica da 1ª fase.....	73
Anexo B - Representação gráfica da 2ª fase e respetivo diálogo	74
Anexo C - Representação gráfica da 3ª fase e respetivo diálogo	76
Anexo 3 - Representações gráficas do D.C. 2.....	81
Anexo A - Representação gráfica da 1ª fase.....	82
Anexo B - Representação gráfica da 2ª fase e respetivo diálogo	83
Anexo C - Representação gráfica da 3ª fase e respetivo diálogo	85
Anexo 4 - Representações gráficas do D.L.	89
Anexo A - Representação gráfica da 1ª fase.....	90
Anexo B - Representação gráfica da 2ª fase e respetivo diálogo	91
Anexo C - Representação gráfica da 3ª fase e respetivo diálogo	94
Anexo 5 - Representações gráficas do D.P.....	97
Anexo A - Representação gráfica da 1ª fase.....	98
Anexo B - Representação gráfica da 2ª fase e respetivo diálogo	99
Anexo C - Representação gráfica da 3ª fase e respetivo diálogo	101
Anexo 6 - Representações gráficas do D.R.	103
Anexo A - Representação gráfica da 1ª fase.....	104
Anexo B - Representação gráfica da 2ª fase e respetivo diálogo	105
Anexo 7 - Representações gráficas da E.	107
Anexo A - Representação gráfica da 1ª fase.....	108
Anexo B - Representação gráfica da 2ª fase e respetivo diálogo	109
Anexo 8 - Representações gráficas da F.....	111
Anexo A - Representação gráfica da 1ª fase.....	112
Anexo B - Representação gráfica da 2ª fase e respetivo diálogo	113
Anexo C - Representação gráfica da 3ª fase e respetivo diálogo	116
Anexo 9 - Representações gráficas do G. 1.....	118
Anexo B - Representação gráfica da 2ª fase e respetivo diálogo	119
Anexo C - Representação gráfica da 3ª fase e respetivo diálogo	121
Anexo 10 - Representações gráficas do G. 2.....	124
Anexo B - Representação gráfica da 2ª fase e respetivo diálogo	125
Anexo 11 - Representações gráficas do H.....	127
Anexo A - Representação gráfica da 1ª fase.....	128

Anexo B - Representação gráfica da 2ª fase e respetivo diálogo	129
Anexo C - Representação gráfica da 3ª fase e respetivo diálogo	131
Anexo 12 - Representações gráficas da I.....	133
Anexo A - Representação gráfica da 1ª fase.....	134
Anexo B - Representação gráfica da 2ª fase e respetivo diálogo	135
Anexo C - Representação gráfica da 3ª fase e respetivo diálogo	137
Anexo 13 - Representações gráficas da L.D.	138
Anexo A - Representação gráfica da 1ª fase.....	139
Anexo B - Representação gráfica da 2ª fase e respetivo diálogo	140
Anexo C - Representação gráfica da 3ª fase e respetivo diálogo	142
Anexo 14 - Representações gráficas da L.	144
Anexo A - Representação gráfica da 1ª fase.....	145
Anexo B - Representação gráfica da 2ª fase e respetivo diálogo	146
Anexo C - Representação gráfica da 3ª fase e respetivo diálogo	148
Anexo 15 - Representações gráficas da M. 1	149
Anexo A - Representação gráfica da 1ª fase.....	150
Anexo B - Representação gráfica da 2ª fase e respetivo diálogo	151
Anexo C - Representação gráfica da 3ª fase e respetivo diálogo	153
Anexo 16 - Representações gráficas da M.C.....	155
Anexo A - Representação gráfica da 1ª fase.....	156
Anexo B - Representação gráfica da 2ª fase e respetivo diálogo	156
Anexo C - Representação gráfica da 3ª fase e respetivo diálogo	159
Anexo 17 - Representações gráficas da M.L.....	161
Anexo A - Representação gráfica da 1ª fase.....	162
Anexo B - Representação gráfica da 2ª fase e respetivo diálogo	163
Anexo C - Representação gráfica da 3ª fase e respetivo diálogo	167
Anexo 18 - Representações gráficas do M.2	169
Anexo A - Representação gráfica da 1ª fase.....	170
Anexo B - Representação gráfica da 2ª fase e respetivo diálogo	171
Anexo C - Representação gráfica da 3ª fase e respetivo diálogo	173
Anexo 19 - Representações gráficas da M.3	176
Anexo A - Representação gráfica da 1ª fase.....	177
Anexo B - Representação gráfica da 2ª fase e respetivo diálogo	178
Anexo 20 - Representações gráficas do R.	180
Anexo A - Representação gráfica da 1ª fase.....	181
Anexo B - Representação gráfica da 2ª fase e respetivo diálogo	182
Anexo C - Representação gráfica da 3ª fase e respetivo diálogo	185
Anexo 21 - Representações gráficas do S.	187
Anexo A - Representação gráfica da 1ª fase.....	188
Anexo B - Representação gráfica da 2ª fase e respetivo diálogo	189

Anexo C - Representação gráfica da 3ª fase e respetivo diálogo	191
Anexo 22 - Representações gráficas do V.....	193
Anexo A - Representação gráfica da 1ª fase.....	194
Anexo B - Representação gráfica da 2ª fase e respetivo diálogo	194
Anexo C - Representação gráfica da 3ª fase e respetivo diálogo	198

Introdução

É conhecido de todos nós, que a história do ser humano é composta de desenvolvimentos e evoluções. O desenho infantil também passa por diversas fases e evoluções.

Ao desenhar, a criança conta uma história, exprime os seus pensamentos e sentimentos, interagindo com o meio. Na história, que é o desenho, a criança expressa a sua personalidade através de traços e objetos muito próprios, que o adulto pode não compreender. Não devemos esquecer, a criança tem a sua própria visão!

Este trabalho tem como objetivo conhecer, através das expressões gráficas das crianças, o que é mais significativo para cada uma delas, quer sejam vivências reais, imaginárias ou sentimentos. As crianças que incorporam este estudo fazem parte de uma turma de Jardim-de-infância, residentes no distrito de Setúbal, distribuídas pelos conselhos de Almada e Seixal, ou seja, residem em zona bastante urbanas.

Os dados para este relatório foram recolhidos em local de estágio, mais precisamente no Centro de Apoio Social do Alfeite, em Almada, e é um dos vários Centros que compõem o Instituto de Ação Social das Forças Armadas (IASFA) que está localizado na Base Naval de Lisboa. Esta instituição surgiu em 1949 com o objetivo de ser um Centro Social Médico e Educativo. Mais tarde, as valências de creche e jardim-de-infância são separadas por dois edifícios distintos, ficando a creche a funcionar no antigo edifício do Jardim-de-infância do Arsenal do Alfeite desde 2009, que é situado no Bairro Social das Forças Armadas.

Esta observação e recolha de dados decorreu em valência de jardim-de-infância, com um grupo de crianças de quatro e cinco anos composto por vinte e duas crianças, nove meninas e treze rapazes. Relativamente às idades, este grupo faz anos nos

primeiros seis meses do ano, ou seja, os seus níveis de desenvolvimento são muito idênticos. Na maioria, estas crianças são filhos de militares havendo assim uma grande facilidade em contactar os pais em caso de alguma emergência. Todos eles frequentam a instituição desde a creche, por isso a educadora já conhece bem o grupo, bem como estas crianças já estão familiarizadas com a instituição.

De acordo com a Lei-quadro da Educação Pré-escolar (1997, pág. 670):

“a educação pré-escolar é a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida, sendo complementar da ação educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita cooperação, favorecendo a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário.”

Fazendo parte da educação pré-escolar está o jardim-de-infância, que tem como objetivo promover e ajudar a progredir o desenvolvimento geral da criança, identificando as suas competências, bem como obter o máximo rendimento do seu potencial humano, no conhecimento de si próprio e na descoberta do outro.

A orientação metodológica do presente estudo é qualitativa, com uma observação participante, recorrendo a diálogos de modo a que a criança possa expressar, de forma livre, as suas opiniões, bem como o investigador possa ter a possibilidade de questionar o que for mais conveniente. Para registar estas mesmas perguntas e respostas, recorreu-se à gravação em formato de áudio e vídeo de modo a registar o diálogo. Este estudo qualitativo, com base etnográfica, abrange a descrição dos eventos que ocorreram com o grupo a partir de uma perspetiva interna ao processo através da participação durante o seu desenvolvimento. É importante conversar com as crianças para que estas se sintam ouvidas e, através disto, registar e observar os seus desenhos. O registo audiovisual vai contribuir para um melhor esclarecimento deste estudo.

O desenho infantil está patente nas vidas das crianças enquanto produção representativa e como forma de linguagem, levando assim, ao seu universo expressivo. O desenho, enquanto veículo de comunicação, é indulgente de transmissão de mensagens, que em alternativa ou em conjunto com a linguagem falada, é um instrumento que as crianças dispõem para descreverem a sua percepção do mundo, na primeira pessoa.

Neste sentido considerámos questionar: A representação do desenho livre possibilita a representação das vivências significativas da criança?; Na comunicação com o adulto, a criança consegue verbalizar a sua intencionalidade presente na representação expressa no desenho livre?; De que forma o contexto que rodeia a criança surge nas suas narrativas gráficas?; Como o contexto é representado na produção do desenho livre? Estas são questões centrais para o desenvolvimento deste relatório, que procuramos dar respostas abrangentes, mas sublinhando que o desenvolvimento criativo e cultural deve constituir uma função básica da educação. Para auxiliar na resposta a estas questões, baseámo-nos nos teóricos da evolução do desenho como Luquet (1969), Piaget (1971) e Freinet (1977), bem como nos estudos de João dos Santos (1982) relativamente à linguagem e à expressão na criança.

Para dar respostas às questões expressas anteriormente, bem como, chegar ao nosso principal objetivo, foi necessário fazer uma recolha de desenhos livres do grupo que participou neste estudo. Entre as atividades letivas, foi possível realizar três sessões, obtendo-se um total de sessenta desenhos, que posteriormente, serão cuidadosamente analisados sob o ponto de vista da investigadora, com o auxílio de Freinet (1977) e Luquet (1969).

Escolhemos este tema durante a Prática de Ensino Supervisionada e após um melhor conhecimento do grupo, pois foi devido a eles e às atividades observadas que

surgiu a curiosidade de saber o que cada um poderia expressar através de um desenho, sendo este livre. A atividade foi explicada ao grupo que aderiu muito bem, sendo bastante participativo em todas as fases de estudo.

Este relatório está dividido em três Capítulos, sendo que o primeiro aborda o Enquadramento teórico, ou seja, inclui toda a pesquisa bibliográfica que dará respostas a tudo aquilo que se quer saber; o segundo capítulo explica a Metodologia utilizada, desde os objetivos, há descrição do grupo e instituição, bem como há explicação de todos os passos dados para chegar ao objetivo principal; por fim, o terceiro capítulo apresenta os dados recolhidos através de categorias, onde estão incluídos os desenhos de todas as crianças, bem como excertos das conversas realizadas entre estagiária e criança.

Capítulo I – Enquadramento teórico

Para iniciar esta problemática e dar seguimento ao trabalho de investigação, é necessário compreender que o desenho infantil é uma forma da criança se comunicar. Posto isto e, de acordo com o Dicionário da Língua Portuguesa (1999), comunicação é, “s.f. ato, efeito ou meio de comunicar; informação; convivência; lugar de passagem de um ponto para outro”. (Texto Editora, 1999, p. 148)

1.1. A importância da comunicação na evolução da criança

“Todos os comportamentos são linguagens.”

(Salomé, 1989)

Desde a nascença que as crianças utilizam recursos para comunicarem e expressarem as suas necessidades, principalmente ao seu adulto de referência.

No caso de um recém-nascido, este não fala e, frequentemente, não sorri durante as primeiras semanas, no entanto, utiliza o choro como forma de chamar alguém e depois acalma-se, sendo esta última fase uma forma de reconhecimento pelos cuidados prestados. Também adapta o seu corpo quando alguém lhe pega ao colo e começa a sorrir, ao fim de algumas semanas. Estes pequenos gestos fazem com que os adultos se sintam próximos da criança bem como a criança se sinta acolhida. (Bee, 1984)

Com o desenvolvimento natural da criança, esta vai adquirindo e desenvolvendo novas capacidades que lhe permitem expressar-se com mais percetibilidade, tais como balbuciar sons, imitar palavras ou desenhar, pintar, entre muitas outras formas. Para um bom desenvolvimento das capacidades expressas anteriormente, Cunha (2011, p. 8)

defende que “as instituições de educação infantil deveriam ser o espaço inicial e deflagrador para o desenvolvimento das diferentes linguagens expressivas (...)”. A exploração do meio envolvente, na infância, dá-se através dos sentidos, dos movimentos, das cores e texturas, da brincadeira e do jogo. É através destas explorações que o seu processo expressivo se vai modificando de acordo com o contacto com essas variadas formas de linguagem, com os materiais e com os outros.

1.1.1. Importância da socialização no desenvolvimento da comunicação

A socialização está presente nas várias etapas da vida da criança, de modo a interagir com a sua família e o seu grupo de pares. Berger & Luckmann (1976), definem a socialização como sendo um processo de construção social do indivíduo. Este processo é vivenciado de uma forma única, independentemente do género, cultura ou local onde se realiza, no entanto, os espaços mais comuns à grande maioria das crianças são, a sua casa e a escola. Estes locais são cruciais para os processos de socialização, que irão permanecer durante toda a vida, sendo a infância o primeiro nível de socialização. Este primeiro nível consiste na transformação da criança em ser social com uma grande influência da família, que lhe transmite o conhecimento das regras básicas em que se sustenta a sociedade, a moral, os costumes e os modelos dos comportamentos dessa mesma sociedade em que está inserida. Este nível de socialização é essencial, pois permite-lhe interiorizar memórias e saberes, levando à construção de um ser em crescimento. (Sociologia, 2013)

Plaisance (2004) menciona um segundo nível de socialização ao referir a ação dos educadores sobre as crianças, ou seja, neste nível dá-se a inserção da criança nos setores educacionais, bem como uma construção de relação com o seu grupo de pares.

Por fim, no terceiro nível de socialização, inicia-se a “construção do ser social por meio de múltiplas negociações com os seus próximos, e ao mesmo tempo na construção da identidade do sujeito” (Plaisance, 2004, p. 4), ou seja, através da experiência pessoal, a criança irá alcançar os princípios estruturais da realidade.

Sendo a socialização um meio que permite ao indivíduo apropriar-se das características do seu grupo social, este processo é fulcral para que se torne um membro ativo da sua comunidade, transmite-lhe as variadas particularidades da sua cultura. O processo de socialização é contínuo e realiza-se através da comunicação, desenvolvendo-a ao longo do tempo.

1.1.2. A linguagem como instrumento para a comunicação

Conhecer os vários tipos de linguagens leva-nos a perceber melhor o processo de comunicação e socialização. Mas, afinal, o que é a linguagem? Brown (1976), classificou-a como sendo um sistema arbitrário de símbolos “que tomados em conjunto tornam possível a uma criatura com poderes limitados de discriminação e uma memória limitada, transmitir e compreender uma variedade infinita de mensagens e conseguir fazê-lo apesar do barulho e da distração.” (Brown, 1976, p. 246). Convém destacar que a linguagem não é apenas um conjunto limitado de sons, já que o número de frases que o ser humano pode construir é infinito, mas cada um de nós aprende a compreender e a usar a linguagem de uma forma criativa. (Bee, 1984)

De acordo com a temática em estudo, podemos afirmar que a comunicação foi um meio muito importante para este estudo, pois foi através desta que pudemos recolher os dados a observar. No caso da linguagem verbal, as crianças explicaram as suas

criações, que são possíveis de observar em forma de desenho, sendo esta, também, uma forma de comunicação.

Até ao primeiro ano de idade, as crianças produzem sons e estes não são considerados linguagem, mas sim um período chamado de fase pré-linguística. Nesta fase de desenvolvimento, as crianças passam por diversos estágios até começarem a expressar as suas primeiras palavras. Estes conhecidos estágios fazem parte da grande maioria das crianças, sendo eles o choro, o gorjeio e o balbucio. (Bee, 1984)

Chegando aos 5 ou 6 anos de idade, a linguagem da criança é semelhante à dos adultos, pois até esta fase a criança já adquiriu o conhecimento de diversas palavras, bem como a aptidão de aplicar frases simples e complexas. Apesar destas grandes conquistas nos seus primeiros anos de vida, ainda ocorrem alguns “erros específicos” que irão ser corrigidos nos anos seguintes (Bee, 1984, p. 157).

É importante reter que o processo de desenvolvimento da linguagem não termina no jardim-de-infância, no entanto, as grandes aquisições a respeito da linguagem acontecem nos primeiros 5 anos de idade, pois é quando a criança evolui dos sons para as palavras isoladas e destas para frases simples e complexas.

a) Linguagem verbal e não-verbal

As principais modalidades da linguagem que o ser humano dispõe para comunicar são a linguagem verbal e não-verbal (Aguiar, 2004). Segundo o mesmo autor, para comunicar é necessário haver dois elementos que interagem entre si, um para emitir a mensagem e outro para a receber.

Para compreender melhor, a linguagem verbal organiza-se em função da linguagem articulada, dando origem às diversas línguas existentes e serve as mais variadas imagens sensoriais, como por exemplo, os cinco sentidos e ações cinestésicas (Aguiar, 2004).

Relativamente à linguagem verbal infantil, podemos dividi-la em dois grupos, são eles a *linguagem egocêntrica* e a *linguagem socializada*. A linguagem egocêntrica, subdivide-se na categoria da *repetição*, *monólogo* e *monólogo coletivo*. Na recolha dos dados a analisar, foram observados o *monólogo*, que é a ação da criança falar para si própria, e o *monólogo coletivo*, que é a mesma atitude da criança falar para si e, apesar de ter alguém a ouvi-la, essa pessoa não intervém na conversa. Na *linguagem socializada* podemos observar cinco subgrupos, a *informação adaptada*, a *crítica*, as *ordens*, as *perguntas* e as *respostas*. A *informação adaptada* tem por princípio o ato de a criança trocar informações com os outros; a *crítica* consiste na ação de uma criança sobre a outra, sendo esta fonte de discussões ou rivalidades, mas não obstante, esta ação só pode ser classificada de acordo com o contexto; nas *ordens* é possível afirmar, claramente, a ação de uma criança sobre outra; as *perguntas* são classificadas como linguagem socializada, porque a criança “exige” sempre respostas; as *respostas* são dadas às perguntas anteriormente formuladas (Piaget, 1977). Estes subgrupos da linguagem socializada foram possíveis de ser observados durante o material em estudo,

pois o grupo de crianças em questão esteve sempre junto, o que enriqueceu os resultados obtidos.

De todas as linguagens não-verbais, a mais conhecida e perceptível é a linguagem gestual. Esta é o conjunto de gestos, comportamentos e ações que realizamos através de todo o corpo. Este género de linguagem inclui a respiração, o olhar, gestos físicos ou atitudes corporais, sendo a fonte de todos estes sinais um perfeito emissor, o nosso corpo (Salomé, 1989). Outra forma de linguagem não-verbal que se encontra entre as mais básicas, para as crianças, são as somatizações. (Ver o ponto 1.1.2.)

Utilizar o olhar como linguagem pode ser compreendido como uma confirmação, leva a criança a sentir-se protegida e tem significado para o adulto. Também o sorriso, forte elemento de socialização, é uma forma de familiarização com o outro, sinal de bem-estar e estimulador de recetores. Igualmente usuais são os silêncios, pois todos são linguagens, mas com importâncias diferentes, e muitas crianças utilizam este tipo de linguagem para comunicar quando algo, no seu psicológico, não lhes permite expressar-se de outra forma (Salomé, 1989).

Em suma, os gestos e, mais tarde, as palavras da criança permitir-lhe-ão a comunicação, mas a linguagem falada é um meio de expressão incompleto. A expressão simbólica é a segunda linguagem que, para além de ser um meio de libertação, vem completar a primeira linguagem, a comunicação verbal (Stern, 1974).

“As crianças querem comunicar. Querem compreender e ser compreendidas.”

(Hohmann & Weikart, 2004, p. 525)

1.2. Expressão plástica como fator de mediação na comunicação

Dando seguimento à importância da comunicação nesta área de investigação, devemos realçar a sua ligação à expressão plástica. Tal facto pode-se comprovar nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, onde existe a Área de Expressão e Comunicação que “engloba as aprendizagens relacionadas com o desenvolvimento psicomotor e simbólico que determinam a compreensão e o progressivo domínio de diferentes formas de linguagem.” (Vasconcelos, 1997, p. 56) É nesta área que está inserido o domínio da expressão plástica, em que as atividades “são de iniciativa da criança que exterioriza espontaneamente imagens que interiormente construiu. Tornam-se situações educativas quando implicam um forte envolvimento da criança que se traduz pelo prazer e desejo de explorar e de realizar um trabalho que considera acabado.” (Vasconcelos, 1997, p. 60)

1.2.1. A relevância da componente artística na infância

Devido à evolução dos símbolos, a pedagogia deve levar até à criança a possível compreensão do dinamismo da simbolização através da criação e participação em diversas formas de comunicação, como é o caso das artes. (Santos, et al., 1966)

A educação artística é um direito humano universal, para todos, mesmo para aqueles que muitas vezes são excluídos, devido aos mais diversos fatores. Do mesmo modo que todos têm direito à educação com as diferentes componentes artísticas, também todos têm o seu próprio potencial criativo, pois a arte proporciona à criança uma participação ativa em processos construtivos. Se todas as crianças tiverem acesso a uma educação rica na área da expressão artística, esta permitirá desenvolver em cada

uma o sentido de criatividade e iniciativa, bem como uma imaginação mais fértil, um intelecto emocional, a aptidão de reflexão crítica, o sentido de independência e a liberdade de pensamento. Além disso, a educação através das artes estimula o desenvolvimento cognitivo. (Sasportes, 2006)

A educação pela arte permite que a criança desenvolva os seus próprios pontos de vista, observando à sua maneira e descrevendo aquilo a que está atenta segundo a sua realidade. Este género de educação é considerado um dos melhores e mais infalíveis formatos de clareza mental infantil, pois permite uma incorporação das emoções, num contexto geral, através de uma linguagem convencional. (Santos, et al., 1966)

Para a criança, a arte é fulcral para constituir a coerência necessária entre o intelecto e as emoções (Lowenfeld, 1977), pois esta “colabora para o seu desenvolvimento expressivo, para a construção da sua poética pessoal e para o desenvolvimento da sua criatividade, tornando-a num indivíduo mais sensível e que vê o mundo com outros olhos” (Coletto, 2010, p. 139).

1.2.2. Orientações Curriculares e Metas de Aprendizagem relacionadas com a Expressão Plástica

As orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar e as Metas de Aprendizagem são dois recursos fundamentais aos educadores para utilizarem nas suas salas com o grupo de crianças. Estes dois recursos auxiliam nas planificações das componentes letivas e permitem sistematizar o trabalho pedagógico de uma forma coesa.

No caso das Orientações Curriculares, estas dividem-se em três áreas de conteúdo, são elas, Área de Formação Pessoal e Social; Área de Conhecimento do

Mundo e Área de Expressão/Comunicação. Esta última compreende três domínios, Domínio das expressões motora, dramática, plástica e musical; Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita e Domínio da matemática. Relativamente ao domínio da expressão plástica, esta permite que a criança explore diversos materiais e instrumentos relacionados com a plástica. Esta expressão é um bom indutor para o desenvolvimento e controlo da motricidade fina, que também está relacionada com a expressão motora. As atividades desta área são, muitas vezes, pensadas pelos educadores, mas permitem que a criança exteriorize espontaneamente imagens que interiormente construiu (Vasconcelos, 1997).

Também é importante referir que a Área do Conhecimento do Mundo é uma área de articulação de diversos conhecimentos, envolvendo as relações com o grupo de pares, objetos e o mundo em redor.

Conjuntamente com as Orientações Curriculares, temos as Metas de Aprendizagem que são constituídas por seis áreas, sendo elas, Conhecimento do Mundo; Expressões; Formação Pessoal e Social; Linguagem Oral e Abordagem à Escrita; Matemática e Tecnologias de Informação e Comunicação. Neste caso em particular, vamos-nos focar na Área das Expressões que se divide em vários domínios e subdomínios, sendo um deles, o Domínio da Expressão Plástica como, *Desenvolvimento da capacidade de expressão e compreensão; Compreensão das artes no contexto; Apropriação da linguagem elementar das artes e Desenvolvimento da criatividade*. Estes domínios são compostos por metas finais, ou seja, no final da educação pré-escolar a criança deve ter sido capaz de realizar as propostas do educador que estiveram de acordo com as Metas de Aprendizagem e as Orientações Curriculares. Relacionada com as diferentes formas de expressão da criança, temos a meta final 9, retirada das Metas de Aprendizagem da Área de Expressões, incluída no Domínio de Expressão

Plástica – Desenvolvimento da Criatividade e no respetivo Subdomínio de Reflexão e Interpretação. Esta meta foca-se em algumas das capacidades que a criança deve ter adquirido ou desenvolvido ao longo da sua idade pré-escolar, “Meta Final 9) No final da educação pré-escolar, a criança utiliza, de forma autónoma, diferentes materiais e meios de expressão para recrear vivências individuais, temas, histórias, entre outros.”

Tendo em conta que um dos principais objetivos da educação pré-escolar é “desenvolver a expressão e a comunicação através de linguagens múltiplas como meios de relação, de informação, de sensibilização estética e de compreensão do mundo” (Vasconcelos, 1997, p. 15), a escolha do desenho ou de outra atividade expressiva deverá estar articulada com as particularidades pessoais de cada criança e as oportunidades que o meio envolvente lhe pode oferecer. No caso do ambiente escolar, a criança encontra-se num meio de diversas influências, que podem ser positivas, se forem entendidas como uma forma de a levar a ter contacto com a linguagem corporal ou com a linguagem expressiva, que é o caminho para a linguagem escrita.

O desenho, apesar de fazer parte da Área das Expressões, é uma produção gráfica nos conduz à compreensão do conhecimento que as crianças revelam sobre o mundo e o seu meio envolvente. Tal como a área de Expressão e Comunicação que possibilita à criança explorar todas as possibilidades do seu corpo, quer na relação com o espaço envolvente quer com os mais diversos objetos, conquanto lhe proporcione ocasiões de utilizar e aperfeiçoar diferentes formas de expressão (Vasconcelos, 1997, p. 79).

O desenho surge, então, como uma ferramenta possível de conciliar com as outras áreas de conteúdos, como, por exemplo, o Conhecimento do Mundo ou a Matemática, dependendo daquilo que a criança expresse.

1.2.3. A Expressão Plástica no Jardim-de-Infância

Todas as crianças sabem expressar-se, mesmo que não seja através da linguagem verbal e, mesmo que não sejam ensinadas a utilizar uma determinada forma de comunicação, elas descobrem uma habilidade de expressar os seus registos.

As escolas e outras instituições de educação devem facilitar a aprendizagem da comunicação por intermédio de atividades simbólicas, de forma a alcançar o conhecimento e desenvolvimento. Ao constatar-se tal facto, podemos verificar que se encontra aqui presente o terceiro nível de socialização definido por Plaisance (2004), pois na escola a criança tem mais facilidade em desenvolver-se a nível social, pelas diversas interações que vai vivenciando.

O jardim-de-infância é, pois, um local que possibilita o desenvolvimento da criança, quer a nível motor quer a nível intelectual, através das mais variadas áreas e atividades e recorrendo a variados recursos. É possível esta constatação na Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar que define a educação pré-escolar como sendo:

“a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida, sendo complementar da ação educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita cooperação, favorecendo a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário.”

(Vasconcelos, 1997, p. 15)

O jardim-de-infância pode ter a função de desinibir na criança algo que foi inibido, por isso mesmo, o educador deve permitir que a criança perceba que, no seu meio, nem tudo é proibido e que para tal pode usar alguma expressão como forma de comunicar certos impulsos que não pode exprimir diretamente (Santos, 1982).

1.2.4. Papel do educador como promotor da expressão artística em meio educativo

No sistema escolar, a educação continua ainda pouco ligada ao ato de desenhar, pois este permanece misterioso ao longo da sua realização (Freinet, 1977). Para a alteração desta realidade, o educador tem um papel privilegiado caso esteja receptivo a atender ao que a criança quer expressar, mais do que à maneira como o tenta fazer. (Hohmann & Weikart, 2004)

As crianças desenham com colegas e família ou sozinhas; na escola ou em casa; espontaneamente ou por solicitação dos educadores, podendo esta atividade ser importante no desenvolvimento da motricidade fina e motora, mas inibindo a espontaneidade ou criatividade da criança, se utilizada como recurso para todas as atividades executadas.

Considerando as salas de jardim-de-infância em geral, constatou-se que há crianças que possuem pouca habilidade para as atividades mais artísticas, crianças que dizem não saber desenhar ou que apresentam dificuldades nesta tarefa. Quando expressam dificuldades em desenhar algum objeto, recorrem, por isso, ao educador, para que este as ajude ou faça algo por elas (Freinet, 1977). Este é um comportamento muito usual, mas que deve ser combatido pela liberdade de expressão através da imposição, por parte dos educadores de infância, cujo papel é auxiliar as crianças a poderem expressar-se livremente através de várias técnicas, para que todos se sintam confortáveis.

Se o adulto intervém na obra da criança, irá, logicamente, alterá-la. No entanto, há que reconhecer que não há criações absolutamente espontâneas, visto que existe sempre, ainda que infimamente, um fator de influência em tudo o que a criança faz, quer seja por parte do adulto, do grupo de crianças, do meio, entre de outros fatores. O adulto

deve, então, colocar os seus conhecimentos de lado, esquecer alguns preconceitos e ir ao encontro da criança “guiado por uma sensibilidade sã”, em vez de seguir princípios rígidos (Stern, 1974).

O educador deve observar a criança, enquanto ser individual, e o grupo de modo a conhecer os seus interesses, capacidades e dificuldades. O meio envolvente e familiar podem ser fatores de influência em determinadas atitudes ou criações da criança. (Vasconcelos, 1997)

Stern (1974) afirma que um desenho pode ser livre se este for obra da iniciativa da criança e se esta teve total liberdade para escolher as cores, formas, ausente de comparação com outros padrões. Se, ainda, o educador tiver na sua mente o desenvolvimento saudável e rico da criança, então dá-se uma ação educativa com *equilíbrio*, sendo este, um fator fundamental na educação através das obrigações da técnica e da expressão.

Para entender melhor o universo infantil, muitas vezes, procuramos interpretar os desenhos ou outras criações isoladamente do contexto em que foram elaborados, o que pode não fazer sentido.

Ter conhecimento das etapas evolutivas do desenho infantil proporciona ao educador um forte instrumento para compreender e observar o desenvolvimento das crianças. Mas o educador não deve apenas observar e analisar, ele deve, também, desafiar, incentivar e diversificar as experiências das crianças.

Os educadores devem estar conscientes da sua influência no desenvolvimento da personalidade da criança, na formação do seu caráter e na obrigação de fazer dela um ser sociável, “desligado de complexos”, mas tendo alcançado o sentido de responsabilidade. (Stern, 1974)

“(…) para o bom educador, o ocasional ultrapassa a regra.”
(Stern, 1974, p. 72)

1.3. O desenho infantil e a sua evolução

“ A criança não restitui recordações visuais, traduz plasticamente sensações e pensamentos. Quando representa objetos revive-os de maneira pessoal, carregando-os de si própria.”

(Stern, 1974, p. 29)

Os primeiros estudos sobre a produção gráfica das crianças remetem para o final do século XX, em que as concepções de arte que evidenciaram os primeiros estudos referiam-se a uma produção estética idealista e naturalista de representação da realidade, ou seja, a aptidão técnica era o fator crucial.

Para a criança, o desenho é a representação gráfica do pensamento, levando à representação do objeto em si. Ela liberta-se das aparências e expressa, pelo desenho, o objeto como ele é e como ela o imagina mentalmente. Como afirma Arnheim, (s.d, p. 155) “(...) os desenhos infantis são como são não por serem cópias, mas “símbolos” das coisas reais.”

Lowenfeld (1977), Luquet (1969), Freinet (1977), entre outros estudiosos do grafismo infantil, identificam que existem determinadas fases ou etapas que são comuns à criança no seu processo de apropriação do desenho enquanto forma de representação.

O desenho infantil é uma forma de a criança se exprimir, podendo ser motivada por uma intencionalidade educativa por parte do educador ou apenas com o objetivo de deixar a criança brincar. Em vez de partir do adulto, a vontade de desenhar poderá partir, da criança, pois, como diz Luquet (1969), "(...) a criança desenha para se divertir. O desenho é para ela um jogo como quaisquer outros e que se intercala entre eles." Na mesma linha de pensamento temos Derdyk (1989), ao afirmar que:

“A Criança desenha, entre outras coisas para se divertir. Desenhar é um jogo que não exige companheiros, onde a criança define e controla as suas próprias regras. Neste jogo solitário, ela vai aprender a estar só, a registar o que pensa, o que gosta, o seu mundo. O Desenho é o palco das suas encenações, a construção do seu universo particular.”

(Derdyk, 1989)

Relativamente à iniciação da criança na via do desenho, podemos constatar que esta não nasce a saber desenhar, mas, sim, constrói o seu conhecimento acerca do desenho através da sua atividade com este objeto de expressão e conhecimento. O importante é deixar a criança desenhar livremente desde cedo, mas ela irá, naturalmente, apresentar uma maior voluntariedade a partir dos 2 anos de idade (Freinet, 1977).

Como foi referido anteriormente, a criança não desenha o que vê, mas sim o que as suas estruturas mentais lhe possibilitam que observe. Nesta linha teórica, temos Luquet (1969), ao identificar na criança um *modelo interno*. Este não é uma abstração artificial, mas antes uma conexão a uma realidade psíquica presente no espírito da criança. Este mesmo modelo intervém não só na execução do desenho mas também na significação que a criança lhe atribui. (Luquet, 1969, p. 88).

O desenho assume ínfimas possibilidades, tais como a de brincar e de falar, mas, acima de tudo, marca o desenvolvimento da infância. Ao longo deste desenvolvimento, o desenho vai sofrendo alterações, principalmente ao nível do traçado. Estas fases definem as maneiras de desenhar que são semelhantes a todas as crianças, no entanto, o adulto deverá olhar para cada desenho e ter em conta a criança como um ser individual dotado de personalidade própria. Estas fases que caracterizam a evolução do desenho variam conforme a idade da criança.

Segundo Luquet (1969, p. 135), “Um desenho é um conjunto de traços cuja execução foi determinada pela intenção de representar um objeto real, quer a

semelhança procurada seja ou não obtida.” Mas este autor só começou a classificar os desenhos por volta dos 3 anos de idade e vai avançando à medida que a idade da criança também avança, pois, para Luquet (1969), o desenho infantil é fundamentalmente caracterizado pela evolução e cada uma das fases é denominada por *Realismo*. Estes quatro estágios têm em comum a designação de *realismo* pois o desenho de uma criança contém temas bem reais para si.

São, então, os três estágios principais, o *Realismo fortuito*, *Realismo falhado*, *Realismo intelectual* e *Realismo visual*.

- O *Realismo Fortuito* inicia-se por volta dos 3 anos de idade e a criança desenha apenas fazendo linhas, sem pensar na imagem que poderá, eventualmente, representar. Com o evoluir do seu traçado, a criança “repara que há traçados que parecem qualquer coisa.” (Luquet, 1969, p. 138) Então, neste período, a criança observa que os outros têm facilidade em esboçar um desenho e ela pensa também ter essa capacidade. Dá-se uma evolução quando a criança reconhece uma semelhança entre os seus traçados e um objeto real. A partir daqui, a criança começa a atribuir aos seus desenhos uma interpretação. À medida que se desenvolve, a criança começa a representar imagens premeditadas. Este “realismo fortuito transforma-se em realismo intencional por uma série contínua de transições.” (Luquet, 1969, p. 145)

- O *Realismo Falhado* ocorre por volta dos 4 anos de idade e, nesta fase, a criança já quer ser realista nos seus desenhos, no entanto, não chega a sê-lo, pois depara-se com vários obstáculos. O primeiro obstáculo considerado por Luquet (1969) é de ordem física, relativamente à sua coordenação, o que a impossibilita de dar ao seu desenho o aspeto que realmente queria. O outro obstáculo é de ordem psíquica, devido ao “tempo limitado e descontínuo da atenção infantil.” (Luquet, 1969, p. 148), mas, ainda de acordo com o mesmo autor, “O progresso efetua-se por gradações quase

insensíveis e compõe-se de períodos de estagnação e, mesmo, de regressão.” (Luquet, 1969, p. 157)

- *O Realismo Intelectual* estende-se dos 4 aos 10 anos de idade, período em que a criança já superou as dificuldades descritas no *realismo falhado* e já nada a impede que o seu desenho seja realista, ou seja, que represente os pormenores do objeto ou as suas relações. É de notar que este realismo nada tem a ver com o realismo para o adulto, pois, enquanto que, para este, o realismo deve ser cópia integral, para a criança basta ser parecido se contiver todos os pormenores reais, mesmo que não estejam visíveis. Este realismo intelectual pode levar a criança a “reproduzir no desenho não só os elementos concretos invisíveis, mas mesmo os elementos abstratos que só têm existência no espírito do desenhador.” (Luquet, 1969, p. 160)

Freinet (1977), também fez os seus estudos relativamente ao desenho infantil e, mais proximamente de Piaget (1977), cria vários estágios de desenvolvimento, começando pela garatuja.

- *Primeiros grafismos* ocorrem quando a criança utiliza um instrumento, produzindo, assim, o primeiro traço.

- *Primeira repetição dos grafismos conseguidos* acontece quando a criança, voluntariamente, procura um instrumento para repetir o que alcançou anteriormente, de modo a permitir novas experiências.

- *Primeiro êxito especializado* surge quando a criança acrescenta algo de novo aos seus desenhos anteriores e o adulto mostra dar-lhe uma maior importância.

- *Sistematização dos primeiros êxitos* é o processo que irá estar presente ao longo de toda a aprendizagem do desenho, pois corresponde aos grafismos conseguidos e à sua repetição de modo a automatizá-lo.

- *Bifurcação* acontece quando a criança reconhece que a escrita transmite informações, por isso, tenta imitar letras e palavras.

- *Evolução dos elementos isolados e justapostos* é possível de observar quando a criança alcança um novo êxito e o repete vezes sem conta, seja porque ainda não o automatizou, seja porque pretende integrá-lo no seu automatismo. Depois de chegar ao automatismo, a criança quer acrescentar elementos novos ao seu objeto, mas ir-se-á deparar com várias dificuldades, que serão, contudo, superadas com a sua persistência e com a motivação dada pelo adulto.

- *Explicação “a posteriori”* é uma forma da criança expressar o seu pensamento sobre o desenho e não uma justificação lógica do seu grafismo.

- *Ligação dos grafismos justapostos* são elementos gráficos de várias dimensões que podem ter, ou não, ligação entre si.

- *Complemento dos grafismos justapostos* é uma nova etapa, já com vista à expressão pelo desenho. Lentamente, a criança foi-se habituando “a contar uma história” relativa ao desenho justaposto, mas, com o seu desenvolvimento, os desenhos por justaposição já não são suficientes para se exprimir e evoluir.

- *Desenho, expressão infantil* é o derradeiro culminar das aprendizagens das etapas anteriores. No entanto, a expressão ainda é limitada e só será livre depois de automatizar um número considerável de objetos a manifestar. (Freinet, 1977)

Igualmente, Lowenfeld (1977), ao estudar mais em pormenor o desenho infantil, agrupou as diferentes fases pelas suas idades, começando nos 2 anos e terminando nos 14 anos de idade.

Com cerca de 2 anos de idade, a criança começa a traçar linhas no papel, mas esses movimentos ainda são incontrolados. Seis meses depois, a criança irá descobrir

que os traços que desenha no papel são controlados com a sua própria vontade. Esta fase dar-lhe-á uma grande satisfação e confiança.

Esta fase poderá estender-se até aos 4 anos de idade, mas nesta fase final, a criança já relaciona as suas imagens mentais com o que desenha.

A segunda fase decorre entre os 4 anos e os 7 anos de idade. Agora começa por ter uma noção do que é real. Os desenhos estão intimamente ligados às relações e vivências das crianças, como tal, à medida que as suas relações são mais complexas, os seus desenhos também o serão. À criança, as relações espaciais não a preocupam, mas na realidade, existe uma relação entre o desenho e o meio exterior. Na média dos 5 anos de idade, a maioria das crianças já faz uma vinculação entre os seus pensamentos e o mundo exterior, começando, assim, a desenhar pessoas e coisas e relacionando-as entre si. (Lowenfeld, 1977)

Depois destas duas etapas, o autor agrupa as restantes fases em mais três grupos, mas que não iremos abordar, pois não se aplicam ao grupo em estudo.

Para finalizar este tema, não devemos esquecer que a criança começa a desenhar desde tenra idade e, depois de o lápis se mover ocasionalmente sobre a folha vezes sem conta, a criança depara-se com a semelhança, o nascimento do seu primeiro êxito, que será repetido até ao automatismo. Depois disto, seguir-se-ão outras tentativas e outros êxitos (Freinet, 1977).

1.4. O desenho livre como forma de expressão pessoal

A expressão tem uma função crucial que é a capacidade de formular o que não pode ser dito verbalmente. Manifesta-se através de símbolos e a sua ausência provoca na criança um desequilíbrio ou perturbação. Por isso, deve-se deixar que a criação artística exerça o seu papel expressivo fazendo da criança um ser mais equilibrado, forte e capaz de lidar com as dificuldades do futuro. (Stern, 1974)

Como já referido anteriormente, o desenho é uma das formas mais eficientes de comunicação e, partindo de Luquet (1969), pode dizer-se que o grafismo é uma linguagem que possibilita a representação da realidade e do imaginário da criança. Através das iniciais garatujas, a criança pode desenvolver a sua criatividade, autoconfiança e até mesmo fortalecer o processo de socialização. Assim sendo, o desenho infantil é um recurso à comunicação que a criança aproveita para transmitir as suas sensações, as suas preocupações e até para refletir o seu meio envolvente. Através deste tipo de comunicação, a criança encontra satisfação, gosto, alegria, entre outros sentimentos que os adultos devem estimular, através de diálogo aberto, criativo e verdadeiro. Esta forma de linguagem não-verbal pode, ainda, ser acompanhada de linguagem verbal e ser classificada, de acordo com as classificações de Piaget (1977), como linguagem egocêntrica, se houver um monólogo ou um monólogo coletivo, e como linguagem socializada, se houver informação adaptada e/ou perguntas e respostas.

Deste modo, as produções gráficas da criança podem ser a única forma de que dispõe para comunicar, ou seja, podem constituir um momento de revelação de aspetos da sua personalidade através do inconsciente. Assim, podemos considerar que o desenho é um traçado livre através do qual as crianças expressam o que estão a sentir.

1.4.1. O desenho livre como representação das vivências significativas

Como já foi referido anteriormente, o desenho é uma forma de linguagem/expressão em que o adulto, ao tentar compreender o desenho da criança, irá descobrir um ser em desenvolvimento, criativo e por vezes imitador do mundo dos adultos. É através do desenho que a criança cria e recria individualmente formas expressivas, onde inclui a percepção, a fantasia, a observação e a sensibilidade, que pode levar os adultos a decifram e a entenderem a sua mensagem e o seu mundo.

Segundo Santos, et al., (1966), os primeiros riscos e garatujas aparecem depois dos dois anos e só mais tarde, próximo dos três anos, é que atribui significados às suas produções gráficas e as expressa por palavras.

A criança, ao procurar o seu triunfo e ao construir a sua originalidade, atinge, experimentalmente, o domínio do desenho. A partir desse momento, sabe desenhar e poderá enfrentar quaisquer dificuldades. É através do desenho que expressa a sua vida e personalidade, mas devemos considera-lo como um marco ainda incipiente. (Freinet, 1977). Reforçando a ideia de Vasconcelos (1997), a criança aprende e vai ganhando maturidade através da interação com o mundo que a rodeia, por isso, todas as áreas de conteúdo constituem formas de conhecimento do mundo.

Após a observação de desenhos livres, o autor Santos, et al. (1966, p. 54) afirma “que o que mais se presta ao interesse e observação da criança é o desenho com figuras vivas, humanas ou animais.” No entanto, os desenhos livres e espontâneos organizam-se e estruturam-se com elementos que representam, na maioria, a família. Este mesmo autor diz que as figuras desenhadas pela criança têm como base uma “motivação emocional”, pois quando desenha alguém ou algo, está a expressar a sua ligação efetiva.

A linguagem é um aspeto complementar da emoção, pelo que pode representar mentalmente o mundo e “criar símbolos”.

Podemos constatar que o desenho proporciona ínfimas possibilidades de representar, em duas dimensões, e com variados instrumentos “objetos, ideias e acontecimentos” (Matthews, 2002, p. 26). Os acontecimentos reais, bem como o mundo da fantasia, são transformadas em histórias gráficas, contendo sentimentos e emoções vivenciados na interação com os amigos e adultos do seu meio ou com outros significantes.

É possível compreender que, tal como a criança passa por diversas fases de desenvolvimento e amadurecimento, a expressão pelo desenho também passa por diversas fases, já nomeadas por Freinet (1977) e Luquet (1969). Assim, através do desenho, é possível identificar em que fase de desenvolvimento a criança se destaca. Sendo que o desenho passa por um processo de evolução, a criança tem tempo de desenvolver a sua motricidade fina e as suas representações. Tudo acontece de uma forma consecutiva.

Como afirma Ferreira (2001), o resultado da interpretação da criança depende, sempre, do seu intérprete. Sendo o desenho um “lugar do indeterminado”, emerge a importância de considerar que o primeiro intérprete é a própria criança, sendo esta, a melhor para explicar a sua obra e daí podermos compreender o seu significado.

Sendo importante ouvir a criança sobre o seu desenho, também é importante considerar os tipos de riscos, as cores usadas, a repetição dos mesmos grafismos, entre outros aspetos. Pillar (1996) relata que, ao desenhar, a criança está inter-relacionando o seu conhecimento objetivo e o seu conhecimento imaginativo e, conseqüentemente, está a conquistar o sistema de representação gráfica.

A interpretação do desenho ocorre de uma forma consecutiva, partindo de várias análises, observações e conversas, pois o simples ato de desenhar envolve a atividade criadora e é através desta que a criança desenvolve a sua criatividade.

Ao desenhar, a criança aproveita o seu corpo, emoções, vivências, pensamentos e outros recursos de que se apropriou e que se destacam no ato de desenhar. Ela também interage com o material de forma imaginária e espontânea, o que irá revelar o que deseja para aquele momento.

O desenho manifesta-se de diversas formas, mas pode ser representado através de sinais, tais como a representação de membros humanos em superfícies (Derdyk, 1989).

Apesar dos inúmeros constituintes do desenho, os elementos que o compõem não são os únicos que merecem a nossa atenção. A forma como eles são executados e toda a atenção que a criança tem neste processo também são fatores consideráveis. A importância que a criança expressa é composta pela valorização que ela própria recebe. “Desenhando, cria em torno de si um espaço de jogo, silencioso e concentrado ou ruidoso e seguido de comentários e canções, mas sempre um espaço de criação. Lúdico. A criança desenha para brincar” (Moreira, 1984).

Tal como a brincar, ao desenhar a criança utiliza as memórias das suas vivências, ou seja, recria situações do quotidiano, quer positivas como negativas.

O que é de salientar é o facto de a criança desenhar porque e como lhe apetece, pois só assim expressará o que mais deseja, visto que “(...) o desenho é para a criança uma linguagem como o gesto ou a fala.” (Moreira, 1984, p. 20)

“Desenhar não é copiar formas, figuras, não é simplesmente proporção, escala. A visão parcial de um objeto nos revelará um conhecimento parcial desse mesmo objeto. Desenhar objetos, pessoas, situações, animais, emoções, ideias são tentativas de aproximação com o mundo. Desenhar é conhecer, é apropriar-se.” (Derdyk, 1989, p. 24)

De acordo com a citação anterior, podemos constatar que o desenho também é um complemento, apropriando-se de elementos fulcrais no desenvolvimento da criança, como por exemplo, a relação com os outros e com o meio, a imaginação, a motricidade, a expressão oral, entre outras.

Derdyk (1989), mostra o desenho como algo puro, pois observar uma arte gráfica como algo alusivo de apropriação revela um patamar de singularidade. Ninguém conhece exatamente o mesmo que outro sujeito, ainda que interajam com o meio de igual forma. O mesmo acontece com o desenho, sendo este algo único e expresso, sempre, por indivíduos/crianças únicas.

E assim, por meio do desenho, a criança cria e recria formas expressivas individualmente, integrando a percepção, imaginação, reflexão e sensibilidade, que podem ser apropriadas pelas leituras simbólicas de outras crianças e adultos.

“Compreender a arte infantil é saber porque se exprime a criança, como se exprime e o que exprime”

(Stern, 1974)

Capítulo II – Metodologia

Este capítulo do relatório pretende explicitar a justificação da escolha da problemática, bem como os objetivos e questões que consideramos relevantes para compreender esta temática. De seguida, iremos caracterizar as particularidades da metodologia de cariz qualitativa, bem como, os instrumentos de recolha de dados utilizados para realizar este trabalho.

Para iniciar esta investigação, tivemos que definir a nossa problemática para realizar este trabalho. A escolha da abordagem prende-se com “A representação significativa do meio pelo desenho” e surgiu durante a Prática de Ensino Supervisionada (PES). Este tema despontou após uma cuidada observação do grupo envolvido e das suas respetivas atividades, que envolviam o desenho de uma forma orientada. Para contrariar este facto, surgiu a ideia de reservar alguns momentos da PES para que, cada criança pudesse realizar desenhos livremente, sendo esta, uma forma de melhor as conhecer.

2.1. Questões de investigação

- A representação do desenho livre possibilita a representação das vivências significativas da criança?
- Na comunicação com o adulto, a criança consegue verbalizar a sua intencionalidade presente na representação expressa no desenho livre?
- De que forma o contexto que rodeia a criança surge nas suas narrativas gráficas?
- Como o contexto é representado na produção do desenho livre?

2.2. Objetivos

Apoiados na nossa problemática e nas questões orientadoras da investigação, decidimos que os objetivos pretendem:

- Perceber de que forma o desenho livre consegue traduzir as vivências significativas das crianças;
- Compreender se a representação do desenho livre efetuado pelas crianças, expressa as vivências significativas das mesmas, partindo da verbalização, à posterior numa conversa não formal;
- Analisar se o contexto e o desenho livre são determinantes na produção gráfica das crianças.

Para uma melhor compreensão da nossa problemática, decidimos utilizar uma metodologia de investigação qualitativa, pois pareceu ser a mais adequada a este tipo de trabalho. A investigação qualitativa tem características adequadas a este tipo de trabalho, onde o investigador se encontra envolvido na recolha de dados como observador participante. Para além desta particularidade, este tipo de investigação possui características próprias, sendo que a primeira faz referência à fonte de recolha de dados, sendo ela, o ambiente natural; seguidamente esta investigação é descritiva; nesta linha orientadora temos os investigadores qualitativos que se interessam mais pelo processo do que apenas pelos resultados da sua investigação; continuamente, estes investigadores propendem a analisar os seus dados de forma indutiva; por fim, o mais importante nesta investigação é o significado. (Bogdan & Biklen, 2013)

De acordo com Bogdan & Biklen (2013, p. 47), “na investigação qualitativa a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal.”.

Na investigação qualitativa, o investigador frequenta o local que tem maior interesse para a investigação, porque se preocupa com o contexto, sendo os dados recolhidos através dos comportamentos das pessoas. As ações dos indivíduos são realçadas quando estão no seu ambiente natural, então o investigador deve conhecer a instituição em causa (Bogdan & Biklen, 2013).

Sendo este tipo de investigação *descritiva*, os dados são recolhidos em forma de palavras ou imagens, sem que o investigador reduza os seus resultados a números. Na investigação qualitativa os resultados apresentados contêm citações, transcrições, fotografias ou vídeos de modo a enriquecer a apresentação dos mesmos. Os dados em análise não têm o objetivo de comprovar algo que já foi feito anteriormente, mas sim construir abstrações à medida que vão sendo recolhidos os dados. Na fase da análise dos dados, o investigador tenta respeitar a forma como estes foram registados (Bogdan & Biklen, 2013). De acordo com os referidos autores, o investigador qualitativo define condutas para ir ao encontro dos indivíduos que observou. Todo este processo funciona como um diálogo, sendo possível constatar o interesse demonstrado pelo investigador através da forma como as mais diversas pessoas dão significado às suas vidas.

2.3. Instrumentos de recolha de dados

Tendo em conta o objeto em estudo, foi utilizado como instrumento de investigação a observação participante. Bogdan & Biklen (2013, p.16) afirmam que as estratégias mais representativas “são a observação participante e a entrevista em profundidade.” Tendo em conta que não foi utilizado nenhum modelo de entrevista devido ao objeto em estudo, recorreu-se, apenas, a relatos de diálogos estabelecidos com as crianças após a realização do desenho livre.

A observação participante teve como objetivo manter uma maior proximidade com o grupo a estudar, enquanto que os diálogos estabelecidos consistiram em registar a explicação dada pelas crianças às suas produções gráficas, à medida que as questões eram colocadas de acordo com aquilo que era contado por elas.

A opção pela observação participante fundamenta-se pelo facto de ser uma técnica voltada para a investigação qualitativa, com pormenores descritivos, e de os dados retirados desta técnica privilegiarem a compreensão dos comportamentos a partir da perspetiva do grupo da investigação.

2.4. Observação participante como instrumento de investigação

Na investigação qualitativa, existem três formas de fazer a recolha de dados, são elas, o inquérito, que se pode concretizar em entrevista ou questionário, dependendo da forma como é realizado; a observação, que pode ser direta ou indireta e, por fim, a análise documental, que consiste na observação de documentos escritos (Hébert, Goyette, & Boutin, 2005).

Como foi referido anteriormente e será, de seguida, explicado em pormenor, a técnica utilizada para a recolha dos dados foi a observação participante.

2.4.1. Observação participante

“Para obter informação, é preciso observar.”
(Deshaies, 1992, p. 295)

Como afirma Deshaies (1992), a observação constitui uma parte fundamental nos trabalhos de investigação. Este mesmo autor diz haver dois tipos de observação, a *direta* e a *indireta*, sendo ambas organizadas, pretendidas e deliberadas pelo investigador. O tipo de observação utilizado neste trabalho consistiu na observação direta, pois foram tomadas notas das opiniões, das ações e das realidades físicas (desenhos), ou seja, tudo o que se passou em determinado momento. Assim, podemos constatar que a observação participante é uma variante da observação direta.

A observação direta também pode ser intensiva, quando corresponde a uma amostra populacional pequena, mas representa as *técnicas vivas* da observação. A observação indireta acomoda *técnicas documentais*, ou seja, métodos mais específicos de observação, tais como a entrevista (Grawitz, 1986).

Hébert, Goyette, & Boutin (2005), ainda afirmam haver mais um tipo de observação, sendo a observação participante passiva, pois o observador não participa nos acontecimentos mas assistiu a eles, registrando, sempre, as ações do grupo envolvido (Hébert, Goyette, & Boutin, 2005). Quando se começa a observar, o observador comum só vê o que é visível, mas depois passa para aquilo em que não tinha reparado, deixando, assim, de ser o observador comum e passando a ser um observador participante (Graue & Walsh, 2003).

Deshaies (1992) ainda nos diz que nunca será possível analisar todas as técnicas de observação, pois os investigadores podem criar uma nova técnica em função do seu estudo. Este mesmo autor refere que o talento e a habilidade são características essenciais da pesquisa, enquanto que os métodos e as técnicas dessa mesma pesquisa são o seu resultado. Todos estes passos irão levar o investigador a responder às suas questões ou a verificar hipóteses ou teorias.

2.4.2. Descrição da observação participante

Para todo este processo, recorreu-se à observação participante na fase em que, em grupo, as crianças realizavam os seus desenhos. Nesta fase, era explicado ao grupo o que era suposto eles realizarem, disponibilizando-lhes os materiais necessários para as suas criações.

Para usufruir desta técnica e obter termos de comparação, foram realizadas três fases em datas distanciadas, para a obtenção, realização e recolha dos desenhos, mas sempre da mesma forma, ou seja, explicando às crianças o que é suposto fazer e disponibilizando-lhes todo o material e acompanhamento necessários.

2.5. Descrição dos procedimentos

Após uma longa deliberação sobre a forma de realizar este estudo, decidiu-se aplicá-lo intencionalmente na instituição onde decorreu a PES, situada na zona de residência da investigadora.

Para tal, considerou-se relevante realizar um esclarecimento prévio com a Educadora responsável pelo grupo, sobre o trabalho que iria ser desenvolvido, permitindo-lhe estar a par de todos os procedimentos, bem como decidir sobre os momentos mais oportunos à concretização deste estudo, pois é importante deixar algum tempo disponível para a realização dos desenhos e ter o grupo com entusiasmo para realizar a atividade.

Após o aval da Educadora Cooperante e a respetiva organização das atividades a realizar durante a prática da PES, tornou-se fácil programar dias para a realização dos desenhos por parte das crianças, bem como preparar todo o material necessário.

O pedido de autorização aos pais foi efetuado pela Educadora da sala, sendo esta a dar consentimento para a recolha dos desenhos, de forma verbal à investigadora.

A realização dos desenhos foi planeada em três fases separadamente, de modo a não sobrecarregar o grupo e com o respetivo conhecimento da Educadora Cooperante e com a coadjuvação das Técnicas de Ação Educativa, na respetiva sala. Estes três momentos ocorreram nas datas de 14 de maio, 18 de junho e 26 de junho de 2014.

No final das três fases da recolha dos desenhos, obteve-se um total de 60 desenhos, que se traduzem em três desenhos por criança.

2.6. Amostra

A seleção da amostra tem um sentido muito particular, pois tem como objetivo obter o máximo de informação para a fundamentação do estudo. Por isso, a amostra, na investigação qualitativa, é *intencional*, pois os indivíduos que a constituem foram escolhidos especificamente pelo investigador (Colás & Buendia, 1992).

Neste trabalho a amostra é constituída por 22 crianças de 5 anos de idade, que frequentam o jardim-de-infância numa instituição com um ambiente cultural e socioeconómico específico e personalizado.

A escolha desta amostra fez-se após a observação do grupo em questão, de modo a obter-se um conhecimento mais aprofundado sobre o mesmo.

2.6.1. Descrição da instituição

Trata-se de uma instituição de ensino público, sendo um dos Centros que compõe o Instituto de Ação Social das Forças Armadas. É uma instituição situada no distrito de Setúbal, na Base Naval de Lisboa, com mais de 60 anos, que surgiu com o objetivo de ser um Centro Social Médico e Educativo, mas mais tarde foram criados dois edifícios correspondentes à valência de creche e jardim-de-infância, substituindo os anteriores. O ensino é coletivo e nele desenvolvem-se atividades de caráter lúdico e pedagógico.

Relativamente aos espaços estruturantes, a instituição é composta por variados espaços interiores e exteriores, que foram sofrendo alterações ao longo do tempo e das necessidades para manter as condições necessárias ao bem-estar e ao desenvolvimento de todas as crianças.

Posto isto, as infraestruturas do jardim-de-infância são edificadas por:

- Espaço interior
 - 6 Salas
 - 3 Casas de banho para crianças;
 - Gabinete pedagógico;
 - Sala de psicologia;
 - Sala de terapia da fala;
 - Refeitório;
 - Cozinha;
 - Balneário das educadoras;
 - Balneário das assistentes operacionais;
 - Sala de música.

- Espaço exterior
 - 2 Parques infantis;
 - Pavilhão desportivo para várias modalidades;
 - Piscina;
 - Secretaria;
 - Gabinete médico;
 - Espaço verde (“mata”).

2.6.2. Descrição do grupo

Para um melhor conhecimento do grupo, foram elaborados três gráficos relativamente às idades, aos géneros e aos espaços e atividades preferidas pelo grupo. Desta forma, é possível fazer uma observação geral das crianças, bem como os seus gostos pessoais.

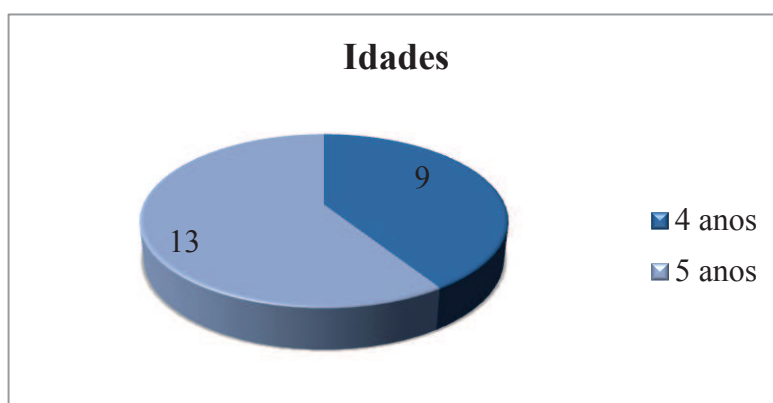


Gráfico 1 - Gráfico relativo às idades do grupo

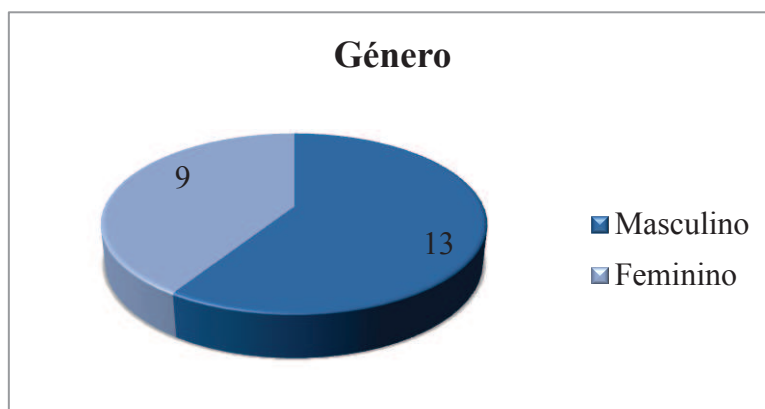


Gráfico 2 - Gráfico que retrata o género das crianças.

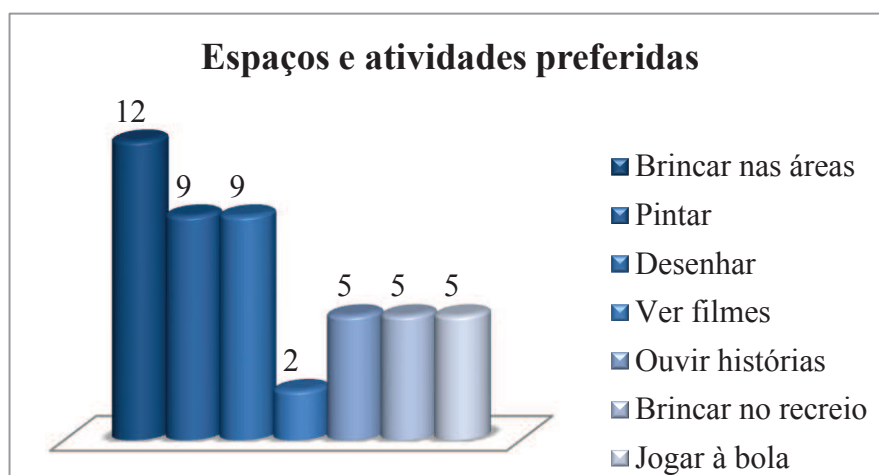


Gráfico 3 - Gráfico que enumera os espaços e atividades das crianças.

Após a análise dos gráficos 1 e 2, podemos concluir que o grupo é composto por mais meninos (13) do que meninas (9) e que, relativamente, às idades, o grupo já tem mais crianças com 5 anos (13) do que com 4 (9).

Relativamente ao gráfico 3, optámos por fazer uma pesquisa com todas as crianças, através de uma conversa, em que cada criança dizia o que mais gostava de fazer na escola. Cada uma mencionou entre 2 a 4 atividades/brincadeiras e o resultado foi que, na maioria, o grupo gosta mais de brincar nas áreas, tendo este sido mencionado por 12 crianças, mais de metade do grupo. A seguir, estão os desenhos e as pinturas, muito mencionados devido aos vários projetos que englobam estas técnicas, tendo sido mencionados por 9 crianças em cada um dos tópicos.

Com igual número (5) surgem as atividades de brincar no recreio, jogar à bola e ouvir histórias. Jogar à bola é muito característico nos rapazes e ouvir histórias é um gosto fomentado pela educadora que acompanha o grupo desde a creche.

Por fim, foi também mencionado “ver filmes”, pois o grupo tem por hábito ver filmes em alguns períodos do dia.

Capítulo III – Análise e Discussão de Resultados

Nesta investigação a amostra é constituída pelo grupo de vinte e duas crianças da instituição colaboradora da PES. Cada criança participou neste estudo de forma independente, ao realizar cerca de três desenhos em três fases distintas, obtendo-se, assim, um total de sessenta desenhos.

Após a obtenção de todos os desenhos, procedeu-se a uma observação e análise cuidadosas, através de categorias criadas posteriormente. Para simplificar a leitura dos dados, foram efetuados gráficos e tabelas com base nos resultados alcançados, tendo estes sido traduzidos em escalas numéricas, chegando-se assim, aos resultados finais.

Uma vez que o objetivo geral se centra nas representações gráficas do grupo de crianças e estas, através do desenho, nos mostram o que é mais significativo na sua vida foram criadas categorias para melhor compreendermos estas mesmas representações.

Relativamente aos objetivos de investigação, iremos dar-lhes respostas através do enquadramento teórico bem como dos desenhos recolhidos e as suas respetivas categorias.

3.1. Descrição da amostra

Antes da criação das categorias para classificar os desenhos, foi criada uma tabela, para uma rápida observação do tema principal de cada desenho, de modo a facilitar a criação das respetivas categorias e dar resposta às questões de investigação. Para tal, foi criada a tabela 1, para apresentar o tema principal no trabalho de cada criança.

Nomes	Dia 14-05	Dia 18-06	Dia 26-06
D.C. 1	Carro	Futebol	Mãe
D.Q.	Muitos elementos	Pai	Muitos elementos
D.C. 2	Animal	Autocarro	Bombeiro
D.L.	Autocarro	Autocarro	Bombeiro
D.P.	Ele e o pai	Ele e o pai	Ele e o pai
D.R.	Autocarro	Futebol	-----
E.	Estagiária	Estagiária	-----
F.	Estagiária	Estagiária	Grupo de pares
G. 1	-----	Ele e os pais	Família
G. 2	-----	Professora	-----
H.	Autocarro	Casa	Grupo de pares
I.	Mãe	Mãe	Mãe
L.D.	Ela própria	Ela própria	Família
L.	Estagiária	Estagiária	Estagiária
M. 1	Estagiária	Estagiária	Grupo de pares
M.C.	Estagiária	Estagiária	Professora
M.L.	Autocarro e família	Autocarro e amigos	Estagiária
M. 2	Ele e o pai	Futebol	Futebol
M. 3	Estagiária	Família	-----
R.	Autocarro	Ele e os pais	Barco
S.	Ele próprio	Barco (fábula)	Ele e a mãe
V.	Arco-íris	Pai e futebol	Barco
Total	20	22	18
TOTAL		60	

Tabela 1 - Temas dos desenhos por criança e data

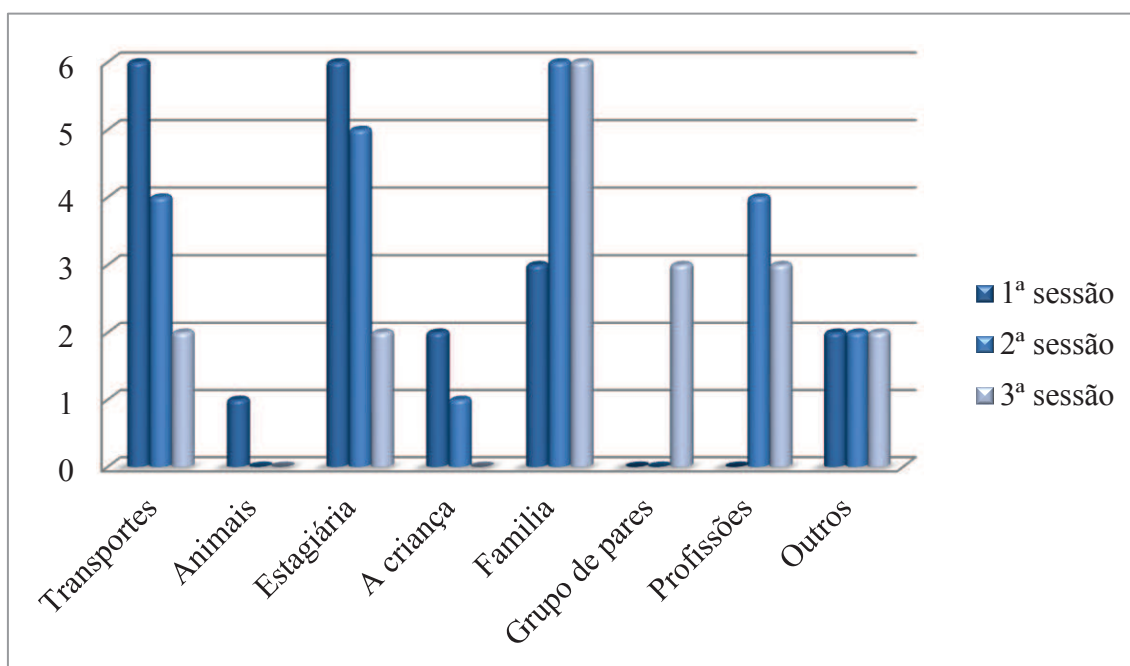


Gráfico 4 - Desenhos agrupados por temas de acordo com as três sessões realizadas

Após uma observação cuidada de todos os temas principais que constam nos desenhos das crianças, obtivemos o gráfico 4, que nos possibilitou contabilizar os temas mais representados pelo grupo. Foi na sequência da observação dos dados recolhidos, ou seja, os desenhos, que pudemos construir este gráfico com posterior e respetiva análise. Esta pareceu ser a forma mais fácil, pois como afirmam Werner & Schoepfle (1987, p. 79), os primeiros dados que foram tratados dizem respeito à observação inicial e depois, à medida que precisamos de outros pormenores, recorremos aos dados recolhidos através dos diálogos efetuados após a realização dos desenhos livres.

Posto isto, e recorrendo ao gráfico 4, podemos constatar que os temas mais representados foram os transportes, os animais, a estagiária, a própria criança, a família, as profissões e outros, pouco representados.

Os temas com maior número de desenhos foram família, com quinze desenhos, a estagiária, com treze desenhos, e os transportes, com doze desenhos.

No tema da família, a primeira fase contou com três desenhos, enquanto que a segunda e a terceira fases tiveram seis desenhos cada uma. Podemos ainda constatar que as crianças desenharam a família, incluindo pais e irmãos, em seis desenhos, só o pai e só a mãe em cinco desenhos, cada um.

No grupo da estagiária, que contou com treze desenhos no total, a primeira fase teve seis desenhos, a segunda contou com cinco desenhos e a terceira fase com dois desenhos.

Com um total de doze desenhos, temos o tema dos transportes, em que a primeira fase foi representada com seis desenhos, a segunda fase com quatro desenhos e a terceira fase com apenas dois. Foi possível observar que só uma criança desenhou um carro, três desenharam barcos, enquanto que a grande maioria, com o total de oito desenhos, representou um autocarro.

Seguidamente, temos os temas com menos representações gráficas, como é o caso do tema das profissões, que conta com apenas sete desenhos, temas com poucas representações denominadas de “outros” teve um total de seis desenhos, o grupo de pares e a própria criança foram representados com três desenhos cada um e, por fim, os animais que apenas contam com um desenho.

O grupo das profissões contou com apenas duas grandes categorias, o futebol e os bombeiros. O primeiro teve um total de cinco desenhos, enquanto que o último contou com apenas dois tendo ambos sido representados por rapazes. Podemos constatar que a primeira fase não teve nenhuma representação, mas a segunda fase contou com quatro desenhos e a terceira fase com três desenhos.

Com um total de seis desenhos temos o tema designado por “outros”, em que estão incluídos os desenhos que não se enquadravam nos temas criados e, como tal, foi preferível juntar esses mesmos desenhos num só tema. Neste caso, os desenhos aqui

incluídos são os que têm muitos elementos e, por isso, não têm nenhum tema central, a professora cooperante representada duas vezes, uma casa e um arco-íris. Assim, temos dois desenhos em cada uma das três fases.

Apenas com três desenhos conta o tema que diz respeito ao grupo de pares, em que, neste caso, as crianças se representaram a si próprias juntamente com colegas da sua sala e com a estagiária. Neste contexto, os desenhos apenas aparecem na terceira fase.

Igualmente com três desenhos temos a representação do “eu”, em que apenas duas crianças fizeram a sua própria representação. Dois desses desenhos constam na primeira fase e apenas um na segunda fase.

Por fim, o grupo com apenas uma representação é o tema dos animais, que apenas contou com um desenho realizado na primeira fase por um menino.

3.2. Representações gráficas

Após agruparmos todos os desenhos em grupos, de acordo com o seu tema principal, de modo a dar-nos uma melhor compreensão das representações gráficas das crianças, foram criadas seis categorias com mais quatro subcategorias, associando os desenhos, para que, de uma forma mais simples, pudéssemos analisar e responder às questões de investigação dispostas mais à frente.

3.2.1. Categorias

Tendo em conta os desenhos recolhidos, com recurso a relatos de diálogos estabelecidos com as crianças após a realização do desenho, foi possível criar categorias de modo a conseguir chegar ao nosso objetivo, saber o que é mais significativo para este grupo de crianças. Após obtenção de resposta a este objetivo, serão expostas as questões de investigação que nos irão ajudar a compreender melhor estas mesmas categorias.

As categorias criadas para este objetivo estão explicitas na tabela 2, juntamente com o número de vezes que foi possível observá-las nos desenhos das crianças.

Categoria nº1 - Desenhos integrando o jogo simbólico	15
Categoria nº2 - Desenhos sem relação de elementos	5
Categoria nº3 - Vivências emocionais	0
Subcategoria nº3.1 - Elementos familiares	3
Subcategoria nº3.2 - Grupo de pares	11
Subcategoria nº3.3 - Ausência do pai	4
Categoria nº4 - Vivências do quotidiano	0
Subcategoria nº4.1 - Situações reais	8
Subcategoria nº4.2 - Situações imaginárias	8
Categoria nº5 - Gostos pessoais	6

Tabela 2 - Apresentação das Categorias e Subcategorias de acordo com a sua existência nos desenhos

Antes de começar a analisar a tabela 2, é importante explicar que existem desenhos que poderiam estar inseridos noutras categorias, mas, para não gerar desordem, optou-se por escolher apenas uma, sendo aquela que estivesse mais evidente para o investigador. Também é importante referir que o recurso aos diálogos após a realização dos desenhos, bem como as suas respetivas gravações em formato áudio e vídeo, foram fundamentais para se compreender melhor em que categoria se iria inserir o desenho, pois, através destas mesmas gravações, foi possível conseguir informações que, de outro modo, seriam impossíveis.

- **Categoria n°1** – Desenhos integrando o jogo simbólico

Assim sendo, e de acordo com a tabela acima apresentada, podemos observar que a grande maioria das crianças representa nos seus desenhos o jogo simbólico, sendo que esta categoria inclui quinze desenhos. Quer isto dizer que a função simbólica é uma capacidade que a criança tem para distinguir do seu objeto representado um significado diferente, ou seja, é uma forma de representar ações ou situações e manifestá-las através da construção de um desenho ou outras formas de linguagem (Piaget, 1971).

A criança refere-se aos símbolos desenhados com mais representações, por meio de ações e/ou linguagem verbal, representando a sua imagem mental. Tal facto é possível observar nos dois excertos abaixo.

Estagiária: “O que desenhas-te M.L.?”

M.L.: “Um autocarro.”

(...)

Estagiária: “E esse autocarro vai para onde?”

M.L.: “Vai...para a Quinta do Caiado.”

(Pausa)

M.L.: “Mas hoje não sou eu que faço anos.”

Estagiária: “Então quem é?”

M.L.: “É o G.2.”

(...)

Estagiária: “Estás? Com mais quem?”

M.L.: “Ao pé do D.Q.”

Estagiária: “E quem é que está mais aí?”

M.L.: “Ao pé de mim?!”

Estagiária: “Sim, dentro do autocarro. Quem é que está mais?”

M.L.: “A L., o D.C1 e a M.1, o D.L, o D.R, a E., a M.3, a L.D, a I... (*Continua pensativa*).

Este diálogo é possível observar na totalidade no Anexo 17-B, em que esta criança desenha um autocarro com vários bancos e, através do diálogo realizado, descreve para onde vai esse mesmo autocarro e quem é que está lá dentro.

Uma outra criança desenhou um barco, mas no diálogo executado, explicou outros pormenores que não estavam lá presentes. Nas três sessões realizadas, esta mesma criança aplicou sempre o jogo simbólico, possível de observar no Anexo 20.

O segundo excerto do diálogo seguinte diz respeito ao Anexo 20-C.

Estagiária: “Então e quem é que está aqui?”

R.: “A minha mana!”

Estagiária: “Então, mas ela está ao pé da mãe?! Ao colo da mãe?!? Onde é que ela está?”

R.: “Ela...a minha mãe está a brincar com ela.”

Estagiária: “Então e este?”

R.: “Sou eu!”

Estagiária: “Então e o que é que vocês estão a fazer os quatro?”

R.: “Estamos a ver a bola.”

Estagiária: “Estão a ver um jogo de futebol? E quem é que está a jogar?”

R.: “Ehhhh...Porto e Benfica.”

Para observar os restantes desenhos inseridos nesta categoria, aconselha-se o visionamento dos Anexos 3-B e C; 4-A,B e C; 6-B; 16-C; 17-A; 18-C; 19-B; 20-A e C e 22-B. Nestes quinze diálogos podemos observar que, as crianças fazem referências a factos que não estão expostos no respetivo desenho, mas fazem alusões quando expõem as suas realizações. Tais factos são confirmados por Matthews (2002) ao dizer que, os acontecimentos reais ou do imaginário são transformados em histórias gráficas, que podem ser vivenciados na interação com os adultos do seu meio.

- **Categoria nº2** – Desenhos sem relação de elementos

Através do auxílio das gravações dos diálogos, foi possível rever o que cada criança disse em relação ao seu desenho e, em alguns casos, verificou-se não existir ligação entre os elementos representados. Como foi mencionado no Capítulo 1, as Metas de Aprendizagem referem o que a criança deve alcançar na idade pré-escolar, em que, a criança já deverá ter desenvolvido a sua capacidade de expressão e comunicação relativamente às suas produções. Através do desenho ou outras técnicas de expressão, a criança deve conseguir representar vivências, histórias ou outras situações.

Ao encontro desta categoria, temos um total de cinco desenhos possíveis de observar nos Anexos 2-A,B e C; 8-B e 12-B.

De seguida, iremos expor o excerto do Anexo 2-B, que diz respeito a uma criança que, nas três sessões, representou sempre elementos sem ligação entre si. Ao longo das conversas, referenciou a maioria das representações, mas sem fazer uma ligação entre essas mesmas representações.

Estagiária: “Conta-me o teu desenho, D.Q.”

D.Q.: “Ehhh... Isto é uma cascata.”

Estagiária: “E porque é que fizeste uma cascata?”

D.Q.: “Porque eu gosto de cascatas”

Estagiária: “Então e isto é o quê?”

(Pausa)

Estagiária: “Não sabes?”

D.Q.: “É uma casa”

Estagiária: “E é uma casa porquê?”

D.Q.: “Porque... Porque tem um telhado”

Estagiária: “Ah! E isto?”

D.Q.: “É uma flor!”

Seguidamente, temos uma criança que apenas tem um desenho que se inclui nesta categoria, pois em todo o seu desenho ela representa elementos que não estão ligados entre si, tal como é possível observar no excerto abaixo ou no Anexo 8-B.

Estagiária: “Então o que tens aí F.?”

F.: “Isto é um coração.”

Estagiária: “Tens muitos corações...”

F.: “É... são, um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez... e onze!”

(...)

Estagiária: “Quem é essa?”

F.: *(Aponta para a estagiária)*

(...)

Estagiária: “E isto é o quê?”

F.: “É uma bola de mistério.”

Estagiária: “Mistério?”

F.: “Ela vai descobrir porque é que está a chover!” *(Aponta para a boneca do desenho)*
“E corações, juba e a nuvem!”

Nesta categoria, podemos observar que existe uma criança em que todos os seus desenhos, nas três fases de estudo, não apresentam ligação de elementos, enquanto que, as restantes crianças apenas apresentam um desenho nestas condições. Apesar dos inúmeros constituintes do desenho, Moreira (1984), diz-nos que os elementos que o compõem não são os únicos que merecem a nossa atenção, mas sim, a forma como são executados e a atenção que a criança tem neste processo são fatores a ter em conta.

- **Categoria nº3 – Vivências emocionais**

Relativamente a esta terceira categoria, foi subdividida em três subcategorias, para diferenciar os elementos presentes nas representações gráficas. Todos os desenhos aqui inseridos dizem respeito às vivências emocionais das crianças e, no total das três subcategorias, estão inseridos dezoito desenhos.

- **Subcategoria nº3.1 – Elementos familiares**

Esta subcategoria foi criada para incluir os desenhos onde estavam representados elementos familiares, quer seja só um dos elementos da família, quer seja a família completa. Assim, obtivemos um total de três desenhos, que é possível observar através dos Anexos 9-C, 12-A e 13-C.

O primeiro excerto diz respeito ao Anexo 9-C que, apesar de conter outros elementos para além da família, este é o elemento principal.

Estagiária: “Então e quem é que são esses?”

G. 1: “É o meu pai, o avô, o Rui e aqui é o avô.” (*Aponta para cada uma das figuras*)

No segundo excerto, descrito abaixo, podemos observar que a criança também incluiu a estagiária na sua representação, mas, por não haver ligação entre esta e a família, optou-se por incluir este desenho nesta categoria. Todo o diálogo é possível de observar no Anexo 13-C.

Estagiária: “O que desenhas-te?”

L.D.: “Esta é a Diana, esta sou eu, o meu pai, a Carolina e a minha mãe.” (*Apontando para cada uma das figuras*) ”

○ **Subcategoria nº3.2** – Grupo de pares

Esta subcategoria inclui todos os desenhos que têm representados os amigos da criança autora do desenho ou os desenhos que representam a estagiária. Foram incluídos nesta subcategoria onze desenhos, que dizem respeito aos Anexos 7-A e B; 8-A; 11-B; 14-A e C; 15-A e B; 16-A e B e 19-A.

Para exemplificar esta subcategoria, foi escolhido o Anexo 15-B, em que a criança desenhou a estagiária dizendo sobre esta “Porque eu gosto muito de ti.”

Estagiária: “Então, M.1, conta-me o teu desenho.”

M.1: “É...aqui ‘tá o sol, aqui é o céu, aqui és tu dentro de casa, aqui está uma janela e tu tens um tereré.” (*Aponta para as respetivas figuras*)

Estagiária: “Tenho um tereré?” (*Interroga entusiasmada*)

M.1: “E aqui fora é o jardim.”

Estagiária: “E porque é que me desenhaste a mim?”

M.1: “Porque eu gosto muito de ti.” (*Diz envergonhada*)

Visto que esta categoria também engloba a relação da criança com o seu grupo de pares, apresentamos o 15-C, que diz respeito à mesma criança, que, desta vez, para além de desenhar a estagiária, também incluiu uma amiga e ela própria.

Estagiária: “O que é que desenhas-te, M. 1?”

M. 1: “Desenhei tu, eu e a F. Nós no jardim, com uma flor.”

- **Subcategoria nº3.3 – Ausência do pai**

Visto que é característica desta instituição ter crianças filhas de militares das Forças Armadas, foi importante criar uma categoria que englobasse apenas os desenhos das crianças que mencionavam a ausência do pai. Para observar os desenhos com os respectivos diálogos, aconselha-se o visionamento dos Anexos 5-A,B e C e 18-A. O excerto abaixo é correspondente ao Anexo 5-B.

Estagiária: “Quem são?”

D.P.: “São o meu pai e eu.”

(...)

Estagiária: “E porque é que fizeste o teu pai?”

D.P.: “Porque...só falta três dias para ele chegar!”

Estas três subcategorias incluem as pessoas mais próximas a cada criança, ou seja, a família e o grupo de pares. Foi realizada uma categoria onde é mencionado a ausência do pai, pois para este grupo de crianças é um acontecimento recorrente. Santos et al. (1966), afirmam que o mais tem interesse para os desenhos das crianças são as figuras humanas, no entanto, as representações gráficas que incluem vivências significativas, organizam-se e estruturam-se com elementos familiares. Estes mesmos autores dizem que as figuras desenhadas têm como base uma “motivação emocional”.

- **Categoria nº4 – Vivências do quotidiano**

Para categorizar as vivências do grupo, foi criada a categoria 4, que engloba as vivências do quotidiano, principalmente as situações reais e imaginárias que, igualmente, podem dizer respeito ao seu quotidiano. Para tal, foram criadas duas subcategorias, de modo a facilitar a identificação e análise dos desenhos. No total destas subcategorias temos dezasseis desenhos.

○ **Subcategoria nº4.1** – Situações reais

Relativamente a esta subcategoria, temos um total de oito desenhos, que podem ser observados nos Anexos 8-C, 9-B, 10-B, 11-B, 13-A, 14-B e 21-B e C.

De acordo com o excerto seguinte (Ver completo Anexo 21-B), podemos comprovar que este desenho se adequa nesta categoria devido à representação de uma atividade lúdica realizada dias antes.

Estagiária: “S. que desenho é que tu fizeste?”

S.: “Eu fiz um peixinho e um pescador com um sol e o arco-íris.”

(...)

Estagiária: “Olha, e porque é que fizeste um peixe, um barco e um pescador?”

S.: “Porque...” (*Fica pensativo*)

(...)

Estagiária: “Foi por causa da fábula que nós demos?”

(*Pausa*)

Estagiária: “Gostas-te muito dessa fábula, foi?”

S.: (*Abana a cabeça como sinal de confirmação*)

Para representar uma situação exterior à de sala de aula, apresentamos um excerto do Anexo 9-B, que apresenta um momento que a criança em causa vivenciou.

Estagiária: “Explica-me o teu desenho.”

G.1: “É a minha mãe, este é o meu pai, este sou eu e a minha bicicleta está partida!”

Estagiária: “Ah! Como é que a bicicleta se partiu?”

G.1: “Foi o meu pai que partiu.

Estagiária: “Foi? E então agora já não podem andar de bicicleta?”

G.1: “Não. Têm que andar de mota.”

Estagiária: “E tu gostas?”

G.1: “Sim.”

○ **Subcategoria nº4.2** – Situações imaginárias

Para esta subcategoria, foram selecionados oito desenhos que consistem em representações com criações imaginárias das crianças, que podem estar evidentes no desenho ou que apenas foram compreendidas durante as respetivas conversas entre criança-adulto.

É sugerido a análise dos Anexos 1-C, 6-A, 11-A, 13-B, 14-A, 15-C, 17-C e 21-A.

O excerto abaixo diz respeito ao Anexo 13-B, em que a criança se representou a ela própria dentro de um barco colorido indo para casa de uma amiga da respetiva sala.

Estagiária: “L.D., conta-me o teu desenho. O que é que tu fizeste?”

L.D.: “Fiz eu num barquinho.”

Estagiária: “Quem é esta? És tu? *(Apontando para a figura)*

L.D.: “Sim.”

(...)

Estagiária: “Então e tu estás num barquinho e vais para a onde?”

L.D.: “Para a casa da Matilde.”

No seguinte excerto (Anexo 17-C), é possível constatar uma representação que inclui apenas a estagiária num local que não está reproduzido no desenho.

Estagiária: “M.L., o que é que desenhas-te?”

M.L.: “Desenhei a ti.”

(...)

Estagiária: “Então e isto é o quê?”

M.L.: “É a toalha.”

Estagiária: “Toalha de banho ou de praia?”

M.L.: “De praia.”

Estagiária: “Então quer dizer que eu estou na praia, é? Estou a apanhar banhos de sol?”

M.L.: *(Abana a cabeça em sinal de confirmação)*

Estagiária: “Então porque é que me desenhas-te com a toalha de praia?”

M.L.: *(Fica pensativa)* “Estavas ali deitada a dormir.”

As vivências do quotidiano podem originar representações gráficas reais ou imaginárias. Moreira (1984) assegura que as crianças utilizam as memórias das suas vivências, recriando situações do quotidiano, quer sejam positivas ou negativas, recriando situações reais em imaginárias e vice-versa.

- **Categoria nº5** – Gostos pessoais

Chegando à última categoria, podemos dizer que esta é uma das mais importantes, pois inclui os gostos pessoais do grupo de crianças. Esta categoria conta com um total de seis desenhos e, para tal, aconselhamos a observação dos Anexos 1-A e B, 3-A, 18-B e 22-A e C.

Relativamente ao excerto transcrito abaixo, podemos afirmar que este se inclui nesta categoria por representar um gosto pessoal da criança, que diz querer ser “um jogador de futebol”. (Ver Anexo 18-B)

Estagiária: “O que é que tu desenhas-te, M.2?”

M2: “Um jogador de futebol.”

(...)

Estagiária: “E tu gostavas de ser assim, um jogador de futebol?”

M2: “Sim.”

Estagiária: “É o que tu mais gostas de fazer?”

M2: “Sim.”

Este último excerto diz respeito a uma criança que, apesar de não ter mencionado na conversa algum gosto pessoal, mencionou que representou os objetos que quis e da cor que quis. Tal facto é possível de observar através do Anexo 22-C.

Estagiária: “Conta-me o teu desenho.”

V.: “Isto é a “tovoada”, isto aqui é o barco, isto é o volante...” (*Apontando para as figuras do desenho*)

(...)

Estagiária: “Então e o mar é dessa cor? (*Está representado em cor-de-laranja*)

V.: “Eu faço como eu quiser!”

Esta categoria foi criada devido às referências feitas pelas crianças aos seus gostos pessoais, principalmente, ao que queriam ser quando fossem grandes. Ao desenhar, as crianças aproveitam emoções, vivências, pensamentos e outros recursos e, com isto, como assegura Pillar (1996), as crianças estão a inter-relacionar o seu conhecimento objectivo e o seu conhecimento imaginativo.

Conclusão

Ao realizarmos este trabalho de caráter qualitativo, no âmbito da PES, pretendíamos conhecer e compreender o que é mais significativo para o grupo de crianças em questão, através de uma técnica de expressão plástica, o desenho, mais precisamente, o desenho livre.

Foi nosso objetivo analisar de que forma o desenho traduz as vivências significativas e perceber se o meio que rodeia a criança aparece nas suas narrativas gráficas. Como futuras educadoras, achámos pertinente compreender o que as crianças expressam através do desenho livre, e, para isso, foi necessário pôr de parte alguns estereótipos referentes a esta atividade e deixar cada criança o mais à vontade possível, para que, desta forma, o resultado fosse um desenho de livre criação e não influenciado por orientação externa.

A partir da análise dos resultados foi-nos possível a obtenção de respostas aos objetivos delineados no início da realização do estudo. Com o enquadramento teórico recolhido e com os desenhos obtidos, podemos constatar que o elemento que mais aparece nas narrativas gráficas é a figura humana, que representa desde a figura da própria criança, a estagiária, o grupo de pares ou a família. Também foi possível verificar que um número bastante significativo de crianças utiliza o seu desenho para contar histórias, relatar factos reais ou imaginários, dando origem ao jogo simbólico.

Traçámos outros objetivos de estudo a nível da comunicação e linguagem, de modo a saber se os desenhos representam o mesmo que a criança expressa verbalmente e se o desenho é um meio de comunicação. Graças à recolha de informação de autores de referência, foi-nos possível constatar que estas suspeições são verdadeiras, pois, com este grupo, verificou-se que os desenhos foram meios de comunicação criança-

estagiária e que os mesmos desenhos iam ao encontro do que a criança expressava verbalmente.

Relativamente à primeira questão “A representação do desenho livre possibilita a representação das vivências significativas da criança?”, podemos afirmar que o desenho possibilita a representação das vivências significativas da criança quando este é reproduzido de forma livre pois, tal como a brincar, ao desenhar são utilizadas as memórias das suas vivências. É através do desenho que a criança expressa a sua vida e personalidade, mas devemos ter em conta isto como uma fase ainda com muito para desenvolver (Freinet, 1977). Este facto é possível de constatar quando se criaram as categorias de análise aos desenhos. A criança pôde representar o que para si era mais significativo, nunca sendo limitada pelo adulto em qualquer fase de execução. As categorias que melhor expressam as vivências significativas da criança são as vivências emocionais e do quotidiano, em que, em ambas, a criança expressa o seu meio familiar, o grupo de pares e a ausência da família, ou então, situações reais vivenciadas dentro ou fora da escola.

Seguindo a segunda questão “Na comunicação com o adulto, a criança consegue verbalizar a sua intencionalidade presente na representação expressa no desenho livre?” tivemos que ter em consideração os diálogos concretizados, efetuados após a realização dos desenhos, e após a análise de cada uma delas, em comparação com a respetiva reprodução gráfica, podemos dizer que o desenho representado expressa a mesma intenção que a criança enuncia verbalmente. Ao longo do diálogo, é possível recolher informações que, sem essa ferramenta, seriam impossíveis de obter, pois a criança tem a possibilidade de contar ou descrever o seu desenho com a mesma intenção com que o realizou. São também nestes momentos de conversa que o adulto percebe qual a

intenção da criança ao fazer determinado desenho e compreende o que revelam os símbolos representados, em que não se consegue fazer uma associação objetiva.

Em alguns momentos, como é possível de observar através das conversas, a criança parece não saber o que responder e isso poderá dever-se ao facto de ter desenhado algo que, afinal, não é assim tão significativo para ela, mas, se o traçado for realmente livre, então a criança expressa o que está a sentir.

Comparativamente à questão “De que forma o contexto que rodeia a criança surge nas suas narrativas gráficas?” podemos constatar que o desenho proporciona inúmeras possibilidades de representar objetos, emoções, vivências do quotidiano ou pessoas. No caso de acontecimentos reais ou imaginários, a criança pode transformá-los em histórias gráficas, incluindo emoções vivenciadas na interação com as pessoas do seu meio (Matthews, 2002). Santos, et al. (1966), diz que as figuras desenhadas pela criança têm como base uma “motivação emocional”, pois, quando desenha alguém ou algo, está a expressar a sua ligação efetiva. Por volta dos cinco anos de idade, a maioria das crianças já faz uma vinculação entre os seus pensamentos e o meio, começando assim, a desenhar pessoas e coisas e relacionando-as entre si (Lowenfeld, 1977).

Graças às categorias criadas, principalmente às vivências emocionais e às vivências do quotidiano, podemos apurar que as representações gráficas das crianças envolveram sempre o seu meio, quer seja através da família, grupo de pares ou momentos vivenciados.

Finalmente, na última questão “Como o contexto é representado na produção do desenho livre?” analisámos que o contexto escolar, bem como o papel do educador, têm um papel muito importante no desenvolvimento da criança. Quando a escola está realmente preocupada com o saudável e rico crescimento da criança, ir-se-á igualmente preocupar com todas as áreas de conteúdo que levarão ao seu desenvolvimento. O

educador deverá estar receptivo ao que a criança quer expressar, mais do que à maneira como o tenta fazer (Hohmann & Weikart, 2004), tal como foi feito no processo de realização dos desenhos, em que a estagiária auxiliou as crianças para, e apenas, a sua livre expressão através do desenho.

Após termos encontrado respostas para os objetivos anteriores, conseguimos afirmar que as instituições para a infância são de elevada importância na ação de produção do desenho, pois são locais onde as crianças passam várias horas e podem expressar os seus sentimentos, bons e maus. Como tal, é função do educador estar alerta para os possíveis sinais que a criança possa emitir e utilizar o desenho livre como ferramenta para conhecer e perceber melhor o que a criança está a sentir. No caso deste grupo de crianças, através deste estudo, foi possível saber os gostos pessoais, as suas vivências no quotidiano, as suas relações com os familiares e com o grupo de pares. Desta forma, podemos dar resposta à questão inicial do nosso estudo.

A pergunta que foi elaborada inicialmente, e que esteve na origem deste trabalho de investigação foi “As crianças exprimem os seus sentimentos e o seu meio através do desenho?”. Depois de um vasto estudo para chegar até aqui, foram recolhidos vários desenhos que foram organizados em categorias, de modo a poder compreender melhor as vivências significativas de cada criança. Estas categorias facultaram-nos um maior conhecimento de cada criança através dos seus gostos, das suas estruturas familiares, das vivências do quotidiano e das relações entre família e grupo de pares. Em suma, podemos dizer que este grupo, de uma forma geral, apresenta nos seus desenhos, convivência entre pares e família, demonstra a ausência da figura parental enquanto militar das Forças Armadas e expressa os seus gostos pessoais através do que pensa para o futuro. Englobando isto, ainda se deu o caso de observar desenhos com jogo

simbólico e outros sem relação de elementos, mas todos com vivências reais e/ou imaginárias.

Após a conclusão deste estudo, conseguimos compreender que as crianças conseguem expressar o que quiserem através do desenho, basta que o estejam a fazer de livre vontade e sem influências do meio exterior.

Durante a realização deste estudo, sentimos algumas dificuldades, das quais se destaca o reduzido tempo da PES. Foi devido a este condicionalismo que fomos impossibilitadas de realizar mais fases de recolha de desenhos, pois entendemos que a primeira fase não correu como o esperado, por não se ter feito uma gravação de áudio e vídeo.

O estudo em causa não é suscetível de ser generalizado ou de ser considerado como representativo da classe infantil, uma vez que a amostra é reduzida e particularizada neste grupo de crianças. Mas este poderia ser alargado, utilizando um maior número de crianças, quer fossem da mesma instituição ou da mesma zona geográfica.

Seria ainda possível alargar esta investigação ao estudo da cor e a sua relevância no desenho livre.

Ao realizarmos este relatório, tivemos oportunidade de utilizar metodologias próprias que, seguramente, nos permitirão aprofundar conceitos que serão úteis em futuros trabalhos.

Enquanto futuras educadoras, consideramos que este estudo terá uma grande utilidade nos nossos percursos profissionais, na medida em que nos irá facilitar a promoção de momentos dedicados à livre expressão da criança, quer seja através do desenho ou de outra técnica, apoiando a nossa intervenção com maior conhecimento adquirido através deste trabalho de investigação.

Referências bibliográficas

- Aguiar, V. T. (2004). *O verbal e o não verbal*. UNESP.
- Arnheim, R. (s.d). *Arte e Percepção Visual - Uma psicologia da visão criadora*. Thomson.
- Bee, H. (1984). *A criança em Desenvolvimento*. São Paulo: Harper & Row.
- Berger, P., & Luckmann, T. (1976). *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (2013). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto Editora.
- Brown, R. (1976). *Development of the first language in the human species*. New York: Holt, Rinehart and Winston.
- Colás, B., & Buendia, E. L. (1992). *Investigación Educativa*. Sevilla: Alfar.
- Coletto, D. C. (2010). A importância da arte para a formação da criança. *Revista Conteúdo*, 1, p. 139.
- Cunha, S. R. (2011). Pintando, bordando, rasgando, desenhado e melecando na educação infantil. In S. R. Cunha, *Cor, som e movimento: A expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança* (p. 8). Porto Alegre: Mediação.
- Derdyk, E. (1989). *Formas de pensar o desenho - Desenvolvimento do grafismo infantil*.
- Deshaies, B. (1992). *Metodologia da Investigação em Ciências Humanas*. Portugal: Artes Gráficas.
- Ferreira, S. (2001). *Imaginação e linguagem no desenho da criança*. Campinas: Papirus.
- Freinet, C. (1977). *O Método Natural II - A aprendizagem do desenho*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Graue, M. E., & Walsh, D. J. (2003). *Investigação Etnográfica com Crianças - Teorias, Métodos e Ética*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Grawitz, M. (1986). *Méthodes des sciences sociales*. Paris: Dalloz.
- Hébert, M. L., Goyette, G., & Boutin, G. (2005). *Investigação Qualitativa - Fundamentos e Práticas*. Lisboa: Stória Editores.
- Hohmann, M., & Weikart, D. P. (2004). *Educar a Criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Lowenfeld, V. (1977). *A criança e a sua Arte*. São Paulo: Editora Mestre Jou.
- Luquet, G. H. (1969). *O Desenho Infantil*. Barcelos: Companhia Editora do Minho.
- Matthews, J. (2002). *El Arte de la Infancia y la Adolescência - La Construcción del significado*. Barcelona: Paidós.
- Moreira, A. A. (1984). *O espaço do desenho: A educação do educador*. Loyola.
- Piaget, J. (1971). *A formação do símbolo na criança*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Piaget, J. (1977). *A linguagem e o pensamento da criança*. Lisboa: Moraes editores.
- Pillar, A. D. (1996). *Desenho e construção de conhecimento na criança*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Plaisance, E. (2004). *Para uma Sociologia da Pequena Infância. Educação Sociedades*. Campinas.
- Salomé, J. (1989). *Papá, Mamã, Escutem-me com atenção - Para compreender as diferentes linguagens da criança*. Paris: Editions Albin Michel.
- Santos, J. d. (1982). *Ensaio sobre Educação - I. A criança quem é?* Lisboa: Livros Horizonte.
- Santos, J. d., Skapinakis, N., Rebelo, L. F., Portas, N., Branco, J. d., & Grácio, R. (1966). *Educação estética e ensino escolar*. Lisboa: Europa-América.
- Sasportes, J. (2006). Roteiro para a Educação Artística. *I Conferência Mundial de Educação Artística* (pp. 6-10). Lisboa: Comissão Nacional de UNESCO.
- Sociologia. (16 de Junho de 2013). *Sociologia e Educação*. Obtido de Estudo da Sociologia: <http://1imonsenhorestudandosociologia.blogspot.pt/2013/06/o-que-e-socializacao-primaria-e.html>
- Stern, A. (1974). *Uma Nova Compreensão da Arte Infantil*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Vasconcelos, T. (1997). *Orientações Curriculares*.
- Werner, O., & Schoepfle, G. M. (1987). *Foundations of ethnography and interviewing* (Vol. 1). Newbury Park: Sage.

Anexos

Anexo 1 – Representações gráficas do D.C. 1

Anexo A - Representação gráfica da 1ª fase



Anexo B - Representação gráfica da 2ª fase e respetivo diálogo



2ª Sessão Dia 18-06-2014

Estagiária: “D., o que é que tu desenhas-te?”

D.C. 1: “Um jogador de futebol.”

Estagiária: “Este é o jogador de futebol?”

D.C. 1: “Sim.”

Estagiária: “E porque é que desenhas-te um jogador de futebol?”

D.C. 1: “Porque eu gosto.”

Estagiária: “O que queres ser quando fores grande?”

D.C. 1: “Um jogador de futebol.”

Estagiária: “Então e o que é isto?”

D.C. 1: “É uma baliza.”

Estagiária: “Então e do outro lado é o quê?”

D.C. 1: “É outra baliza.”

Estagiária: “Ah! São duas balizas. E esse jogador é de que clube?”

D.C. 1: “Sporting.”

Estagiária: “Tu és de que clube?”

D.C. 1: “Sporting!”

Estagiária: “AH! Foi por isso que desenhas-te de verde?!”

D.C. 1: “Sim”

Estagiária: “Qual é a tua cor favorita?”

D.C. 1: “É o verde”

Estagiária: “Então mostra-me o teu desenho.”

Anexo C - Representação gráfica da 3ª fase e respetivo diálogo



3ª Sessão Dia 26-06-2014

Estagiária: “O que é eu tu desenhas-te?”

D.C. 1: “A mãe só.”

Estagiária: “Esta é a mãe?”

D.C. 1: “Sim.”

Estagiária: “Então e é a mãe porquê?”

D.C. 1: “Porque está em casa.”

Estagiária: “Ela aqui está em casa?” (*Apontando para o desenho*)

D.C. 1: “Sim”

Anexo 2 - Representações gráficas do D.Q.

Anexo A - Representação gráfica da 1ª fase



Anexo B - Representação gráfica da 2ª fase e respetivo diálogo



2ª Sessão Dia 18-06-2014

Estagiária: “Conta-me o teu desenho D.”

D.Q.: “Haa... Isto é uma cascata.”

Estagiária: “E porque é que fizeste uma cascata?”

D.Q.: “Porque eu gosto de cascatas”

Estagiária: “Então e isto é o quê?”

(Pausa)

Estagiária: “Não sabes?”

D.Q.: “É uma casa”

Estagiária: “E é uma casa porquê?”

D.Q.: “Porque... Porque tem um telhado”

Estagiária: “AH! E isto?”

D.Q.: “É uma flor!”

Estagiária: “E quem é este?”

D.Q.: “É o meu pai”

Estagiária: “O teu pai? Pois ele já está em casa não é?”

D.Q.: “Não, está num navio a trabalhar”

Estagiária: “Então ele ainda não veio?”

D.Q.: “Ele está a trabalhar mas depois vem para me vir buscar à escola.”

3ª Sessão Dia 26-06-2014

Estagiária: “D. o que é que tu desenhas-te?”

D.Q.: “Isto é um animal.” (*Aponta para o desenho*)

Estagiária: “Isto?”

D.Q.: “Sim”

Estagiária: “Que animal é esse?”

D.Q.: “Canguru”

Estagiária: “É um canguru? Porque é que desenhas-te um canguru?”

D.Q.: (*Fica pensativo*)

Estagiária: “Tu gostas?”

D.Q.: “Sim”

Estagiária: “Onde é que já viste os cangurus?”

D.Q.: “Quando fui ao jardim-zoológico.”

Estagiária: “Gostas-te de ir ao jardim-zoológico?”

D.Q.: (*Abana a cabeça em sinal de confirmação*)

Estagiária: “E mais?”

D.Q.: (*Fica pensativo*)

Estagiária: “O que é isto?” (*Aponta para o que está representado*)

D.Q.: “É uma escada. A parte de cima é a mola, a parte de baixo é a escada.”

Estagiária: “E o que desenhas-te mais?”

D.Q.: “Isto é a arca do tesouro.”

Estagiária: “É o quê?”

D.Q.: “Arca do tesouro”

Estagiária: “E o que é que esse tesouro tem lá dentro?”

D.Q.: “Espera ai, esqueci-me de fazer aqui uma coisa.” *(Pega numa caneta cor-de-laranja e começa a desenhar)*

Estagiária: “O que é que fizeste?” *(Interroga sobre o que acabou de desenhar)*

D.Q.: “Isto é uma risquinha.”

Estagiária: “E que risquinho é esse?”

D.Q.: “Normal.”

Estagiária: “E isto aqui é o quê?” *(Aponta para uma cruz desenhada)*

D.Q.: “É um X. Está fechado isso.”

Estagiária: “Olha então e isto é o quê?”

D.Q.: “Uma cascata.”

Estagiária: “Uma cascata? Então e porque é que tem essa cor? *(Está desenhada a preto)*

D.Q.: “Porque eu já vi uma cascata preta.”

Estagiária: “Já? A onde?” *(Questiona curiosa)*

D.Q.: “Quando fui ao Zoomarine.”

Estagiária: “Gostas-te de ir?”

D.Q.: *(Abana a cabeça em sinal de confirmação)*

Estagiária: “Então e isto é o quê?”

D.Q.: “Um pão com chouriço”

Estagiária: “Isto?” *(Pergunta espantada)*

D.Q.: *(Não responde)*

Estagiária: “E isto?” *(Aponta para outro símbolo)*

D.Q.: “Isso é... uma cabeça!”

Estagiária: “De quem?”

D.Q.: “Ninguém!”

Estagiária: “E isto?” (*Aponta para um círculo vermelho*)

D.Q.: “Isso é um...” (*Nome não perceptível*)

Estagiária: “É o quê?”

D.Q.: “Um JO” (*Não sabemos qual o significado*)

Estagiária: “E gostas de brincar?”

D.Q.: “Eu já tenho em casa. E isto é uma minhoquinha.” (*Aponta para outra parte do desenho.*)

Estagiária: “Então e isto é o quê?”

D.Q.: “Isto aqui é onde guardam as coisas, uma mala e está aberta e aqui é uma caveira.”

Estagiária: “Uma caveira? Porque é que desenhas-te uma caveira?” (*Pergunta espantada*)

D.Q.: “Porque eu gosto dos ursos e os ursos têm uma caveira.”

Estagiária: “AH, uma caverna!”

D.Q.: “Sim, têm uma caverna.”

Estagiária: “Mas não está aí nenhum urso, ou está?”

D.Q.: “Está, mas a fingir.”

Estagiária: “Foi como ontem que fizemos a caça ao urso?”

D.Q.: (*Não responde*) “Isto aqui é...riscado.”

Estagiária: “Então e isto aqui é o quê?”

D.Q.: “Risquinhos” (*Pausa*) “Faz forma com a parte laranja. Isto é para dar luz aqui. (*Apontando onde dá a luz*)

Estagiária: “E isto aqui o que é?”

D.Q.: “Esta coisa preta é um biquinho.”

Estagiária: “É o quê?”

D.Q.: “Um biquinho gigante.”

Estagiária: “Um biquinho gigante?”

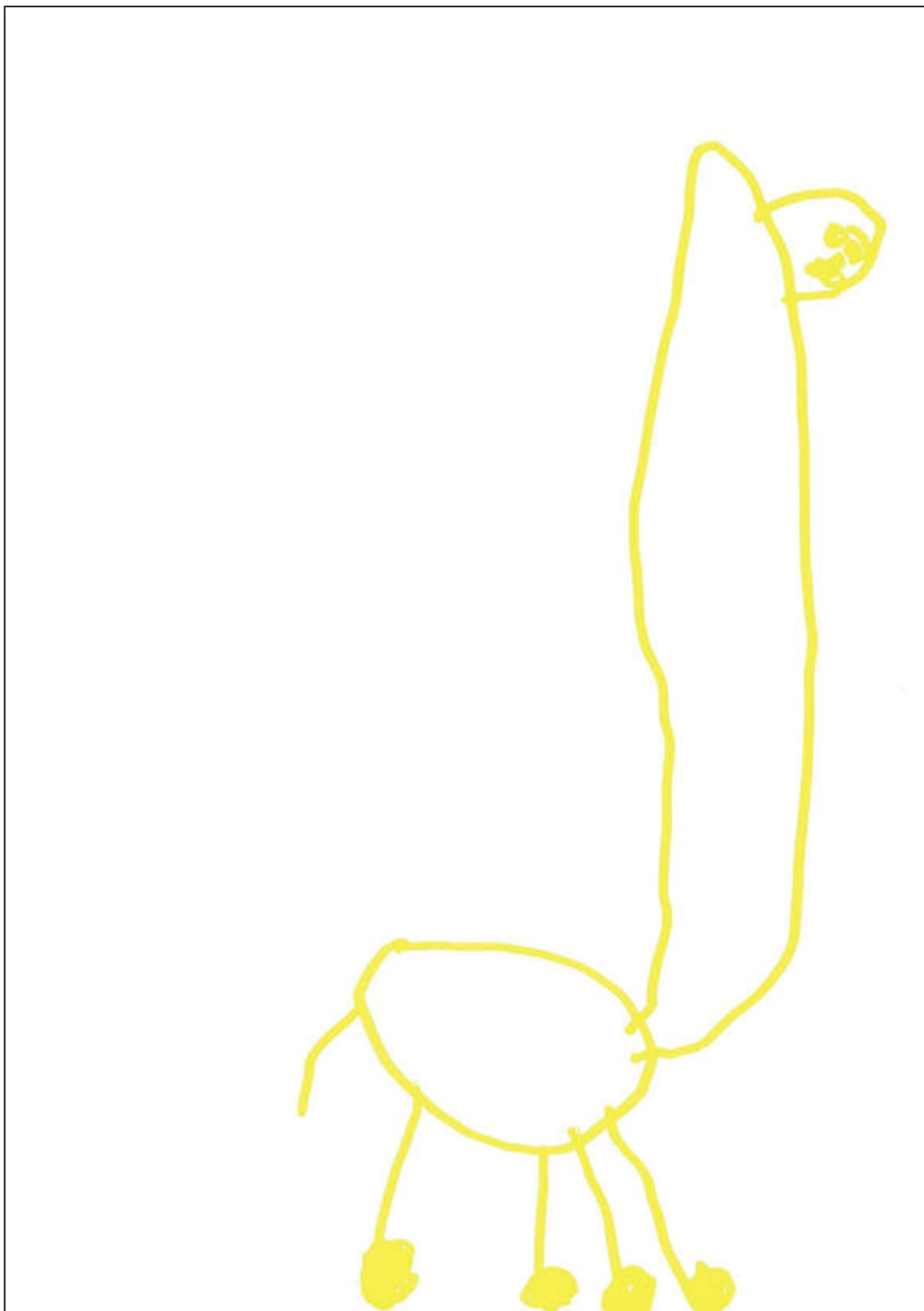
D.Q.: “Sim!”

Estagiária: “Então mostra lá o teu desenho? Dessas cores todas qual é a tua preferida?”

D.Q.: *(Olha para o desenho)* “Azul”

Anexo 3 - Representações gráficas do D.C. 2

Anexo A - Representação gráfica da 1ª fase



Anexo B - Representação gráfica da 2ª fase e respetivo diálogo



2ª Sessão Dia 18-06-2014

Estagiária: “Conta-me o teu desenho?”

D.C.2: “É o autocarro”

Estagiária: “Isso é um autocarro?”

D.C.2: Sim! Tem pessoas!”

Estagiária: “Isto são tudo pessoas?”

D.C.2: “Sim”

Estagiária: “E aqui?”

D.C.2: “É o “mostrista” do autocarro”

Estagiária: “Porque é que isto está vermelho?”

D.C.2: “É para fazer o sinal e para avisar as pessoas que não podem bater no autocarro.”

Estagiária: “AH está bem. Olha e isto?”

D.C.2: “Isso é o botão para ligar...há...é para puxar...para o vidro abrir cá para baixo.”

Estagiária: “Boa! E tu estás nesse autocarro?”

D.C.2: “Não, porque aqui só tem pessoas amarelas!”

Estagiária: “Pois e tu não és uma pessoa amarela não é?”

D.C.2: “Pois não”

Estagiária: “Então não está aí ninguém que nós conhecemos pois não?”

D.C.2: “Pois não!”

Estagiária: “Então mostra-me o teu desenho.”

Estagiária: “D. porque é que fizeste um autocarro?”

D.C.2: “Porque eu gosto de autocarros.”

Estagiária: “E costumavas andar de autocarro?”

D.C.2: “Sim”

Anexo C - Representação gráfica da 3ª fase e respetivo diálogo



3ª Sessão Dia 26-06-2014

Estagiária: “O que é que tu desenhas-te?”

D.C. 2: “Um carro dos bombeiros!” (*Diz entusiasta*)

Estagiária: “Isso é tudo um carro de bombeiros?” (*Pergunta espantada*)

D.C. 2: “É!”

Estagiária: “Então mas aqui está uma pessoa.”

D.C. 2: “É o bombeiro.”

Estagiária: “AH é o bombeiro...então e isto é o quê?”

D.C. 2: “É o volante para ele conduzir.”

Estagiária: “Então ele está a conduzir não é?”

D.C. 2: “Ele vai apagar o fogo.”

Estagiária: “Isto é o fogo?” (*Aponta para uns riscos cor-de-laranja*)

D.C. 2: “É”

Estagiária: “Então e achas que ele vai conseguir apagar o fogo ou não?”

D.C. 2: “Vai! Porque tem uma mangueira forte.”

Estagiária: “Onde é que está a mangueira?”

D.C. 2: (*Aponta para o desenho*)

Estagiária: “Mas a água ainda não está a sair pois não?”

D.C. 2: “Pois não porque ele ainda não ligou.”

Estagiária: “AH pronto.” (*Pausa*) “Olha e o que é que tu queres ser quando fores grande?”

D.C. 2: “Eu queria ser bombeiro com o D.L.”

Estagiária: “E achas que vão ser os dois bombeiros?”

D.C. 2: “Sim! Acho que precisamos de muitos!”

Estagiária: “Eu também acho que são precisos muitos bombeiros.”

D.C. 2: “Mas eles precisam (*exemplifica com gestos*) para eles descerem.”

Estagiária: “Aqueles escadas grandes é?”

D.C. 2: “Não! Não são escadas, são aquelas (*repete os gestos*)

Estagiária: “AH! São aqueles...aquele varão para eles escorregarem não é?”

D.C. 2: “Sim!” (*A frase seguinte não é perceptível*)

Estagiária: “E tu queres descer por ai?”

D.C. 2: “Sim”

Estagiária: “Mostra!”

D.C. 2: “Ups! Acho que a varanda ainda não está feita! Porque não há mais espaço pelo fogo.”

Estagiária: “Olha o fogo está ai a ocupar o espaço todo não é?”

D.C. 2: “Sim porque eu fiz tanto. Mas ele vai ligar...vai ligar o botão. Ups ainda não desenhei os braços!”

Estagiária: “Então se ele não tem braços como é que ele conduz o carro dos bombeiros?”

D.C. 2: “Está bem, tenho que desenhar as mãos!”

(*Começa a desenhar*)

D.C. 2: “Pronto! Já está a conduzir!”

Estagiária: “Já está a conduzir?”

D.C. 2: “Sim!”

(*Continua a adicionar outros pormenores no desenho*)

Estagiária: “Isso é o quê?” (*Referindo-se aos novos pormenores do desenho*)

D.C. 2: “É o carro.”

Estagiária: “Essa parte de cima faz parte do carro?”

D.C. 2: “Falta aqui uma sirene!”

Estagiária: “Onde é que está a sirene?”

D.C. 2: (*Aponta para o sitio onde desenhou a sirene*) “Em cima do carros dos bombeiros!”

Estagiária: “Tens toda a razão.” (*Pausa*) “Mostra-me o teu desenho.”

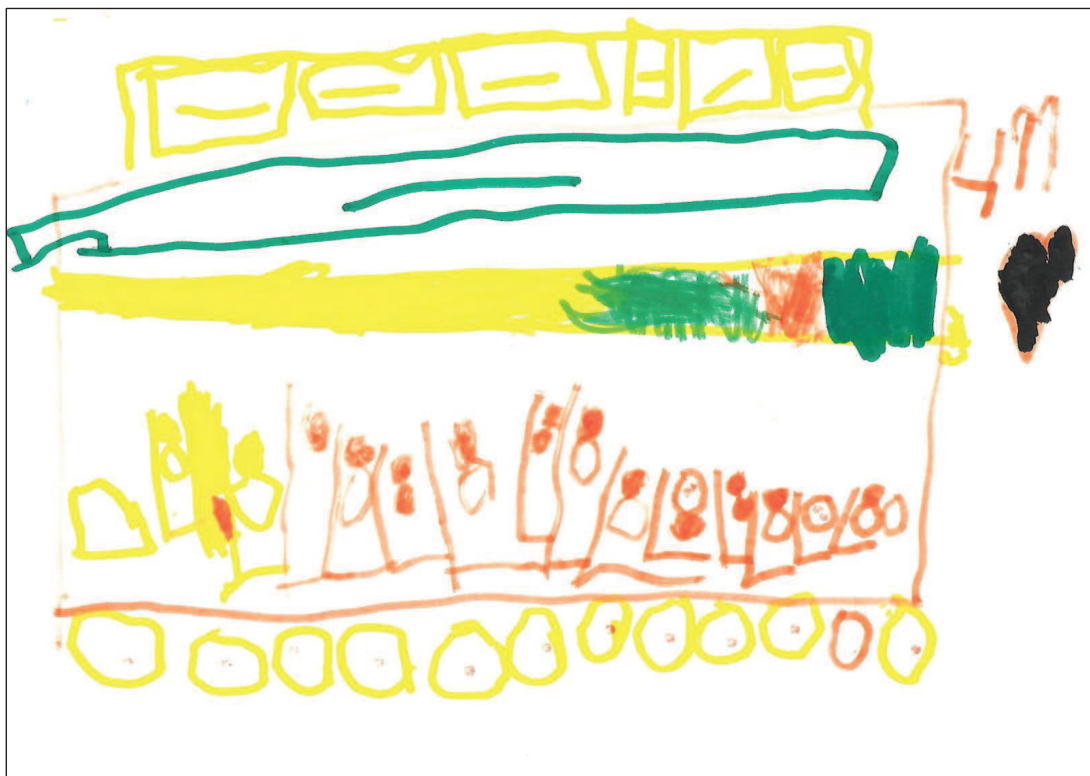
D.C. 2: “É um carro.”

Anexo 4 - Representações gráficas do D.L.

Anexo A - Representação gráfica da 1ª fase



Anexo B - Representação gráfica da 2ª fase e respetivo diálogo



2ª Sessão Dia 18-06-2014

Estagiária: “D. conta-me o teu desenho. O que é que tu fizeste?”

D.L.: “Fiz...um autocarro”

Estagiária: “E porque é que fizeste um autocarro?”

D.L.: “Este é diferente!”

Estagiária: “Pois é! E desenhaste um autocarro porquê?”

D.L.: “Porque eu gosto muito!”

Estagiária: “E tu gostas de andar de autocarro? Andas muitas vezes?”

D.L.: “Algumas”

Estagiária: “E andas com quem?”

D.L.: “Com a avó Teresa e com a minha mãe.”

Estagiária: “Então e explica-me lá, estas bolinhas aqui é o quê?”

D.L.: “São as rodinhas de seguranças! Umas estão aqui em baixo que é para quando estragarem-se todas pôr uma.”

Estagiária: “Então e aqui é o quê?”

D.L.: “É os senhores e é o condutor aqui.”

Estagiária: “E estes aqui atrás?”

D.L.: “Isso aí, é uma “potinha” que é...um joguinho.”

Estagiária: “Um jogo dentro de um autocarro?”

D.L.: “Sim!!”

Estagiária: “E isto cá em cima é o quê?”

D.L.: “É as coisas que não...não cabiam coisas no autocarro por isso, é assim! Depois está aqui uma malinha e outras.”

Estagiária: “São malas?”

D.L.: “Sim.”

Estagiária: “Então e isto aqui é o quê?”

D.L.: “É um coração e isto é o número do autocarro e isto é a marca.”

Estagiária: “Então mostra-me o teu desenho.”

Anexo C - Representação gráfica da 3ª fase e respetivo diálogo



Estagiária: “O que é que tu fizeste?”

D.L.: “Um carro dos bombeiros. *(Diz contente)* “Este é o chefe e este está zangado porque não gosta de andar de carro e este são os bombeiros. E ainda falta fazer o chapéu dele!” *(Pega numa caneta e começa a desenhar os pormenores que faltam)* “Ele é muito mau...este!” *(Aponta para a terceira figura)*

Estagiária: “Este é mau e está zangado?”

D.L.: “Sim...é mau porque não gosta muito que eu mudasse para o Benfica.”

Estagiária: “Ele não é do Benfica ou é?”

D.L.: “É mas queria ir para o futebol.”

Estagiária: “E está ali a trabalhar não é?”

D.L.: “Sim”

Estagiária: “Então e eles vão a onde?”

D.L.: “Vão apagar um fogo que está aqui já.”

Estagiária: “Então e isto aqui é o quê?”

D.L.: “São as casas das coisas. Das coisas para guardarem as coisas.”

Estagiária: “São casas e que estão a arder?”

D.L.: “Não! Isto é as casas das coisas que eles “levem” no carro.”

Estagiária: “Tem lá o material guardado? As mangueiras, o escadote...”

D.L.: “O escadote é isto!”

Estagiária: “Isso é aquela escada grande?”

D.L.: “Sim”

Estagiária: “Para eles subirem.”

D.L.: “E aqui está o fogo.”

Estagiária: “Então e isto aqui é o quê?”

D.L.: “É o fogo no prédio.”

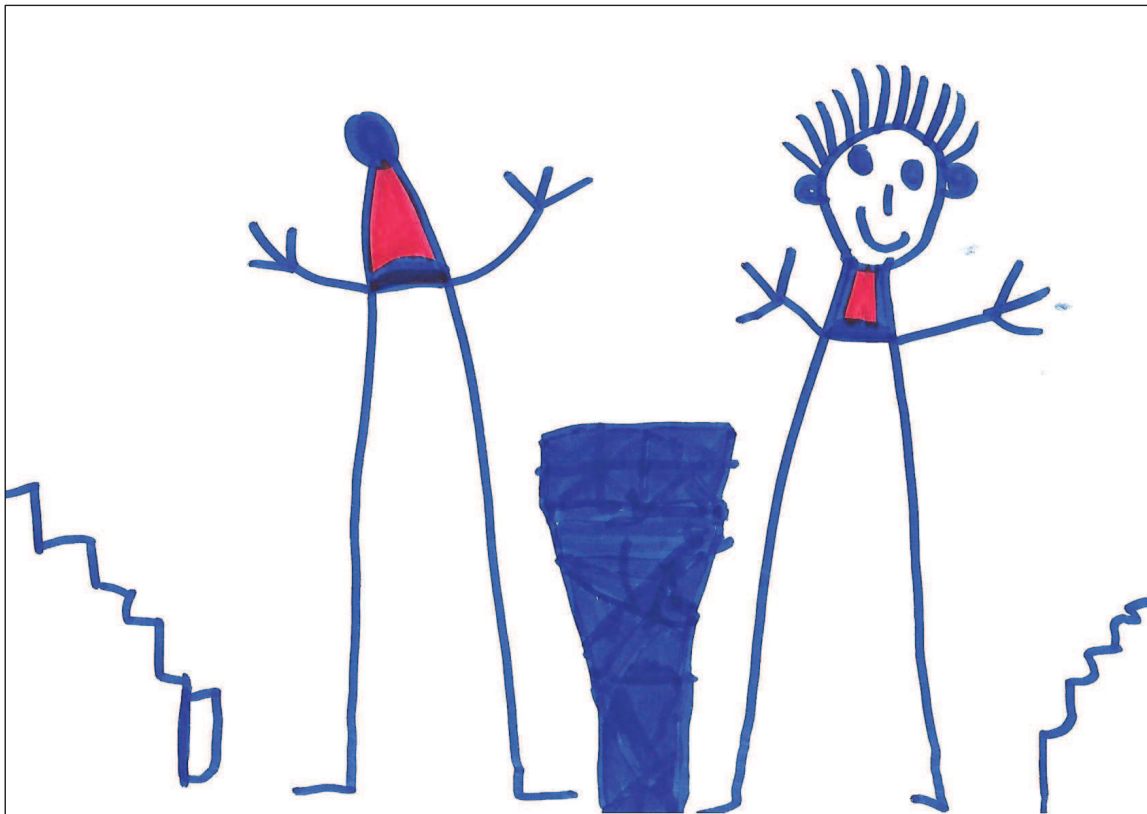
Estagiária: “O fogo num prédio!” (*Pausa*) “E o que é que tu queres ser quando fores grande?”

D.L.: “Bombeiro”

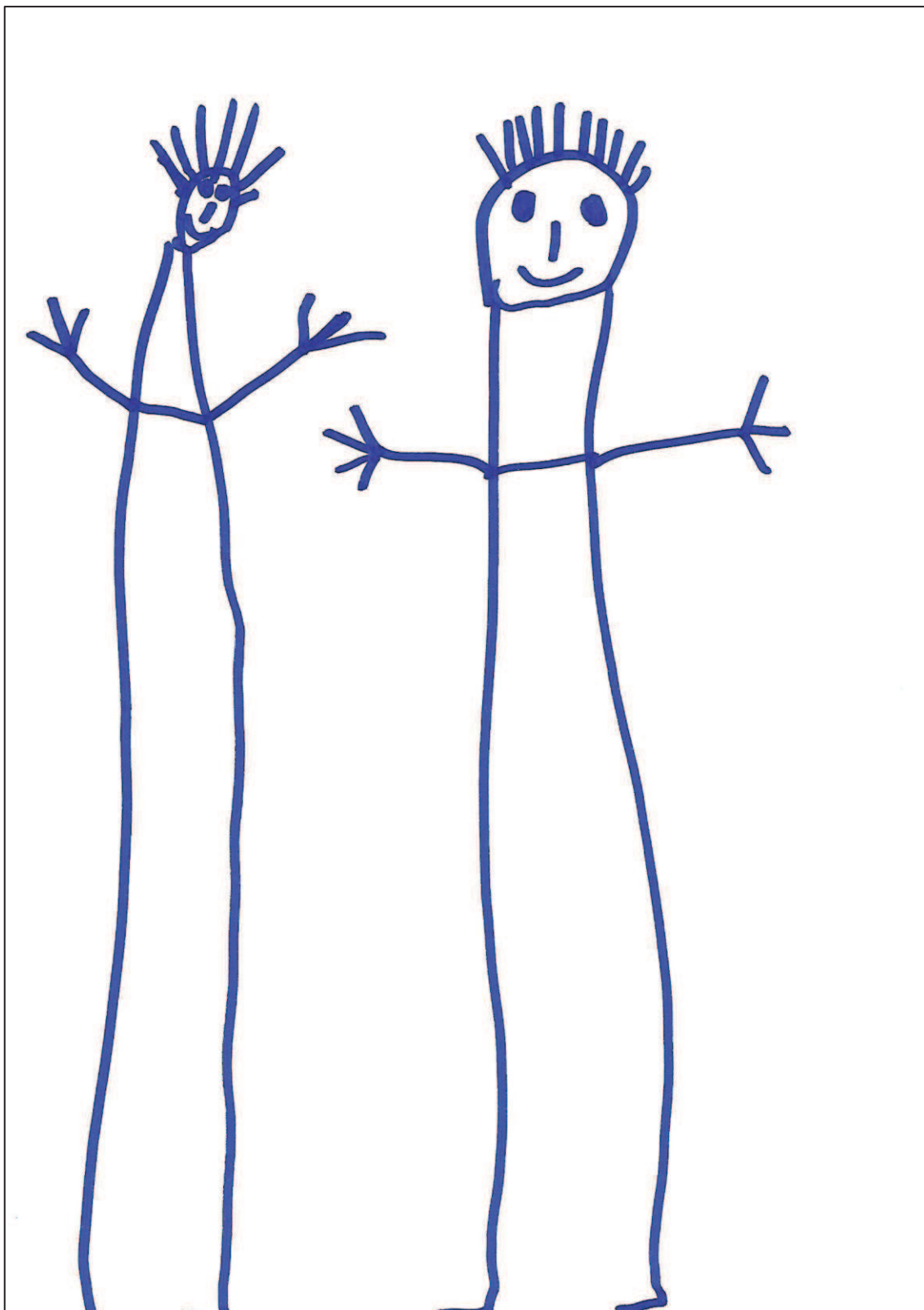
Estagiária: “Mostra-me o teu desenho.”

Anexo 5 - Representações gráficas do D.P.

Anexo A - Representação gráfica da 1ª fase



Anexo B - Representação gráfica da 2ª fase e respetivo diálogo



2ª Sessão Dia 18-06-2014

Estagiária: “Quem são?”

D.P.: “São o meu pai e eu.”

Estagiária: “Quem é este?”

D.P.: “O meu pai.”

Estagiária: “E este?”

D.P.: “Eu!”

Estagiária: “E porque é que fizeste o teu pai?”

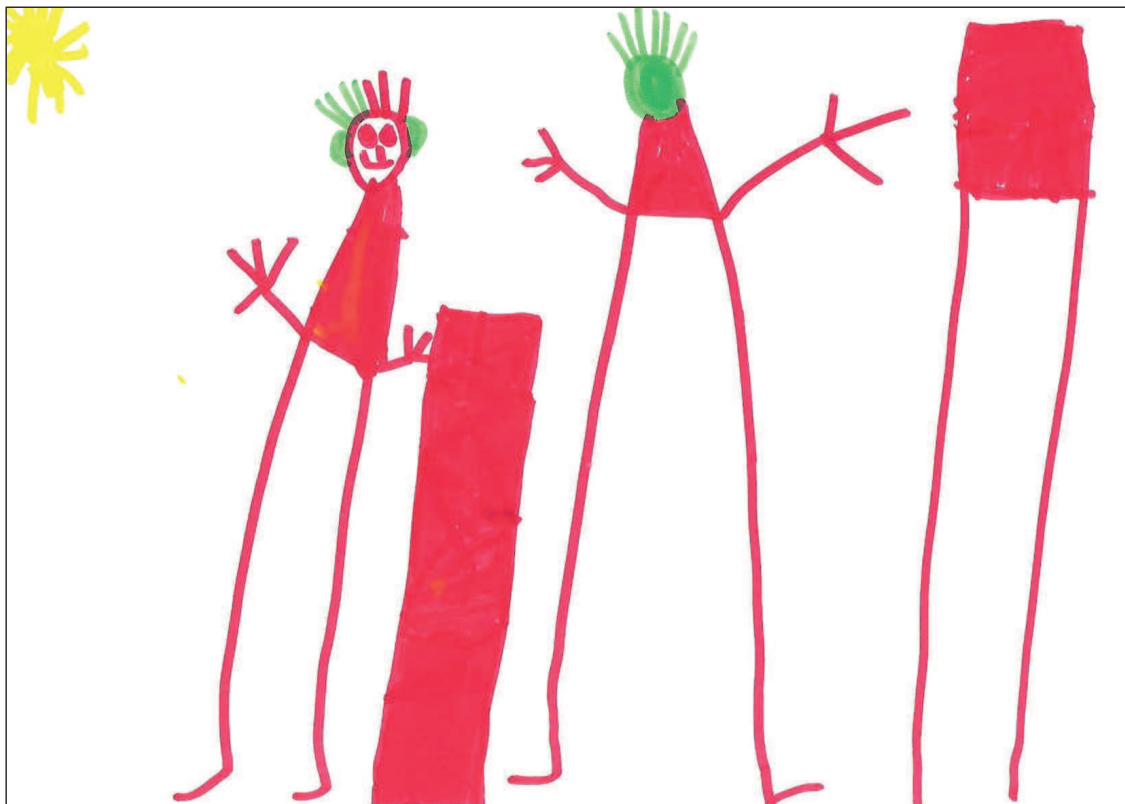
D.P.: “Porque... só falta 3 dias para ele chegar!”

Estagiária: “Aí é?”

D.P.: “É!”

Estagiária: “Então mostra-me o teu desenho.”

Anexo C - Representação gráfica da 3ª fase e respetivo diálogo



3ª Sessão Dia 26-06-2014

Estagiária: “D. conta-me o teu desenho. O que é que tu desenhas-te?”

D.P.: “Este sou eu e este é o meu pai e este é o tesouro.”

Estagiária: “É um tesouro?”

D.P.: *(Sorri)*

Estagiária: “Então e já abriram o tesouro?”

D.P.: “Já!”

Estagiária: “E o que é que tem lá dentro?”

D.P.: “Ouro.”

Estagiária: “Então estão ricos!”

D.P.: *(Sorri)*

Estagiária: “Então e isto é o quê?”

D.P.: “É um aquário.”

Estagiária: “Tens um aquário em casa?”

D.P.: “Sim”

Estagiária: “E porque é que desenhas-te o pai?!”

D.P.: “Porque...ele chega à noite.”

Estagiária: “Chega hoje à noite?”

D.P.: “Sim.”

Estagiária: “E tens muitas saudades dele não é?”

D.P.: “Sim.”

Estagiária: “Olha e porque é que estão todos de vermelho?”

D.P.: “Porque estamos a ver o Benfica.”

Estagiária: “És do Benfica?”

D.P.: *(Abana a cabeça em sinal de confirmação)*

Estagiária: “Qual é a tua cor preferida?”

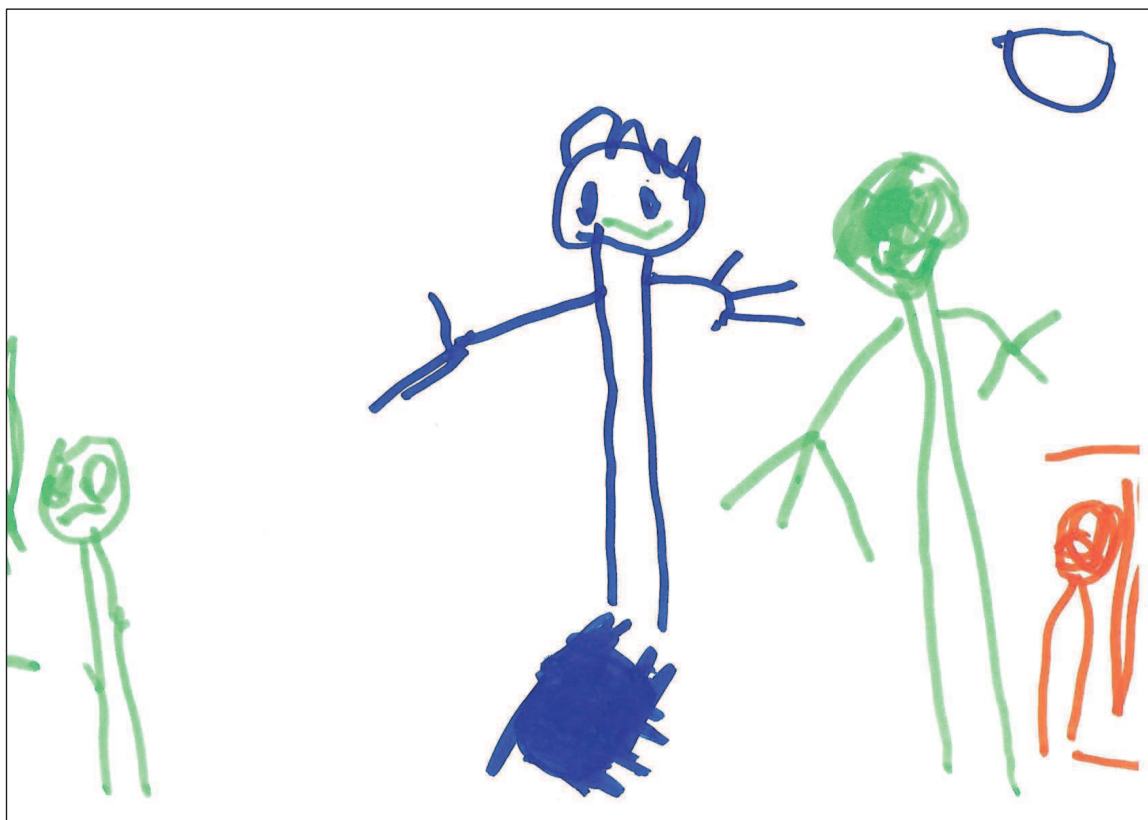
D.P.: “Vermelho.”

Anexo 6 - Representações gráficas do D.R.

Anexo A - Representação gráfica da 1ª fase



Anexo B - Representação gráfica da 2ª fase e respetivo diálogo



2ª Sessão Dia 18-06-2014

Estagiária: “Explica-me o teu desenho.”

(Pausa)

Estagiária: “Quem é este?”

D.R.: “É o Benfica, só que não tinha vermelho fiz de azul.”

Estagiária: “E este?”

D.R.: “É o sporting.”

Estagiária: “E este?”

D.R.: “É o guarda-redes do Benfica, fiz de laranja.”

Estagiária: “E isto é o quê?”

D.R.: “É o sol.”

Estagiária: “Então e isto?”

D.R.: “É a bola e ali é o guarda-redes do sporting com as redes e este é daqui e este vai marcar um golo.”

Estagiária: “AH!”

D.R.: “Vai assim... a bola vai assim...BUM! Vai marcar!” *(Representa com gestos)*

Estagiária: “Então e tu fizeste os jogadores do benfica e do sporting porquê?”

D.R.: “Porque eu gosto muito de jogar à bola, é a minha coisa preferida.”

Estagiária: “E o que tu queres ser quando fores grande?”

D.R.: “O Ronaldo.”

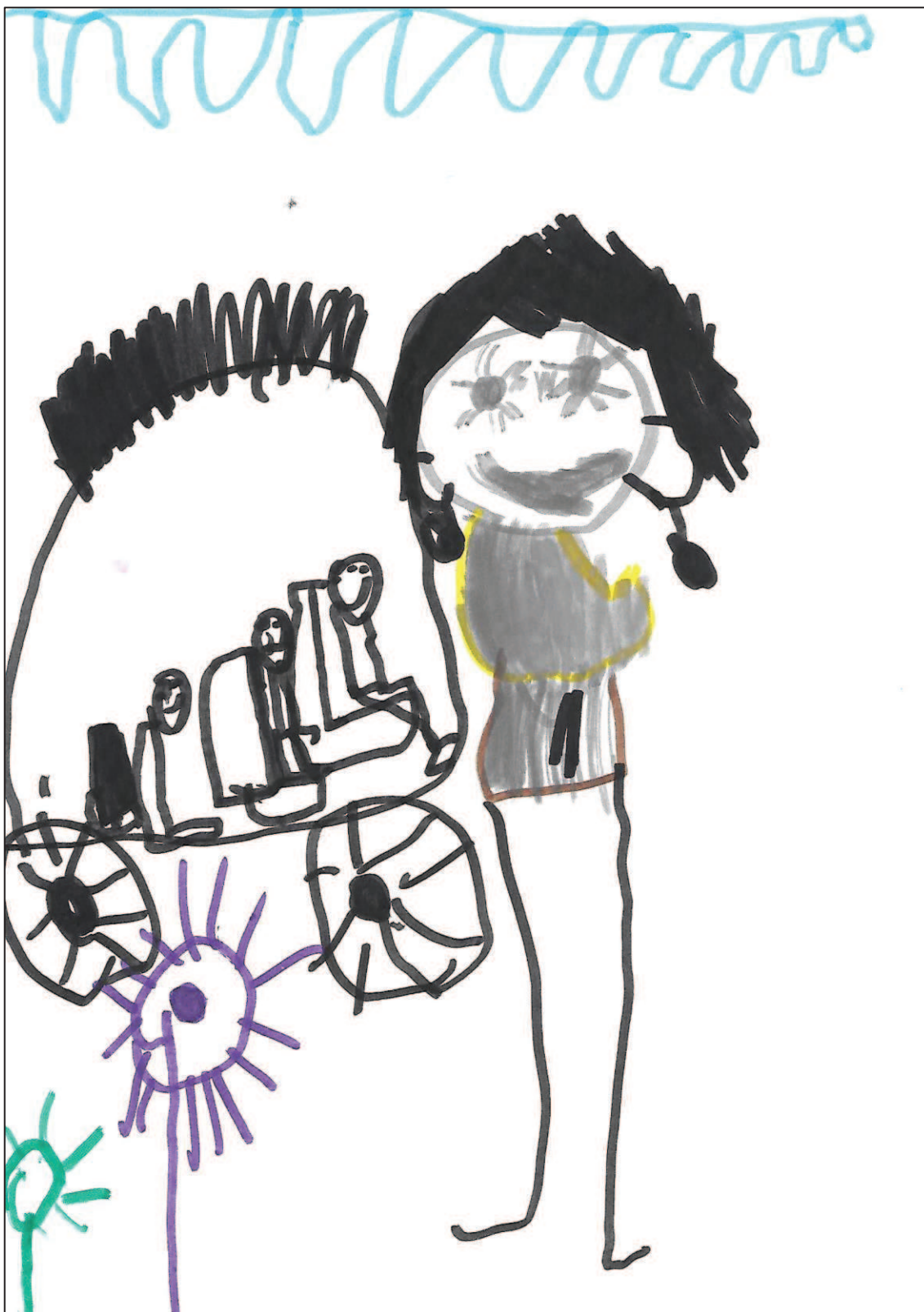
Estagiária: “Queres ser como o Ronaldo?”

D.R.: “Sim!”

Estagiária: “Então mostra-me o teu desenho.”

Anexo 7 - Representações gráficas da E.

Anexo A - Representação gráfica da 1ª fase



Anexo B - Representação gráfica da 2ª fase e respetivo diálogo



2ª Sessão Dia 18-06-2014

Estagiária: “E. o que é que tu desenhas-te?”

E.: “Esta és tu.”

Estagiária: “Sou eu?! Porquê?” (*Questiona surpresa*)

E.: “Porque tu és muito gira...”

Estagiária: “É...? Obrigada!! Mas e isto é o quê?”

E.: “É uma flor com uma cara.”

Estagiária: “E esta?”

E.: “Também é uma flor só que não tem cara.”

Estagiária: “AH...e isto aqui é o quê?”

E.: “São corações.”

Estagiária: “Mas este coração é diferente dos outros...”

E.: “Pois é”

Estagiária: “Porquê?”

(Pausa)

E.: “Porque eu gosto muito de corações.”

Estagiária: “Então e eu que estou aí ao pé das flores, dos corações...porquê?”

(Pausa)

Estagiária: “Tu desenhas-te o que tu gostas mais foi?”

E.: *(abanou a cabeça como forma de confirmação)*

Estagiária: “E dessas cores todas qual é a tua preferida?”

E.: “Azul e vermelho e roxo.”

Estagiária: “Por isso é que desenhas-te a Diana de roxo?”

E.: *(abanou a cabeça como forma de confirmação)*

Estagiária: “Então mostra o teu desenho.”

Anexo 8 - Representações gráficas da F.

Anexo A - Representação gráfica da 1ª fase



Anexo B - Representação gráfica da 2ª fase e respetivo diálogo



2ª Sessão Dia 18-06-2014

Estagiária: “Então o que tens aí F.?”

F.: “Isto é um coração.”

Estagiária: “Tens muitos corações...”

F.: “É... são, um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez... e onze!”

Estagiária: “Então e fizeste tantos corações porquê?”

F.: *(Sorriu apontando para uma boneca no desenho)*

Estagiária: “Quem é essa?”

F.: *(Aponta para a estagiária)*

Estagiária: “Sou eu?”

F.: *(Abana a cabeça em sinal de confirmação)*

Estagiária: “Sou?! E porque me desenhas-te a mim?”

F.: “Porque és bué gira, fofinha, linda e gira”

Estagiária: “Aí obrigada!”

(Deram um abraço)

Estagiária: “Então e conta-me mais coisas, o que é isto?”

F.: “É um carrinho de rodas para andar no chão.”

Estagiária: “E isto é o quê?”

(Pausa)

Estagiária: “Aqui.”

F.: “É um C dentro de uma bola.”

Estagiária: “E porque é que fizeste um C?”

F.: *(Resposta não perceptível.)*

Estagiária: “E isto é o quê?”

F.: “É uma bola de mistério.”

Estagiária: “Mistério?”

F.: “Ela vai descobrir porque é que está a chover!” (*Aponta para a boneca do desenho*)

“E corações, juba e a nuvem!”

Estagiária: “AH! E isto aqui é o quê?”

F.: “É uma porta e isto são os números da casa...”

Estagiária: “Então e desenhaste-me a mim com esses corações e essa nuvem a chover porquê? Para eu resolver o mistério deste jogo?”

F.: (*Não respondeu*)

Estagiária: “Mostra o desenho.”

F.: “Este é o sol.”

Estagiária: “E no meio dessas cores todas qual é a tua favorita?”

F.: “É o roxo e o rosa.”

Anexo C - Representação gráfica da 3ª fase e respetivo diálogo



3ª Sessão Dia 26-06-2014

Estagiária: “F. o que é que tu desenhas-te?”

F.: “Isto é uma tartaruga, isto é uma borboleta, esta é outra, isto é uma flor, ...”
(*Descreve o desenho apontando para cada uma das representações*)

Estagiária: “Uma flor gigante!”

F.: “Isto é uma bandeira.”

Estagiária: “Que bandeira é essa?”

F.: “De Portugal.”

(*Começa a falar com uma amiga*)

M.L.: “Essa é a bandeira de Portugal?”

F.: “É! Como não havia vermelho eu pinteí desta cor clarinha!”

Estagiária: “Então e quem é esta?”

F.: “És tu.” (*Diz envergonhada*)

Estagiária: “Sou eu?” (*Questiona contente*)

F.: “Esta sou eu e esta é a M. 1.”

Estagiária: “Porque é que desenhas-te a M. 1?”

F.: “Porque ela é a minha amiga.”

Estagiária: “Ela é a tua melhor amiga?”

F.: “Sim.”

Estagiária: “E vocês costumam brincar ao quê?”

F.: (*Fica pensativa*) “Aos ursinhos mas é sem os ursinhos.”

Estagiária: “E onde é que nós estamos as três?”

F.: “Esta és tu.”

Estagiária: “Sim e estamos a onde?”

F.: (*Fica pensativa*) “Na sala.”

Estagiária: “Na nossa sala?”

F.: “Sim.”

Anexo 9 - Representações gráficas do G. 1

Anexo B - Representação gráfica da 2ª fase e respetivo diálogo



2ª Sessão 18-05-2014

Estagiária: “Explica-me o teu desenho.”

G.1: “É a minha mãe, este é o meu pai, este sou eu e a minha bicicleta está partida!”

Estagiária: “AH! Como é que a bicicleta se partiu?”

G.1: “Foi o meu pai que partiu.

Estagiária: “Foi? E então agora já não podem andar de bicicleta?”

G.1: “Não. Têm que andar de mota.”

Estagiária: “E tu gostas?”

G.1: “Sim.”

Estagiária: “Então aí estão vocês os três com a bicicleta partida?”

G.1: *(Abanou a cabeça em sinal de confirmação)*

Estagiária: “Mostra-me o teu desenho.”

3ª Sessão Dia 26-06-2014

Estagiária: “O que é que tu desenhas-te?”

G. 1: “Bolas.” (*Apontando para todas as bolas que desenhou*)

Estagiária: “Bolas de quê?”

G. 1: “De um campeonato.”

Estagiária: “De futebol?”

G. 1: (*Abana a cabeça em sinal de confirmação*)

Estagiária: “Então e quem é que são esses?”

G. 1: “É o meu pai, o avô, o Rui e aqui é o avô.” (*Aponta para cada uma das figuras*)

Estagiária: “Então quem é este?”

G. 1: “O pai.”

Estagiária: “E este?”

G. 1: “Avô.”

Estagiária: “E este?”

G. 1: “Gabriel.”

Estagiária: “E este?”

G. 1: “O Rui.”

Estagiária: “E aqui é alguém?”

G. 1: “Sim é o padrinho.”

Estagiária: “E isto é o quê?”

G. 1: “É a chuva.”

Estagiária: “Então e vocês estão a fazer o quê?”

G. 1: “A tomar banho.”

Estagiária: “A tomar banho? Eu pensava que estavam a ver um jogo de futebol.”

G. 1: “Não! As bolas estão aqui. Isto também é uma bola.”

Estagiária: “Está bem. E tens as bolas a onde?”

G. 1: “Aqui.”

Estagiária: “Mas estão em casa?”

G. 1: “Sim, num saco!”

Estagiária: “AH, estão dentro dum saco que tu tens em casa e vocês estão a tomar banho!”

G. 1: “Sim.”

Estagiária: “E depois brincas com as bolas?”

G. 1: “Sim, no parque do Santo António.”

Estagiária: “E gostas de ir lá?”

G. 1: *(Abana a cabeça em sinal de confirmação)*

Estagiária: “Então mostra-me o teu desenho.” *(Pausa)* “Qual é a tua cor preferida G.1?”

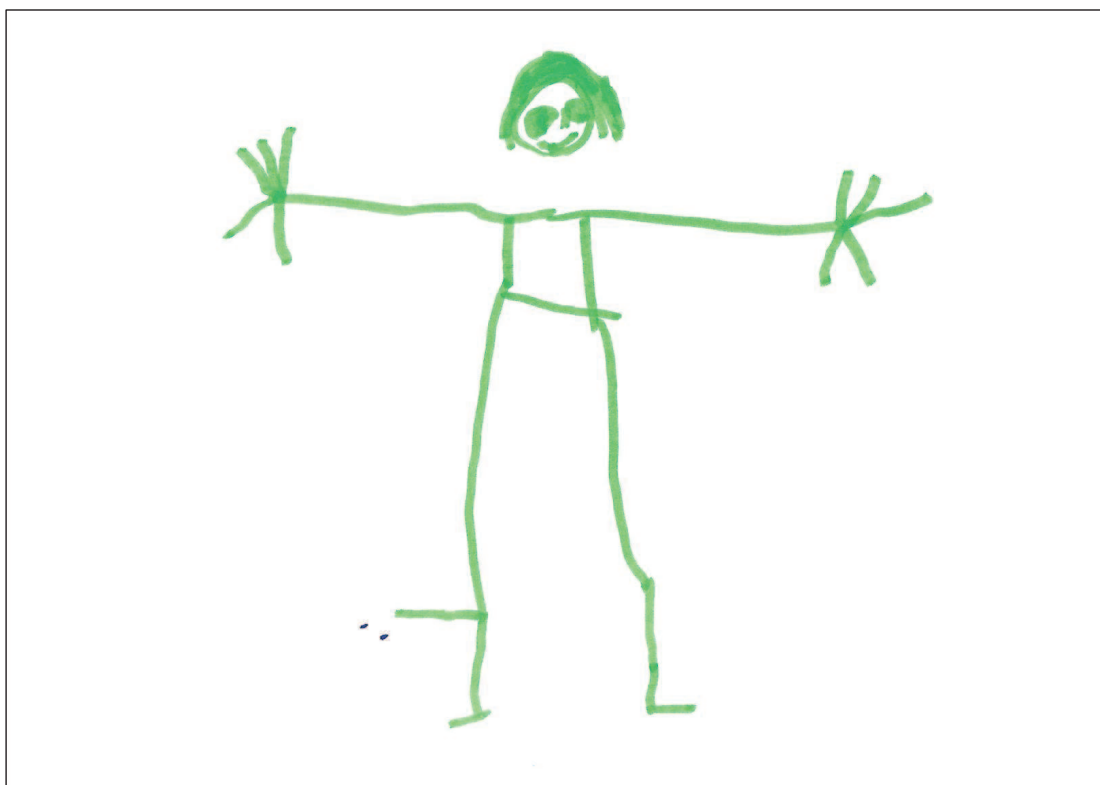
G. 1: “Sporting!”

Estagiária: “Qual é a cor do Sporting?”

G. 1: “Verde.”

Anexo 10 - Representações gráficas do G. 2

Anexo B - Representação gráfica da 2ª fase e respetivo diálogo



2ª Sessão 18-06-2014

Estagiária: “Quem?”

G.2: “A tua professora.”

Estagiária: “Qual professora? A minha professora?”

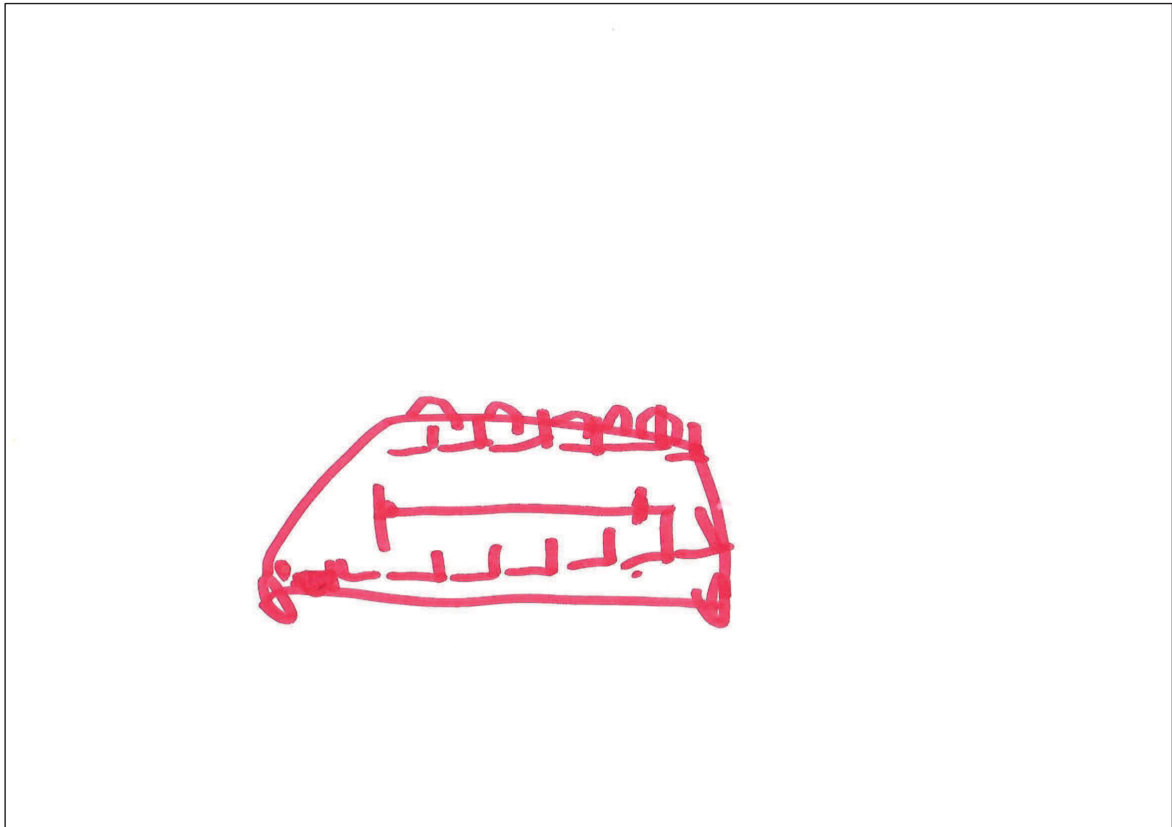
G.2: *(Abanou a cabeça em forma de confirmação)*

Estagiária: “Então mostra para ela ver que vai ficar toda contente.”

(A presença da mãe da criança não permitiu prolongar esta conversa entre estagiária e criança.)

Anexo 11 - Representações gráficas do H.

Anexo A - Representação gráfica da 1ª fase



Anexo B - Representação gráfica da 2ª fase e respetivo diálogo



2ª Sessão 18-06-2014

Estagiária: “O que é que tu desenhaste H.?”

H.: “Uma casa, uma garagem para o carro, desenhei um sol e nuvens.”

Estagiária: “E porque é que desenhaste a casa?”

H.: “Porque uma casa é muito importante para nós vivermos.”

Estagiária: “Por isso é que a casa é importante?”

H.: “Sim.”

Estagiária: “E o carro? Tu também pões o carro na garagem?”

H.: “Mas na minha casa não temos garagem.”

Estagiária: “Mas gostavas de ter?”

H.: “Sim, gostava de ter e temos casas novas para ver que têm garagens.”

Estagiária: “Olha e porque é que pintaste a casa de verde?”

H.: “Também de preto e vermelho.”

Estagiária: “Mas porque o verde e o preto?”

H.: “Para ficar colorido.”

Estagiária: “E do verde e do vermelho, tu gostas?”

H.: “Gosto.”

Estagiária: “Qual é a tua cor favorita?”

H.: “Vermelho, preto e verde.” (*Pausa*) “E amarelo e azul.” (*Apontando para o sol e nuvens.*)

Estagiária: “Mostra-me o teu desenho.”

Anexo C - Representação gráfica da 3ª fase e respetivo diálogo



3ª Sessão Dia 26-06-2014

Estagiária: “H. o que é que tu desenhas-te?”

H.: “Este é a M.L., este sou eu e este é a Diana.”

Estagiária: “Sou eu? Então e porque é que somos nós os três?”

H.: *(Fica pensativo)* “Porque eu gosto.”

Estagiária: “Gostas da M.L.?”

H.: “Sim.”

Estagiária: “O que é que gostas mais de brincar com ela?”

H.: *(Fica pensativo)* “Não sei.”

Estagiária: “Não sabes? Estás esquecido?”

(Pausa)

Estagiária: “E sou eu porquê?”

(Pausa)

Estagiária: “Porque é que me desenhas-te a mim?”

H.: “Porque sim.”

Estagiária: “Gostas de mim?”

H.: “Sim.”

Estagiária: “Muito ou pouco?”

H.: “Muito.”

Estagiária: “Foi por isso que me desenhas-te?”

H.: “Sim.”

(Dão um abraço)

Anexo 12 - Representações gráficas da I.

Anexo A - Representação gráfica da 1ª fase



Anexo B - Representação gráfica da 2ª fase e respetivo diálogo



2ª Sessão 18-06-2014

Estagiária: “O teu desenho tem tantas coisas I. o que é que ele tem? O que fizeste?”

I.: “Eu fiz o céu, as nuvens, fiz um sol, fiz flores e uma menina e fiz uma bola.”

Estagiária: “Essa é uma bola de quê?”

(Pausa)

Estagiária: “É uma bola de futebol, é uma bola saltitona, um balão...”

I.: “É uma bola saltitona.”

Estagiária: “Por isso é que ela está lá em cima?”

I.: “Sim.”

Estagiária: “Olha e isto é o quê?”

(Pausa)

Estagiária: “É o quê?”

I.: “É um castelo.”

Estagiária: “Há um castelo! E essa menina quem é?”

(Pausa)

I.: “É a minha mãe.”

Estagiária: “E a tua mãe vai para o castelo ou está ir-se embora?”

I.: “Está a ir para o castelo?”

Estagiária: “Como as princesas?”

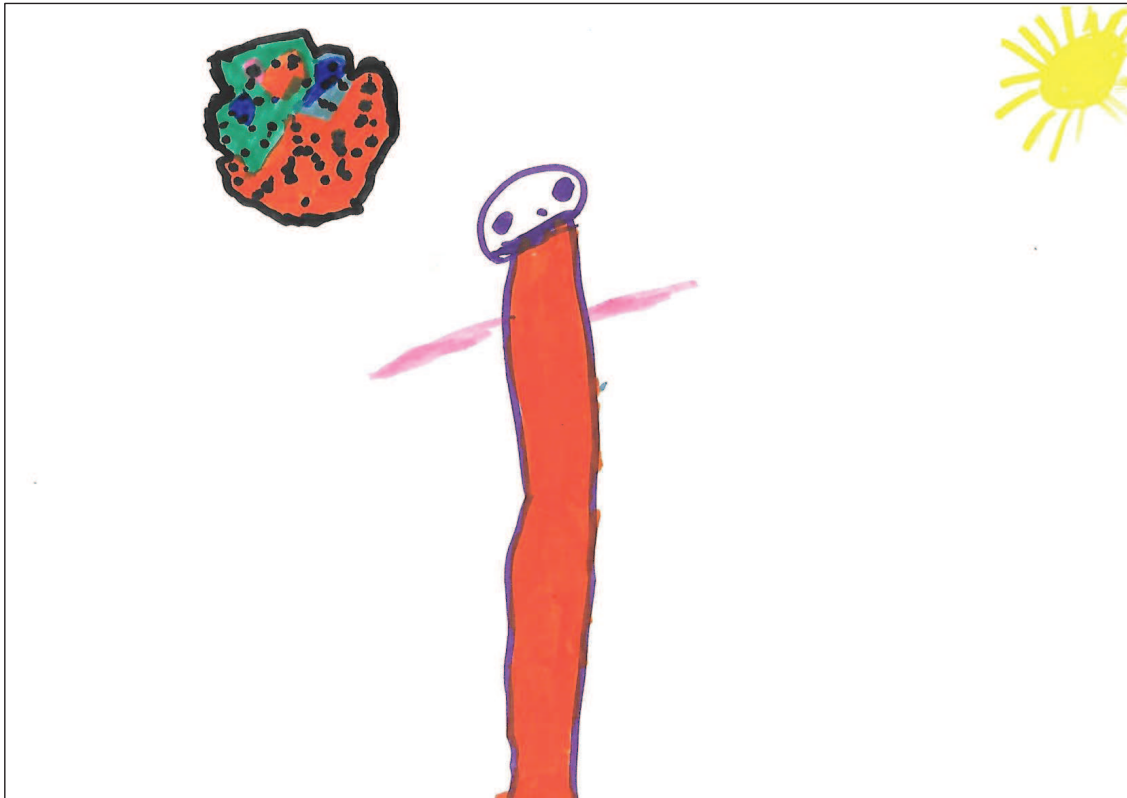
I.: *(Abanou a cabeça em forma de confirmação)*

Estagiária: “Tu gostas das histórias das princesas?”

I.: “Sim.”

Estagiária: “Então mostra-me o teu desenho.”

Anexo C - Representação gráfica da 3ª fase



Anexo 13 - Representações gráficas da L.D.

Anexo A - Representação gráfica da 1ª fase



Anexo B - Representação gráfica da 2ª fase e respetivo diálogo



2ª Sessão 18-06-2014

Estagiária: “L.D. conta-me o teu desenho, o que é que tu fizeste?”

L.D.: “Fiz eu num barquinho.”

Estagiária: “Quem é esta? És tu? *(Apontando para a figura)*”

L.D.: “Sim.”

Estagiária: “E fizeste mais o quê?”

L.D.: “Fiz umas nuvens e um arco-íris.”

Estagiária: “Tu gostas muito do arco-íris não é?”

L.D.: *(Abana a cabeça em forma de confirmação)*

Estagiária: “Então e tu estás num barquinho e vais para a onde?”

L.D.: “Para a casa da Matilde.”

Estagiária: “Que giro!” *(Pausa)* “E porque é que fizeste o barquinho dessa cor?”

L.D.: “Porque eu gosto.”

Estagiária: “É a tua cor favorita?”

L.D.: *(Abana a cabeça em sinal de confirmação)*

Estagiária: “Então mostra-me o teu desenho.”

Anexo C - Representação gráfica da 3ª fase e respetivo diálogo



3ª Sessão Dia 26-06-2014

Estagiária: “O que desenhas-te?”

L.D.: “Esta é a Diana, esta sou eu, o meu pai, a Carolina e a minha mãe.” (*Apontando para cada uma das figuras*) ”

Estagiária: “Então e desenhaste-me a mim, com a tua família? Porquê?”

L.D.: “Porque eu gosto!”

(*Ambas sorriem*)

Estagiária: “Olha e isto é o quê?”

L.D.: “É a chuva.”

Estagiária: “Isto é a chuva?” (*Questiona confusa*) “Então e isto é o quê?”

L.D.: “É a nuvem.”

Estagiária: “Então isto é a nuvem e está a chover é isso? Então e a nuvem já está no chão?”

L.D.: “Já!”

Estagiária: “Então quer dizer que nós estamos à chuva.”

L.D.: (*Abana a cabeça em sinal de confirmação*)

Estagiária: “Ai é? E não faz mal?”

L.D.: “Não.”

Estagiária: “E porque é que desenhas-te desta cor?”

L.D.: “Porque eu gosto.”

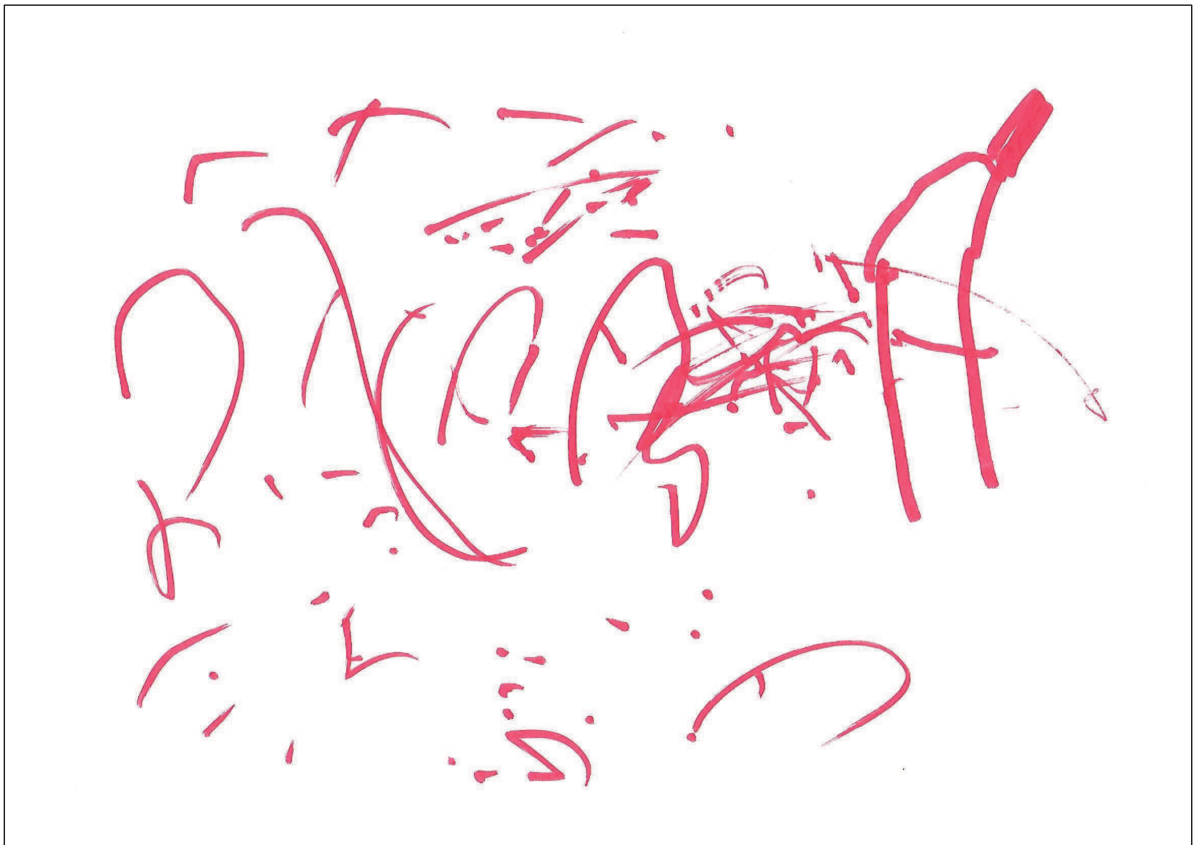
Estagiária: “É a tua cor preferida?”

L.D.: (*Abana a cabeça em sinal de confirmação*)

Estagiária: “Então mostra lá o teu desenho.”

Anexo 14 - Representações gráficas da L.

Anexo A - Representação gráfica da 1ª fase



Anexo B - Representação gráfica da 2ª fase e respetivo diálogo



Estagiária: “O teu desenho tem tantas coisas! O que é que ele tem conta lá?”

L.: “Esta és tu com o cabelo amarelo da tua parte e ali é a parte castanha e preta que é aqui.” (*Apontando para o cabelo da estagiária*)

Estagiária: “AH está bem! Então e desenhaste-me a mim porquê?”

L.: “Porque eu gosto das tuas professoras, dizem que és tu e és tu e és linda...Tens aqui um anel.” (*Apontando para a figura representada*)

Estagiária: “AH obrigada!”

L.: “Castelo de areia, isto, um guarda-sol, uma pá, um “coiso”, uma flor, os números, isto, o céu, uma barbatana...Mais, outro sol, corações, outra flor, uma parte de arrancar de pétalas, uma coisa que é um “bribon” às vezes, isto é uma estrela cadente! Isto é uma pontinha, isto é uma risquinha, isto é isto, isto é um lábio teu cor-de-rosa, isto é um sapato da Cinderela, isto é um chapéu que voa e outra pintinha.” (*Apontando para a figura representada*)

Estagiária: “E tu pintaste os lábios de cor-de-rosa porquê?”

L.: “E de violeta! Porque eu gosto muito de pintar os lábios.”

Estagiária: “E qual é a tua cor favorita?”

L.: “Vermelho e cor-de-rosa.”

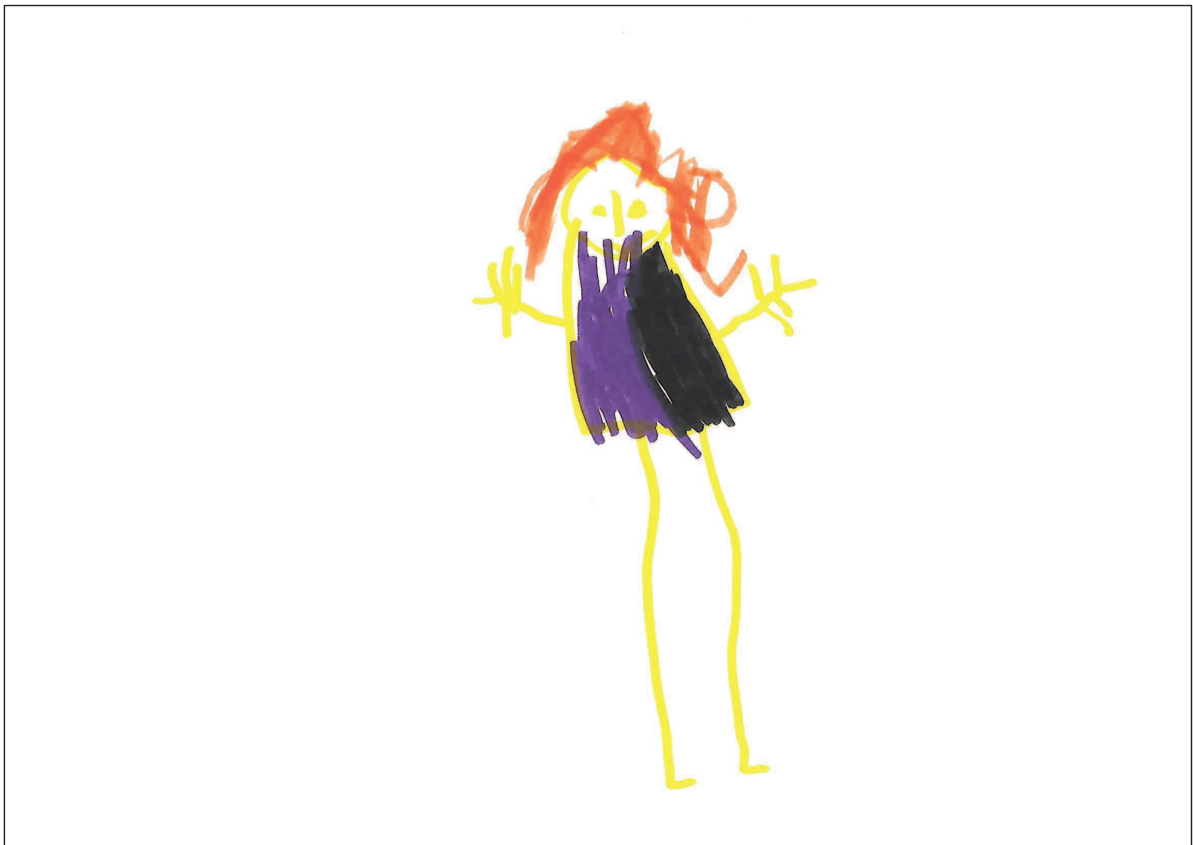
Estagiária: “Então mostra-me o teu desenho.”

Anexo C - Representação gráfica da 3ª fase



Anexo 15 - Representações gráficas da M. 1

Anexo A - Representação gráfica da 1ª fase



Anexo B - Representação gráfica da 2ª fase e respetivo diálogo



Estagiária: “Então M.1 conta-me o teu desenho.”

M.1: “É...aqui tá o sol, aqui é o céu, aqui és tu dentro de casa, aqui está uma janela e tu tens um tereré.” (*Apona para as respetivas figuras*)

Estagiária: “Tenho um tereré?” (*Interroga entusiasmada*)

M.1: “E aqui fora é o jardim.”

Estagiária: “E porque é que me desenhaste a mim?”

M.1: “Porque eu gosto muito de ti.” (*Diz envergonhada*)

(*Dão um abraço*)

Estagiária: “Obrigada M.1. Mostra-me o teu desenho.”

Anexo C - Representação gráfica da 3ª fase e respetivo diálogo



3ª Sessão Dia 26-06-2014

Estagiária: “O que é que desenhas-te M. 1?”

M. 1: “Desenhei tu, eu e a F. Nós no jardim, com uma flor.”

Estagiária: “Estamos as três no jardim a fazer o quê?”

M. 1: “Estamos a dar as mãos.”

Estagiária: “Estamos a passear?”

M. 1: “Sim.”

Estagiária: “Então esta sou eu, esta és tu e esta é a F. Gostas muito de brincar com a F.?”

M. 1: “Sim.” (*Diz baixinho*)

Estagiária: “Olha e qual é a tua cor preferida?”

M. 1: “É o roxo e cor-de-rosa e amarelo.”

Estagiária: “E é por isso que nós estamos pintadas desta cor?”

M. 1: “Sim.”

Estagiária: “Então mostra-me o teu desenho.”

Anexo 2 - Representações gráficas da M.C.

Anexo A - Representação gráfica da 1ª fase



Anexo B - Representação gráfica da 2ª fase e respetivo diálogo



Estagiária: “Conta-me o que desenhas-te.”

M.C.: “A Diana.”

Estagiária: “Quem?”

M.C.: “A Diana!”

Estagiária: “Eu?”

M.C.: “Sim, de roxo.”

Estagiária: “Sou eu?”

M.C.: “Sim e este é o meu cão.”

Estagiária: “E como é que se chama o teu cão?”

M.C.: “Milu” (*Diz contente*)

Estagiária: “Olha e eu estou desenhada de roxo porquê?”

M.C.: “Porque gosto.” (*Diz baixinho*)

Estagiária: “Qual é a tua cor favorita?”

M.C.: “Vermelho.”

Estagiária: “Então e eu estou com o teu cão Milu? Somos só os dois?”

M.C.: “Sim.”

Estagiária: “E fizeste dois arco-íris?”

M.C.: “Sim.”

Estagiária: “Dois?”

M.C.: “E fiz também o sol e as nuvens.”

Estagiária: “Então mostra-me o teu desenho M.C.”

Anexo C - Representação gráfica da 3ª fase e respetivo diálogo



3ª Sessão Dia 26-06-2014

Estagiária: “O que desenhas-te?”

M.C.: “A tua professora!”

Estagiária: “Ai é a minha professora?”

M.C.: *(Abana a cabeça em sinal de confirmação)*

Estagiária: “Não sou eu? Ou é a tua professora, a Madalena?”

M.C.: “Não é a tua!”

Estagiária: “E porque é que a desenhas-te?”

M.C.: “Porque...gosto muito da tua professora!”

Estagiária: “AH é? Então e desenhas-te o arco-íris porquê?”

M.C.: “Porque eu queria desenhar.”

Estagiária: “Então e a minha professora está a onde?”

M.C.: “Está aqui.”

Estagiária: “Então e está aí o sol, as nuvens,...onde é que ela está?”

M.C.: “Está na sala.”

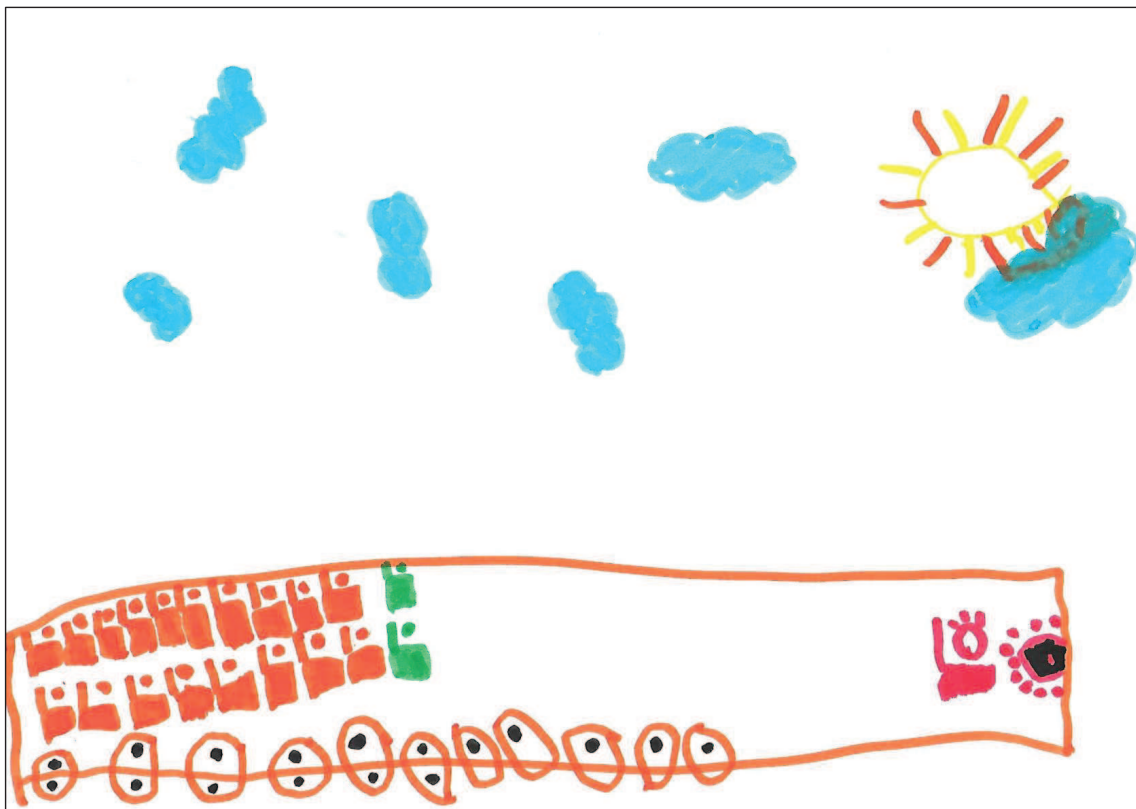
Estagiária: “Na nossa sala?”

M.C.: “Não! Está na sala dela!”

Estagiária: “Então mostra o desenho para ela ver bem.”

Anexo 17 - Representações gráficas da M.L.

Anexo B - Representação gráfica da 2ª fase e respetivo diálogo



Estagiária: “O que desenhas-te M.L.?”

M.L.: “Um autocarro.”

Estagiária: “Porquê?”

M.L.: “Porque gosto de andar nele.”

Estagiária: “E tu andas todos os dias?”

M.L.: *(Abana a cabeça em forma de negação)*

Estagiária: “Não?”

M.L.: “Só quando vou aos passeios.”

Estagiária: “Da escola?”

M.L.: *(Abana a cabeça em forma de confirmação)*

Estagiária: “E gostas de andar no autocarro?”

M.L.: “Também já andei de metro com a minha avó.”

Estagiária: “E qual é que gostas mais? Do autocarro ou do metro?”

M.L.: “Do metro.”

Estagiária: “Olha então e isto é o quê?” *(Apontando para a figura)*

M.L.: “São as rodas.”

Estagiária: “E aqui?”

M.L.: “São as cadeiras.”

Estagiária: “E sentados nessas cadeiras estão pessoas ou não?”

M.L.: “Sim.”

Estagiária: “E porque é que estes dois são verdes?”

M.L.: “Porque eu quis fazer.”

Estagiária: “E aqui quem é que está?”

M.L.: “É o senhor que está a conduzir.”

Estagiária: “E isto é o quê?”

M.L.: “É o volante.”

Estagiária: “E esse autocarro vai para onde?”

M.L.: “Vai...para a Quinta do Caiado.”

(Pausa)

M.L.: “Mas hoje não sou eu que faço anos.”

Estagiária: “Então quem é?”

M.L.: “É o G.2.”

Estagiária: “É o G.2 que faz anos? E tu estás dentro deste autocarro?”

M.L.: *(Abana a cabeça como sinal de confirmação)*

Estagiária: “Estás? Com mais quem?”

M.L.: “Ao pé do D.Q.”

Estagiária: “E quem é que está mais aí?”

M.L.: “Ao pé de mim?”

Estagiária: “Sim, dentro do autocarro quem é que está mais?”

M.L.: “A L., o D.C1 e a M.1, o D.L, o D.R, a E., a M.3, a L.D, a I....*(Continua pensativa)*

Estagiária: “Estão os meninos todos da sala 4 é isso?”

M.L.: “Todos não!” *(Continua a dizer os restantes nomes das crianças do grupo)*
“D.P...”

Estagiária: “São só esses?”

M.L.: “Sim.”

Estagiária: “E fizeste o autocarro de cor de laranja porquê?”

M.L.: “Porque o D.L. gosta de laranja.”

Estagiária: “E tu fizeste de cor-de-laranja porque ele gosta?”

M.L.: *(Abana a cabeça em sinal de confirmação)*

Estagiária: “Então e porque é que não fizeste da cor que tu gostas?”

M.L.: “Também gosto de laranja.”

Estagiária: “E qual é a tua cor favorita?”

M.L.: “É laranja e cor-de-rosa...e amarelo.”

Estagiária: “Então mostra-me o teu desenho.”

Anexo C - Representação gráfica da 3ª fase e respetivo diálogo



3ª Sessão Dia 26-06-2014

Estagiária: “M.L. o que é que desenhas-te?”

M.L.: “Desenhei a ti.”

Estagiária: “Esta sou eu?” (*Apointa para a figura*)

M.L.: (*Sorri*)

Estagiária: “Então e isto é o quê?”

M.L.: “É a toalha.”

Estagiária: “Toalha de banho ou de praia?”

M.L.: “De praia.”

Estagiária: “Então quer dizer que eu estou na praia é? Estou a apanhar banhos de sol?”

M.L.: (*Abana a cabeça em sinal de confirmação*)

Estagiária: “Então porque é que me desenhas-te com a toalha de praia?”

M.L.: (*Fica pensativa*) “Estavas ali deitada a dormir.”

Estagiária: “Então e quiseste-me desenhar a mim porquê? Porque é que não te desenhas-te a ti, ou os amigos...Porque é que sou eu?”

M.L.: “Porque gosto muito de ti”

Estagiária: “Obrigada!”

(*Pausa*)

Estagiária: “Olha e quais são as tuas cores favoritas?”

M.L.: “É vermelho.” (*Pensa mais um pouco*) “Azul...”

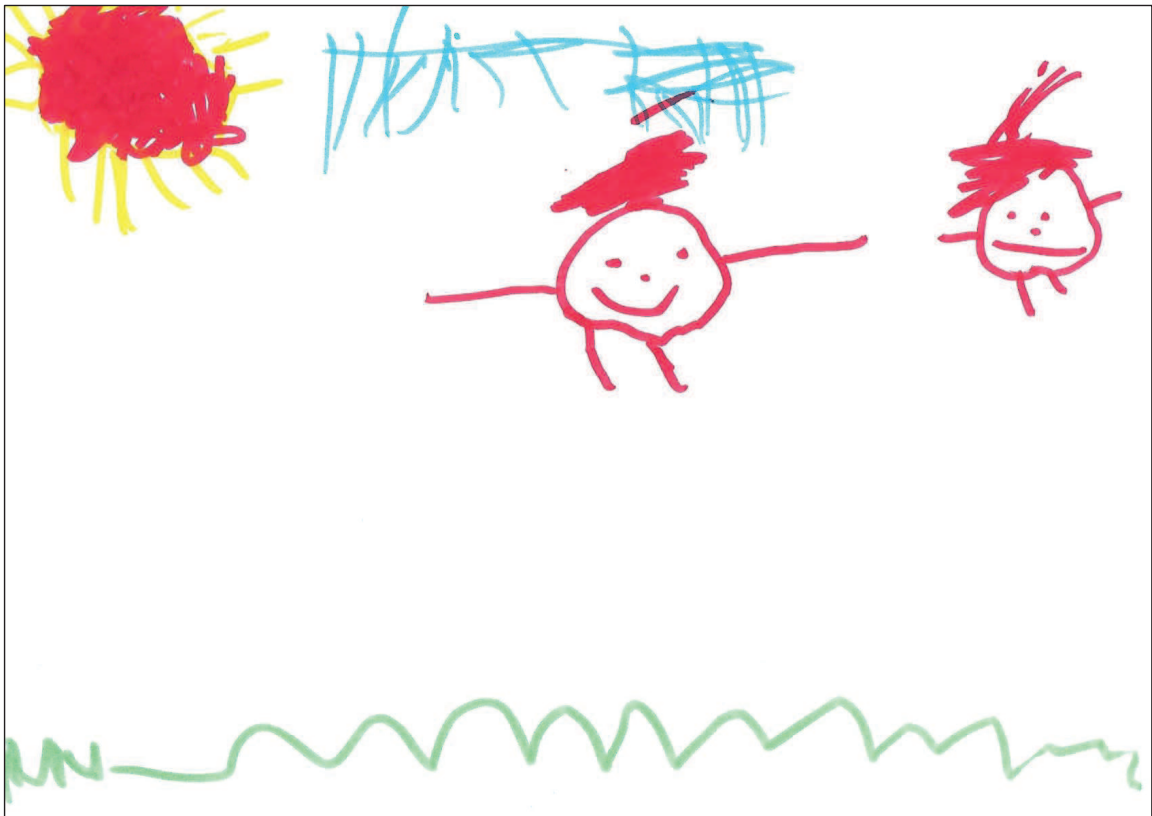
Estagiária: “Tu usas-te azul.”

M.L.: “E amarelo.”

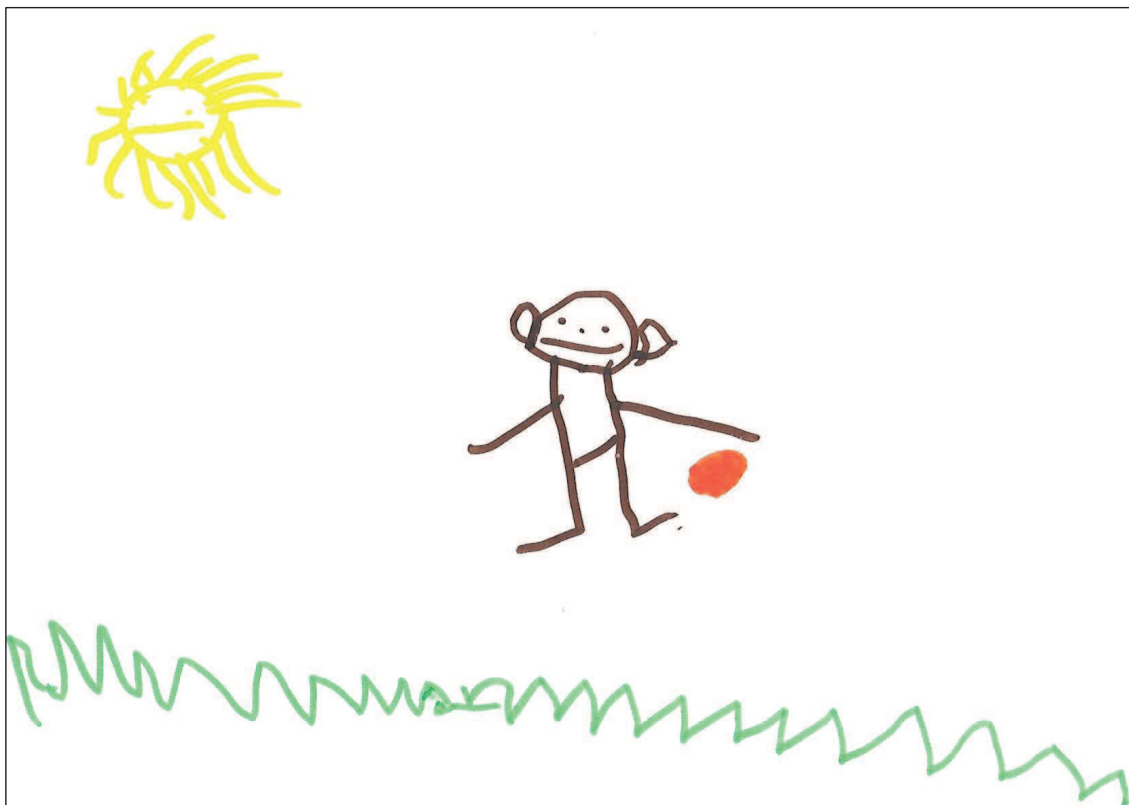
Estagiária: “Mostra-me o teu desenho.”

Anexo 18 - Representações gráficas do M.2

Anexo A - Representação gráfica da 1ª fase



Anexo C - Representação gráfica da 2ª fase e respetivo diálogo



Estagiária: “O que é que tu desenhas-te M.2?”

M2: “Um jogador de futebol.”

Estagiária: “Mas este é um jogador de futebol qualquer ou és tu?”

M2: “É um jogador de futebol a sério.”

Estagiária: “A sério? Como quem?”

M2: “Com uma bola.”

Estagiária: “E fizeste a bola de cor-de-laranja porquê?”

M2: “Porque eu gosto de bolas “cor-de-laranjas”.”

Estagiária: “É a tua cor favorita?”

M2: “Sim.”

Estagiária: “E tu gostavas de ser assim um jogador de futebol?”

M2: “Sim.”

Estagiária: “É o que tu mais gostas de fazer?”

M2: “Sim.”

Estagiária: “Então mostra-me o teu desenho.”

Anexo C - Representação gráfica da 3ª fase e respetivo diálogo



3ª Sessão Dia 26-06-2014

Estagiária: “O que é que tu desenhas-te?”

M. 2: “Jogadores da bola.”

Estagiária: “De que clube?”

M. 2: “Do Benfica... e do Sporting.”

Estagiária: “Então quem é este?” (*Apontando para a figura*)

M. 2: “Sporting.”

Estagiária: “E este?”

M. 2: “Sporting.”

Estagiária: “Então e este?”

M. 2: (*Fica pensativo*) “Nada!”

Estagiária: “Este não é ninguém?”

M. 2: “Não, não é ninguém porque não tem olhos. Morreu.”

Estagiária: “Então e este?”

M. 2: “Morreu.”

Estagiária: “E este?”

M. 2: “Não, este é o árbitro.”

Estagiária: “Que é muito importante não é?”

M. 2: “Sim, para apitar o jogo.”

(*Conversa com G. 1*)

G. 1: “Vou fazer um “ábito”.

M. 2: “AH mas eu já fiz!”

Estagiária: “E este?” (*Apontando para outra figura*)

M. 2: “Esse é... (*fica pensativo*) Esse está assentado no estádio.”

Estagiária: “É o que está a ver o jogo? Então e este?”

M. 2: “É uma baliza, este está a defender.”

Estagiária: “É o guarda-redes.”

(Pausa)

Estagiária: “Então e estes três?”

M. 2: “São do Benfica.”

Estagiária: “E quem é que está a ganhar?”

M. 2: “Benfica, o vermelho.”

Estagiária: “Tu és do Benfica?”

M. 2: *(Abana a cabeça em sinal de confirmação)*

Estagiária: “Mostra lá o teu desenho.”

Anexo 19 - Representações gráficas da M.3

Anexo A - Representação gráfica da 1ª fase



Anexo B - Representação gráfica da 2ª fase e respetivo diálogo



2ª Fase

18-06-2014

Estagiária: “Conta-me o que tu desenhas-te.”

M3: “Este é o meu pai, este é a minha mãe, este é a minha mana Mafalda, este é o meu mano Tomás, este é o meu mano Francisco, este é o meu mano (nome não perceptível), eu sou esta, esta é a minha prima Mimi, este é o senhor que tá a guiar, este é o meu cão “Portus” e estas são as nossas malas.”

Estagiária: “Então e vocês vão todos de viagem?”

M3: “Sim.”

Estagiária: “Vão para onde?”

M3: “Para...França.”

Estagiária: “E o que vais ver em França?”

M3: “A minha casinha.”

Estagiária: “Vais ver o quê?”

M3: “A minha casinha.”

Estagiária: “Olha e isto é o quê? São as malas também?”

M3: “Sim.”

Estagiária: “E fizeste os corações porquê?”

M3: “Porque...eu gosto.”

Estagiária: “Gostas do quê?”

M3: “Dos meus manos.”

Estagiária: “Olha e isto é o quê?” (*Aponta para a figura correspondente*)

M3: “É um carrinho à frente.”

Estagiária: “Estás na fila é?”

M3: “Sim.”

Estagiária: “Mostra-me o teu desenho.”

Anexo 20 - Representações gráficas do R.

Anexo A - Representação gráfica da 1ª fase



Anexo B - Representação gráfica da 2ª fase e respetivo diálogo



2ª Sessão Dia 18-06-2014

Estagiária: “Conta-me o teu desenho. O que é que fizeste?”

R.: “Fiz o meu pai, a minha mãe e eu.”

Estagiária: “Então quem é este?”

R.: “Isso é o meu pai...com a roupa”

Estagiária: “E esta?”

R.: “A minha mãe.”

Estagiária: “Então e quem é que está aqui?”

R.: “A minha mana!”

Estagiária: “Então mas ela está ao pé da mãe, ao colo da mãe...onde é que ela está?”

R.: “Ela...a minha mãe está a brincar com ela.”

Estagiária: “Então e este?”

R.: “Sou eu!”

Estagiária: “Então e o que é que vocês estão a fazer os quatro?”

R.: “Estamos a ver a bola.”

Estagiária: “Estão a ver um jogo de futebol? E quem é que está a jogar?”

R.: “Haa...Porto e Benfica.”

Estagiária: “Tu és de que clube?”

R.: “Haa...desta cor.”

Estagiária: “És do Benfica ou do Sporting?”

(Pausa)

Estagiária: “És do Benfica ou do Sporting? Qual é a cor?”

R.: “Benfica”

Estagiária: “Então e estas aqui são o quê?”

R.: “Isto é um mapa...tem um X.”

Estagiária: “E isto?”

R.: “Isso...é as escadas para eu subir. A minha mana fica aqui...aqui ao meu lado e eu ao lado da minha mana.”

Estagiária: “Então vocês aqui na sala estão a ver o jogo é?”

R.: “Sim.”

Estagiária: “Então mostra-me o teu desenho.”

Anexo C - Representação gráfica da 3ª fase e respetivo diálogo



3ª Sessão Dia 26-06-2014

Estagiária: “Então mas que desenho é este? O que é que tu desenhas-te?”

R.: “É um barco.”

Estagiária: “Um barco?”

R.: “Sim.”

Estagiária: “E este barco o que é que tem lá dentro?”

R.: “Tem canhões.”

Estagiária: “Canhões para disparar?” (*Questiona surpresa*)

R.: “Sim.”

Estagiária: “Contra o quê?”

R.: “Contra os maus.”

(Pausa)

Estagiária: “Então e este barco vai para a onde?”

R.: “Vai para a minha casa.”

Estagiária: “Porque é que desenhas-te um barco?”

R.: “Eu gosto bué de “bacos”.”

Estagiária: “Gostas muito dos barcos? Tem haver com o trabalho do pai é?”

R.: (*Abana a cabeça em sinal de confirmação*)

Estagiária: “Olha e porque é que desenhas-te verde?”

R.: “É a minha cor preferida.”

Estagiária: “Mostra-me o desenho.”

Anexo 21 - Representações gráficas do S.

Anexo A - Representação gráfica da 1ª fase



Anexo B - Representação gráfica da 2ª fase e respetivo diálogo



2ª Fase

18-06-2014

Estagiária: “S. que desenho é que tu fizeste?”

S.: “Eu fiz um peixinho e um pescador com um sol e o arco-íris.”

Estagiária: “Então e isto é o quê?” (*Aponta para a figura correspondente*)

S.: “É o barco.”

Estagiária: “E isto?”

S.: “Isto é parte da cabeça do pescador.”

Estagiária: “E isto é o quê?”

S.: “Isto é outro barco.”

Estagiária: “E aqui quem é que está?”

S.: “Está aqui o peixinho.”

Estagiária: “Então e o peixe estava no mar ou já estava dentro do barco?”

S.: “Tava dentro do barco.”

Estagiária: “Olha e porque é que fizeste um peixe, um barco e um pescador?”

S.: “Porque...” (*Fica pensativo*)

Estagiária: “Porquê?”

S.: “Porque eu gosto.”

Estagiária: “Foi por causa da fábula que nós demos?”

(Pausa)

Estagiária: “Gostas-te muito dessa fábula foi?”

S.: (*Abana a cabeça como sinal de confirmação*)

Estagiária: “Olha e isto é o quê?”

S.: “Isto... a L.D. também fez isto.”

Estagiária: “Fizeram os dois?”

S.: (*Abana a cabeça como sinal de confirmação*)

Anexo C - Representação gráfica da 3ª fase e respetivo diálogo



3ª Sessão Dia 26-06-2014

Estagiária: “O que é que tu desenhas-te S.?”

S.: “Um sol...Eu desenhei um chapéu de praia, eu e a minha mãe.”

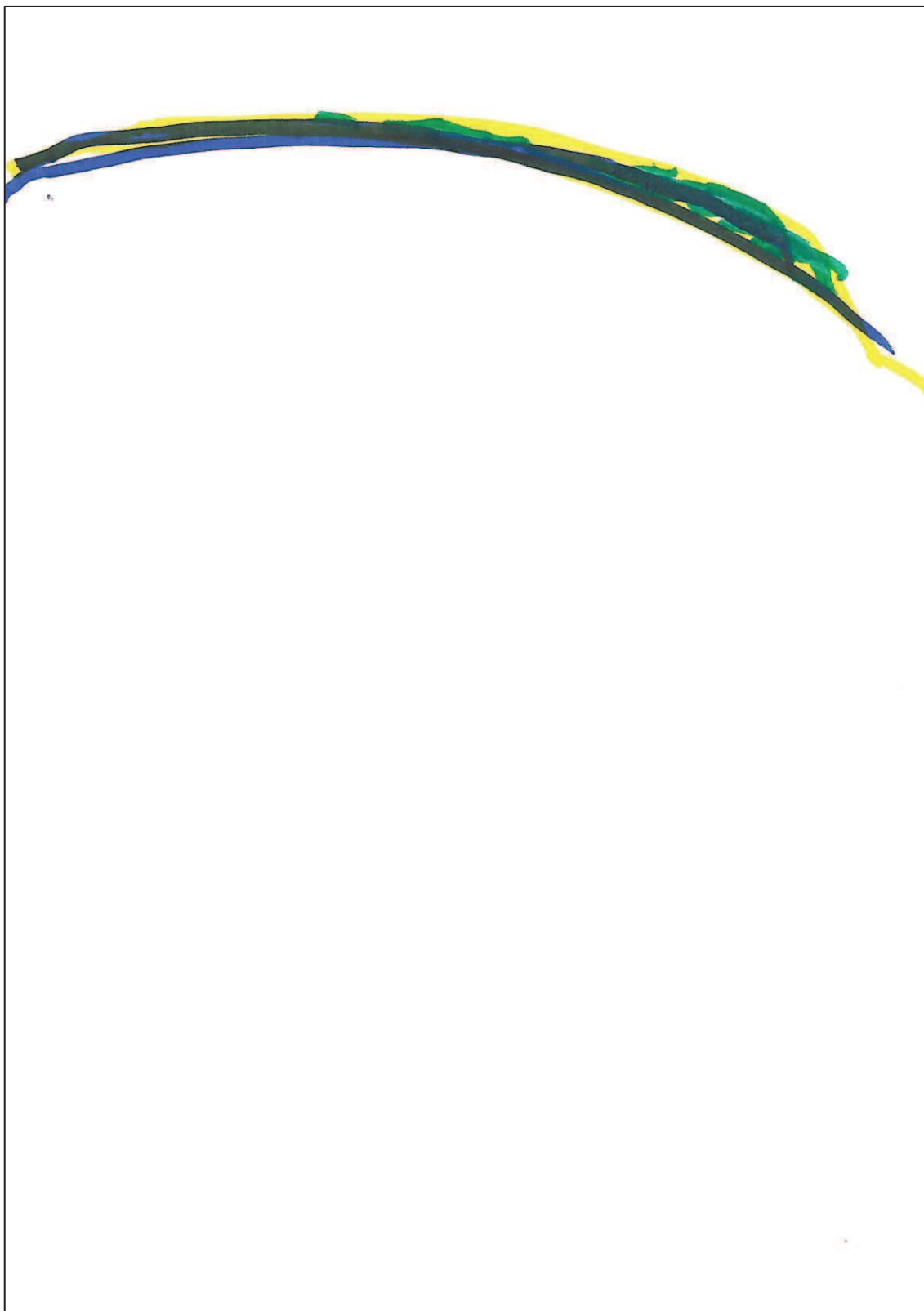
Estagiária: “E é cor-de-laranja porquê?”

S.: “Porque é a minha cor preferida.”

Nota: Não foi possível registar mais pormenores deste desenho devido à presença de outras crianças do grupo.

Anexo 22 - Representações gráficas do V.

Anexo A - Representação gráfica da 1ª fase



Anexo B - Representação gráfica da 2ª fase e respetivo diálogo



V.: “Bem...isto é o futebol.”

Estagiária: “Quem é este?”

V.: “Esse é o meu pai do futebol que é da equipa do Benfica.”

Estagiária: “Tu és do Benfica?”

V.: “Sim.”

Estagiária: “E isto é o quê?” (*Aponta para a figura representada*)

V.: “É a bola do meu pai do Benfica. E falta a águia do Benfica.”

Estagiária: “Então e não queres fazer a águia do Benfica?”

V.: “Sim, quero que é amarela.”

(Escolhe um caneta e começa a desenhar.)

Estagiária: “Essa é a águia?”

V.: “É.”

Estagiária: “Então e a águia precisa do quê?”

V.: “Assas.”

Estagiária: “Então vá...”

V.: “Assas para voar, já está!”

Estagiária: “Já está?”

V.: “A águia do Benfica.”

Estagiária: “Olha então e fizeste o jogador de futebol de azul porquê?”

V.: “Do Benfica.”

Estagiária: “Então e qual é a cor do Benfica?”

V.: “É a camisola...vermelha.”

Estagiária: “Então e fizeste de azul porquê?”

V.: “Porque eu não consigo encontrá-la.”

(Pausa)

V.: “Há já sei onde ela está!” *(Procura uma caneta vermelha)* “Não há aqui vermelho!

Eu não posso fazer a camisola do Benfica.”

(Volta a procurar uma caneta vermelha e começa a desenhar)

Estagiária: “Isso é o quê?”

V.: “É a camisola do Benfica.”

(Pausa)

V.: “A camisola do Benfica é toda pintada?”

Estagiária: “É.”

(Pausa)

Estagiária: “Como é que tu vês os jogadores na televisão? Têm a t-shirt toda vermelha?”

V.: “Sim.”

(Pausa)

V.: “Já está a camisola do Benfica!”

Estagiária: “Já está?”

V.: “Sim.”

Estagiária: “Já está o teu desenho?”

V.: “Já.”

Estagiária: “Mostra.”

V.: “Camisola do Benfica, és o maior...” *(Diz cantando)*

Anexo C - Representação gráfica da 3ª fase e respetivo diálogo



3ª Sessão Dia 26-06-2014

Estagiária: “Conta-me o teu desenho.”

V.: “Isto é a “tovoada”, isto aqui é o barco, isto é o volante...” (*Apontando para as figuras do desenho*)

Estagiária: “Isto é o quê?”

V.: “O volante.”

Estagiária: “O volante do barco!”

V.: “E as velas e as (palavra não perceptível) e o mar.”

Estagiária: “Então e o mar é dessa cor? (*Está representado em cor-de-laranja*)

V.: “Eu faço como eu quiser!”

Nota: Devido a uma falha no dispositivo de gravação, a restante conversa não foi gravada.